

REVISTA MENSAL

RN/ECONÔMICO

ANO XIII — N.º 130 — ABRIL/82 — CR\$ 250,00

A IDEOLOGIA DOS ESTUDANTES DA UFRN



**TV-U:
O QUE
FALTA
PARA BOA
IMAGEM**

**O BOOM DAS
MOTOS E OS
DESENGANOS**

**CAPITAL ESPACIAL,
UM SLOGAN
ESTÁ AMEAÇADO**

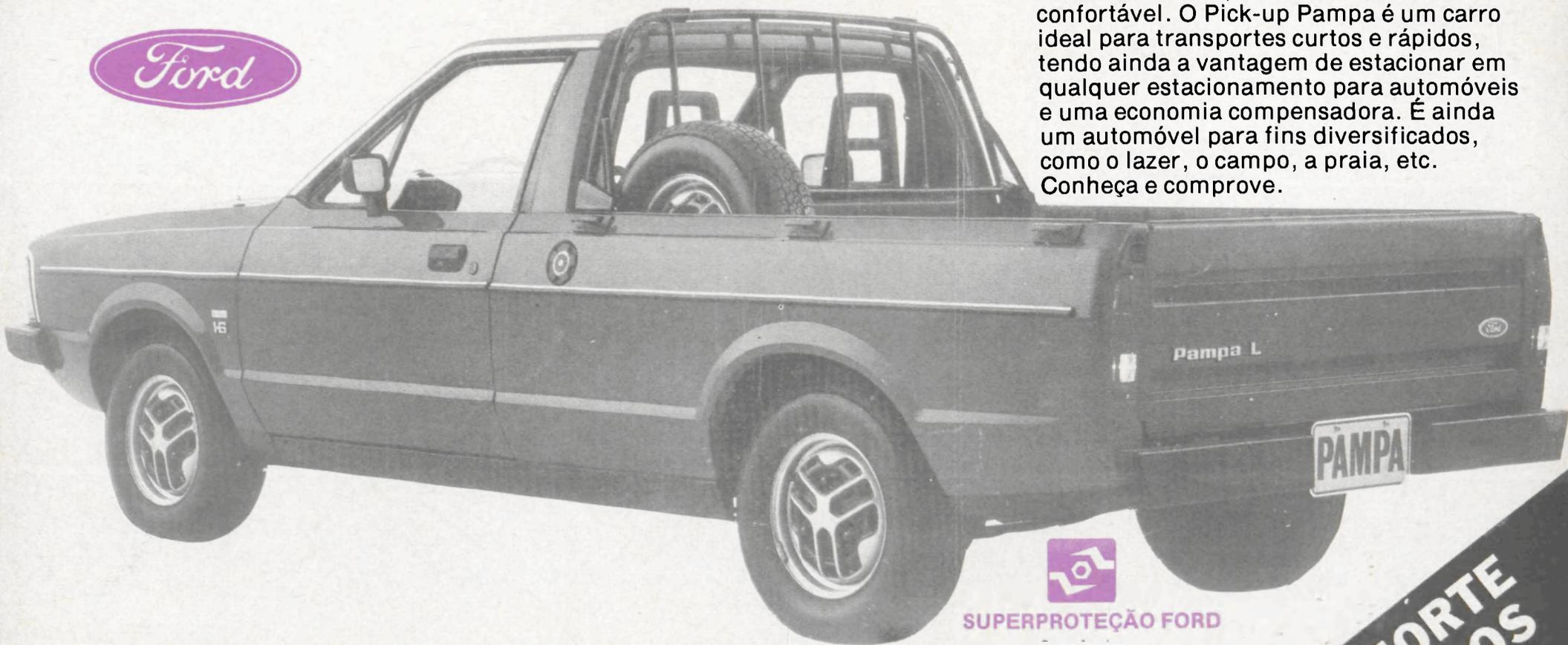
**COMO
SURTIU
O PACTO
DE SOLIDÃO**

**BUSCA AO DINHEIRO,
DRAMA DE SUSPENSE
DO EMPRESÁRIO DO RN**

Tudo o que você espera de um pick-up com a economia e o conforto de um automóvel.



O Pick-up Ford Pampa é o único em sua categoria com as características de um veículo moderno, versátil e muito mais confortável. O Pick-up Pampa é um carro ideal para transportes curtos e rápidos, tendo ainda a vantagem de estacionar em qualquer estacionamento para automóveis e uma economia compensadora. É ainda um automóvel para fins diversificados, como o lazer, o campo, a praia, etc. Conheça e comprove.



SUPERPROTEÇÃO FORD

Se você quiser,
o Pick-up Ford Pampa
pode vir com a
Superproteção Ford.
É um plano de extensão
de serviço para proteger
o veículo,
mesmo após a
garantia de fábrica.

Pick-up Ford Pampa L

**GRANORTE
VEÍCULOS**
Av. Salgado Filho, 2810
Tels.: 231-4586 / 2087 e 4272

ÍNDICE



CIDADE

Como surgiu e como age o Pacto de Solidão	13
Vai ser muito quente a Campanha Política	17
Nem sempre da discussão nasce a luz	20
Surtos estão dando sustos no natalense	22
Prev-Saúde dá sinal de vida	23
Motos nem sempre a solução ideal	24
Vídeo-cassete terá preço prejudicado em Natal	31
Situação econômica é ruim para cinemas	35
Fiern capricha no Dia da Indústria	36
Desemprego se agrava na construção civil	36
Natal está perdendo slogan de Capital Espacial	41



ESPECIAL

Qual a ideologia do estudante da UFRN? Qual seu pensamento político? Em média, é de esquerda, basicamente de Oposição. Esta a conclusão de uma pesquisa que RN/ECONÔMICO realizou. Não chega a surpreender, em se tratando do pensamento de jovens. (Página oito).

ESTADO

Empresários de Mossoró querem participar mais	42
Colonos vêem tudo errado com a Serra do Mel	44

SEÇÕES

Homens & Empresas	4
-------------------------	---

ARTIGOS

Manoel Barbosa	7
Cassiano Arruda	16
Jorge Wagner	34
Cortez Pereira	38
Rosemilton Silva	62

HUMOR

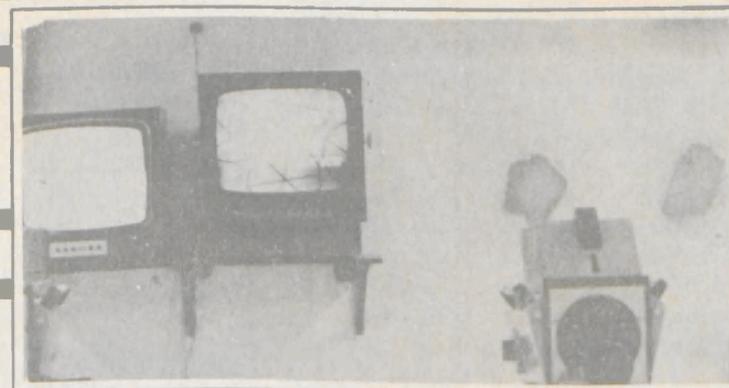
Cláudio	60
---------------	----



O custo do dinheiro no Rio Grande do Norte é quase impossível de ser calculado. É tão difícil quanto o próprio dinheiro. Os artificios que elevam os custos passam por uma minifloresta de siglas e cálculos mais ou menos esotéricos. Tudo isso é tempo e dinheiro (Pág. 28).



A Empresa Industrial Técnica — EIT, está partindo para grandes negócios na Arábia Saudita e, a esta altura, seu diretor-presidente, José Nilson de Sá já deve estar em Jeddah amarrando os primeiros contratos que lhe vão dar participação num conjunto de obras orçadas em 250 bilhões de dólares, juntamente com várias outras grandes empresas. (Pág. 38).



Produzindo 34 programas, a TV-U, contudo, não chega a se impor com uma boa imagem. Todos a querem comparar com a TV-Globo e esquecem que é, tão somente, um Núcleo de Tecnologia Educacional. Seu produto é ensino (Pág. 39).

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XIII • N.º 130 • ABRIL/82 • CR\$ 250,00

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira
DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira.

REDAÇÃO

DIRETOR DE REDAÇÃO: Manoel Barbosa

ARTE E PRODUÇÃO

CHEFE: Euryly Moraes da Nóbrega

PROGRAMAÇÃO VISUAL: Moacir de Oliveira
DIAGRAMAÇÃO: Francisco Enéas Peixoto
FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Paulo de Souza
GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em

assuntos sócio-econômicos do Rio Grande do Norte, é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001.61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Telefone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 250,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 3.000,00. Preço do número atrasado: Cr\$ 500,00.



EMPRESÁRIOS E RN/ECONÔMICO — O mundo empresarial do Rio Grande do Norte prestigiou o lançamento da edição especial de **RN/ECONÔMICO** que marcou não só a nova fase da publicação como a publicação da relação das 100 empresas que mais pagaram ICM no Estado, no último ano fiscal, segundo levantamento de uma equipe técnica da Secretaria da Fazenda. O lançamento foi realizado na Associação Comercial.

COMPUTADOR TAMBÉM NA FEIRA — A Sistema S/A Processamento de Dados marcou presença na I Feira dos Municípios com a instalação de um computador para demonstrações e cadastramento dos visitantes no seu stand.

★ ★ ★

PALESTRAS SOBRE A JOJOBA — Empresários do setor agropecuário vão ter oportunidade de receber substanciais informações sobre todas as propriedades da jojoba no I Ciclo de Palestras Sobre Jojoba que será realizado de 20 a 22 de julho no auditório do SESC. Especialistas no assunto, do mais alto nível, vão proferir conferências.

★ ★ ★

INOVAÇÃO EM TURISMO — A Empresa de Promoção e Turismo do Rio Grande do Norte — **EMPROTURN**, ao promover o programa "Siga os Caminhos do Elefan-

te", tornou-se a segunda empresa no gênero, no País, a explorar esse tipo de turismo interno. A primeira foi a Bahiatursa. O presidente da Emproturn, Jussier Santos, está satisfeito com os resultados.

★ ★ ★

CASA FORTE LANÇA PARQUE DAS ROSAS — Na primeira quinzena de maio a Casa Forte Imobiliária vai lançar o conjunto residencial Parque das Rosas, na estrada de Ponta Negra, perto do viaduto. São 108 apartamentos, em nove blocos, prédio sobre pilotis, com financiamento da Caixa Econômica Federal. Cada apartamento custará Cr\$ 4.906.000,00 — preços até junho.

★ ★ ★

MOINHO DE OURO COM NOVO EQUIPAMENTO — O Moinho de Ouro acaba de adquirir em São Paulo uma moderna máquina empacotadora com a capacidade

de fechar 40 quilos por minuto.

★ ★ ★

OPEL, EXCLUSIVO DAS TINTAS RENNER — A Opel, especializada na venda de equipamentos de segurança, passa a ser revendedora exclusiva, no RN, das tintas Renner.

★ ★ ★

BANORTE REATIVA FINANCIAMENTO IMOBILIÁRIO — A partir de 1.º de maio o Banorte reativa o seu setor de financiamento para reforma de imóveis já quitados através da Banorte Crédito Imobiliário. Os recursos são ilimitados. Também em maio, o Banorte vai operar com o programa de condomínio fechado para grupos de duas a 150 pessoas, segundo a linha de crédito recentemente aberta pelo Sistema Financeiro de Habitação para esse fim. Os grupos interessados já poderão procurar informações na

sede da agência.

★ ★ ★

CIDA É ACIONISTA DO PROJETO CAMARÃO — A Companhia Integrada de Desenvolvimento Agropecuário — CIDA, já é acionista do Projeto Camarão, embora ainda não tenha integralizado o capital. A sua participação implica na responsabilidade da implantação física das obras do projeto, como abertura e nivelamento de estradas, edificação e viveiros, assim como recuperação do dique principal. Afirma o diretor técnico da CIDA, Tilon Gurgel, que ainda este ano 110 hectares já estarão funcionando em base experimental.

★ ★ ★

MAQVETTI, ASSIS-TÊNCIA TÉCNICA EXCLUSIVA — A Maqvetti, recentemente criada por João Batista Rodrigues e Natanael Braga Trajano, ex-antigos funcionários de Porcino

HOMENS & EMPRESAS

Irmãos Comercial Ltda., está prestando assistência técnica exclusiva às máquinas Olivetti, IBM e aos minicomputadores Prológica. Agora, a Porcino apenas revende essas marcas.

★ ★ ★

HOTEL TERMAS JÁ É RENTÁVEL — No exercício de 1981 e com dois anos de funcionamento, o Hotel Termas, de Mossoró, apresentou um lucro de quase Cr\$ 18 milhões, segundo informações do diretor da Nortel, Giovanni Rodrigues.

★ ★ ★

WALTER PEREIRA, REVENDEDOR DISMAC E KODAK — Desde o início deste ano que Walter Pereira, Livraria e Papelaria Ltda. recebeu autorização para revender em Natal as máquinas calculadoras Dismac, os filmes e projetores Kodak. Mas só agora, efetivamente, iniciou a fase de vendas.

★ ★ ★

UNIMED AUMENTA CONTRATOS FAMILIARES — Aumentou em torno de 40% a procura de Contratos Familiares firmados com a UNIMED de Natal — Sociedade Cooperativa de Trabalhos Médicos Ltda —, em face à crescente contenção de exames e serviços, recentemente imposta pelo INAMPS, é o que afirma o seu diretor, médico Gley Nogueira. O Contrato Familiar dá acesso à família conveniada a todos os serviços médicos e laborato-



riais da UNIMED, garantiu o dr. Gley.

★ ★ ★

BANCO CENTRAL AUTORIZA 18 FILIAIS PARA O UNIBANCO — Mais dezoito cidades do interior do Rio Grande do Norte passarão a ter uma agência de Banco particular. É que o Banco Central autorizou a abertura de 18 filiais do UNIBANCO, que terá um ano para se instalar, a contar deste mês. As cidades contempladas são: Monte das Gameleiras, Jandaíra, Maxaranguape, Japi, Lagoa Nova, Espírito Santo, Olho D'água dos Borges, Passa e Fica, Ielmo Mari-

nho, Januário Cicco, Baía Formosa, Campo Redondo, Bom Jesus, Vera Cruz, Montanhas, Lagoa dos Velhos, São Pedro e Sítio Novo. Nessas cidades, a grande maioria não tinha agência bancária e as que possuem são de bancos oficiais.

★ ★ ★

EMATER REVELA ÊXITO COM BIODIGESTOR — O diretor-presidente da Emater-RN, agrônomo Gilzenor Sátiro, afirma terem sido satisfatórios todos os trabalhos preliminares com o biodigestor que vem aperfeiçoando há cerca de dois anos.

HOSPITAL SANTA ISABEL TERÁ CREDENCIAMENTO DO INAMPS — Nesses próximos trinta ou sessenta dias, o Hospital Santa Isabel, recentemente inaugurado, será mais uma unidade de saúde no Estado credenciada pelo INAMPS, conforme afirmam seus diretores. O requerimento foi feito perante a Superintendência do Instituto e aguarda-se, tão somente, o posicionamento da entidade.

★ ★ ★

GOVERNO PROPÕE COMPOSIÇÃO COM T. BARRETO — Em recente reunião para uma composição dos compromissos da empresa de confecções T. Barreto, o Governo do Estado apresentou a sugestão de transformar a dívida atrasada do ICM na participação acionária.

★ ★ ★

PRESENÇA DO RN NA FENIT — A Secretaria da Indústria e Comércio está cuidando com muito empenho, este ano, da presença do Rio Grande do Norte na Fenit, em São Paulo, estando preparando uma campanha promocional das potencialidades industriais do Estado para atrair investidores.

★ ★ ★

FEIRA DE CARROS USADOS DA SAVEL — A iniciativa da Savel, instituindo a sua Feira de Carros Usados, aos sábados, está plenamente vitoriosa e tem proporcionado a realização de bons negócios.



A VIACÃO NORDESTE TAMBÉM TESTOU E COMPROVOU

Radial de Aço da Goodyear é mesmo mais do que pneu

Os ônibus da Viação Nordeste rodam, por mês, milhares de quilômetros. Só mesmo mais do que um pneu para aguentar. Faça como a Nordeste e outras grandes empresas de transportes: use, teste e comprove o Radial de Aço da Goodyear. Em Natal, DUAUTO PNEUS dispõe da mais completa linha de pneumáticos da Goodyear, dispondo ainda de completa assistência técnica.

DUAUTO PNEUS

Rua Presidente Bandeira, 1244
Fone: 223-4402 e 223-3137 — Natal/RN

O IMPOSSÍVEL VIÁVEL

MANOEL BARBOSA

Revista mensal é como revólver de uma bala só. Não se pode falhar. Num revólver com seis balas, é possível errar um ou outro disparo no alvo, porque sempre sobra bala; numa publicação semanal ou diária, a periodicidade mais curta permite que os erros sejam corrigidos com mais rapidez de modo a não dar muito na vista. A revista mensal corre muitos riscos, inclusive o da rapidez dos acontecimentos. E fica muito exposta aos exames, à apreciação.

No Brasil, não são muitas as revistas mensais, embora tenham sido muitas as que tiveram vida efêmera com circulação mensal. Excelentes revistas, como "Realidade", apesar do seu nível e dos seus recursos, não conseguiram sobreviver por muito tempo. "Realidade" mesmo hoje é uma saudosa lembrança na memória dos jornalistas que cultuam o bom e heróico jornalismo neste País. Porém, mesmo sendo sucesso de público e de vendas — e, sobretudo, de credibilidade — "Realidade" não conseguiu vencer o tempo. Não só o tempo, diga-se. Sabe-se, hoje, que tanto quanto o tempo, aquela que foi a maior revista de reportagem de todos os tempos no Brasil teve contra si também as profundas dissensões internas no Grupo — Editora Abril — que a editava.

Poderíamos abordar mais as dificuldades de uma revista mensal. É um tema de certo modo curioso, num País praticamente indigente de revistas mensais. Sim. Porque se trata de um tipo de publicação muito específico, como é fácil supor. E que exige um público/leitor predisposto a absorver um tipo de informação mais elaborada, sem ser o que se costuma chamar de "frio".

A revista mensal exige até mesmo um tipo de mão-de-obra jornalística especial. Não que seja uma mão-de-obra melhor ou pior do que a empregada no jornal diário ou nas revistas semanais. Mas uma mão-de-obra de um determinado tipo, que tem de submeter-se a um determinado ritmo e possuir a sincronia acoplada ao ciclo circadiano do mês informacional.

RN/ECONÔMICO é uma revista mensal há 12 anos e pretende continuar sê-lo por muito tempo. Nessa atual fase, foi incorporada toda a experiência dos seus primeiros 12 anos como suporte à sua reciclagem. A proposta deste veículo, no momento, tendo em vista todas as circunstâncias, é muito mais profunda do que pode parecer à primeira vista.

Nós estamos com a pretensão de varar a barreira do tempo e criar um conceito de uma publicação estável, de nível, eclética e abrangente justamente no Estado e na Região do Brasil onde tem a menor chance da ocorrência de tal acontecimento.

Sonho megalomaniaco de um redator momentaneamente entusiasmado?

O sonho, talvez. A megalomania, não. Afinal, que mistério há em realizar-se alguma coisa, mesmo as coisas mais difíceis?

Na edição passada, por sinal, numa nota de "Homens & Empresas", reproduzíamos palavras do empresário Nevaldo Rocha, proferidas por ocasião do lançamento da pedra fundamental da Guararapes Têxtil, em que ele referia-se justamente a essa capacidade que alguns homens têm de fazer as coisas acontecerem. A lembrança dele foi oportuna, porque nós também acreditamos nessa capacidade e, mais do que isso, achamos que ela não é privilégio de ninguém em especial, que todos a possuem em estado potencial e, para a tornarem manifesta dependem apenas das circunstâncias.

Precisamente isso: das circunstâncias.

Entendemos que nem sempre essas circunstâncias sejam, basicamente, condições materiais. Estas condições, claro, são componentes importantes, mas nem sempre os fundamentais. Antes de tudo, acreditamos, é preciso reunir em certo conjunto de predicados, unir com a determinação e fixar, então, uma meta a ser atingida sem pensar em obstáculos e em impossibilidades. Tais fórmulas não são infalíveis, não são certeza de sucesso.

Mas são metade do caminho.

As vezes, abrem caminhos; não raro, contagiam, fazem surgir perspectivas.

O condenável é o imobilismo. O que deslustra é fomentar a desesperança, é não lutar, é deixar-se derrotar antes da luta.

O Rio Grande do Norte tem jornais de nível bastante razoável e a sua imprensa (a escrita, digamos assim) é uma das melhores do País, dando-se os descontos proporcionais. Não é nenhum exagero. Por que o Estado não pode ousar querer ter uma revista mensal que aos poucos se torne uma voz não só em sua defesa como de todo o Nordeste?

Se, à primeira vista, a intenção parecer fantasiosa, alertamos que tão difícil como isso é o próprio fato de RN/ECONÔMICO ter atravessado 12 anos falando sobre economia num Estado economicamente pobre — e ter sobrevivido com toda dignidade e correção. Por aí já se pode calcular que esta meta que, agora, nos propomos, não é tão impossível.

Evidentemente que haverá muitas dificuldades, como houve, como está havendo. Mas consideramos que nenhuma dificuldade é insuperável. O Rio Grande do Norte tornou-se um Estado líder na indústria de confecções. E seguiu por esse caminho graças a capacidade e o esforço de alguns homens, cuja história toda a comunidade econômica potiguar bem conhece. E, analisando-se bem, não haveria condições ideais para se chegar a tal situação.



Os estudantes têm tido participação ativa nas discussões políticas

Ideologia e posição política dos estudantes universitários

Qual a ideologia dos estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, agora, em plena fase de abertura política? O que pensa a atual geração de estudantes, que entrou na adolescência



Sempre em campanhas em causas importantes

ainda sob a atmosfera do AI-5 e só há quatro anos começou a viver o período da distensão e em condições mais propícias às manifestações de idéias? Não foi difícil para RN/ECONÔMICO levantar esse perfil que poderíamos chamar de "ideológico", embora talvez não seja o termo adequado. Uma das características principais do estudante-padrão da UFRN, agora, de ambos os sexos, é a franca disposição de manifestar a sua opinião, sem qualquer rodeio ou hesitação. E o resultado da pesquisa mostra que em torno de 95% dos

estudantes se declaram abertamente simpáticos às idéias esquerdistas ou de centro-esquerda. Apenas uma minoria de 5%, do total dos entrevistados, não escondem suas simpatias pelas idéias de "direita", também pouco se incomodando com o rótulo e o assumindo sem maiores problemas. Em boa parte dos casos, a conotação "de esquerda", como é óbvio, está bem vinculada com posições "oposicionistas", embora não haja referência explícita a pessoas. Também um estimulante resultado da pesquisa é que ela mostra também a predisposição da atual geração de estudantes

da UFRN para a política. E, mesmo, a confiança que a política, em alto nível, é o melhor caminho para o Estado. Em contrapartida, foi detectada a desconfiança com o excesso de soluções técnicas. É muito ilustrativa, nesse particular,

a enfática opinião do presidente do Diretório Central dos Estudantes, Vital Costa, quando ele diz, a respeito da importância do político, ser "necessária uma visão humana dos problemas sociais". Mesmo um dos estudantes que admitiu a sua inclinação direitista — Cleófanés Noronha Felipe de Souza — manifestou-se favorável a um Estado sob a direção de um "político".

□□□□□□□□□□□□□□□□

Nas páginas seguintes, os resultados da pesquisa:

O estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no quadro realçado pela pesquisa de RN/ECONÔMICO, surge não só como integrante de uma classe desejosa de participar das discussões e do processo político, mas com um grau de amadurecimento bastante relativo. Mesmo os que se consideram de "esquerda" não resvalam pelo radicalismo, enquanto há uma ponderável parcela que se mostra refratária a qualquer tipo de "rótulo" ideológico, conquanto se declarando opositorista. A começar pelo presidente do Diretório Central dos Estudantes — DCE, Vital Costa, que diz considerar a política "como o canal para os cidadãos fazerem opções sobre os destinos da sua sociedade".

Vital é um líder estudantil sossegado, seguro. Tem 26 anos e é de opinião que a ideologia "é o fundamento sobre o qual se alicerça o pensamento político". Quanto à sua ideologia, ele diz:

— Considero-me um indivíduo com uma visão democrática e progressista.

E se declara francamente de oposição.

OS PENSAMENTOS — No geral, as opiniões foram ponderadas e diretas, sem evasivas. Laércio Freire da Câmara, 26 anos, do curso de Ciências Sociais, define-se assim:

O que pensa da política?

— Uma solução que poderá mudar o sistema de voto em que o povo possa ter mais poder em uma vida pública.

O que pensa da ideologia?

— São atos que permitem ao povo agir democraticamente.

Acha que o Estado será melhor dirigido por técnicos ou por políticos?

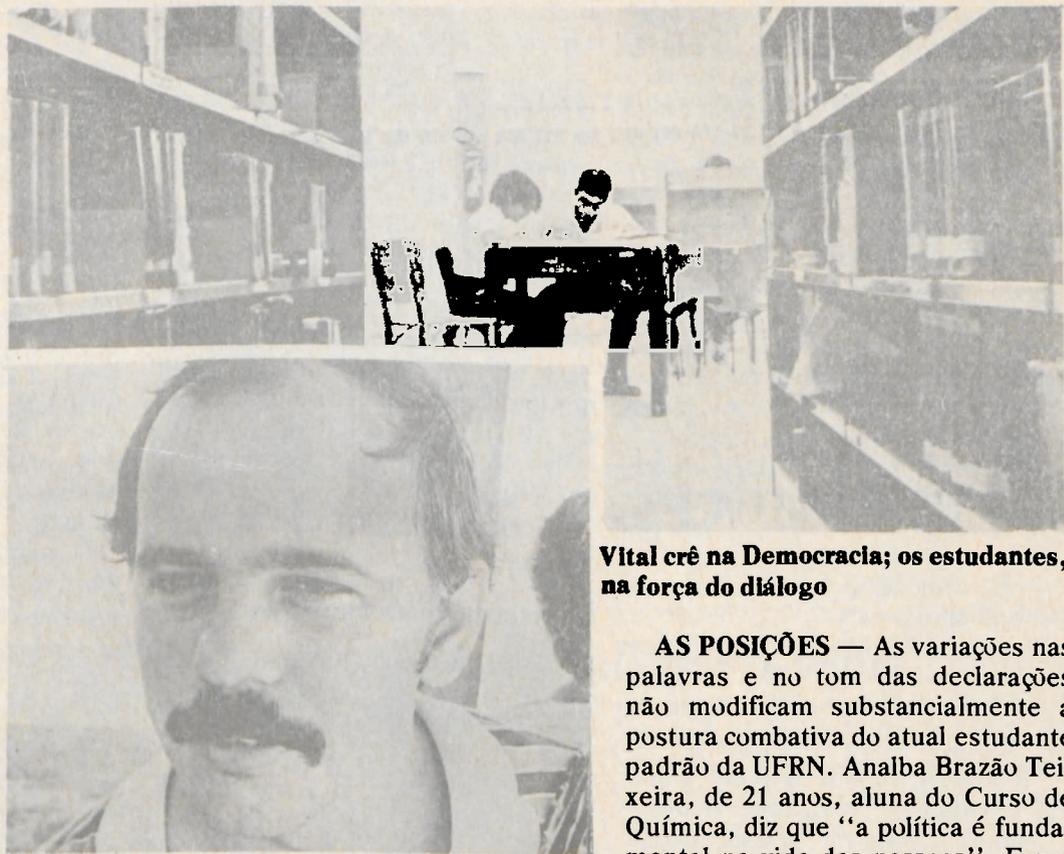
— Por técnicos e por políticos, porque é necessário haver um interligamento das duas funções sociais.

Considera-se de esquerda, de centro ou de direita?

— Esquerdista — politicamente.

Considera-se opositorista ou governista?

— Opositorista.



Vital crê na Democracia; os estudantes, na força do diálogo

Já Hugo Manso Júnior, 22 anos, aluno de Engenharia Mecânica, tem opiniões mais maleáveis, mais elaboradas. Suas definições:

O que pensa da política?

— Que é necessária ao homem, muito embora o que temos feito muito é a politicagem. A política, como ciência, deve ser desenvolvida por todos.

O que pensa da ideologia?

— Que representa o conjunto de idéias em que determinado setor procura fazer sobressair suas idéias — geralmente sobressai a ideologia dos grupos dominantes, política e economicamente.

O Estado deve ser dirigido por políticos ou técnicos?

— O Estado deve ser dirigido por pessoas que representam os interesses da maioria do povo, o que se faz necessário que todos nós sejamos políticos, independentemente da sua área profissional.

Considera-se de esquerda, de centro ou de direita?

— Não acho correto rotular-se; o que precisamos é definir nossos objetivos e lutar por eles.

Quanto a ser "oposição" ou "Governo", nota:

— Na situação em que se encontra o Estado brasileiro, hoje, é necessário ser opositorista.

AS POSIÇÕES — As variações nas palavras e no tom das declarações não modificam substancialmente a postura combativa do atual estudante padrão da UFRN. Analba Brazão Teixeira, de 21 anos, aluna do Curso de Química, diz que "a política é fundamental na vida das pessoas". E por aí pode se calcular a sua disposição em relação a tudo o que ela evoca.

Não acredita em meios-termos em questões ideológicas, expressando a sua posição dessa maneira:

— Acho que toda pessoa tem a sua ideologia política, seja ela correta ou incorreta. O importante é que lute por suas idéias.

Não se mostra excessivamente desconfiada com os técnicos, a ponto de dizer que "o político deve ter prevalência" sobre o técnico na condução dos negócios do Estado "não impedindo, logicamente, que os técnicos tenham participação".

Define-se como de "esquerda" e "oposicionista".

E as posições sobre a política são geralmente claras no universo dos estudantes. Eduardo Jorge Guedes de 23 anos, do Curso de Engenharia Mecânica, afirma que a política "é a única maneira que, se conduzida corretamente e com boas intenções, pode levar o povo a boas opções".

É ponderado. E, como tal, coloca-se numa posição de "centro-esquerda", a partir da qual define a ideologia como "uma maneira de pôr em prática o pensamento de cada um" e faz uma opção inquestionável pelos políticos como classe prioritária nas posições de maior relevo na cúpula administrativa, sem sequer referir-se aos técnicos. É incisivo,

contudo, ao manifestar-se oposicionista.

OS PONDERADOS — São os estudantes que se consideram de centro, os que apresentam uma predisposição para definições mais rigorosas das suas posições, insistindo em respostas explícitas. José Soares de Miranda Júnior, de 20 anos, do Curso de Engenharia Elétrica, é bastante explícito. Situa-se, segundo as suas palavras, na "centro-esquerda" e mostra-se sempre abrangente. Sobre ideologia, diz:

— Todos devem ter. E deve ser utilizada no processo de mudança social.

Sobre a política em geral:

— É o meio ideal de se conseguir a estabilidade do país.

Sobre a participação do político e do técnico:

— Os dois devem ter participação igual. Os problemas que o país atravessa na área econômica só um técnico pode resolver.

José Soares é oposicionista:

Os mais experientes assumem posições que eles consideram mais "dialéticas", menos formais. Como Cristina de Freitas Barreto, de 29 anos, do Curso de Ciências Econômicas, que se mostra um pouco desconfiada em relação à política. Ela diz:

— A política não tem atingido os seus objetivos específicos.

E, em relação à ideologia, é mais contundente, pois diz:

— Uma utopia, baseada em princípios que raramente se tornam fatos.

Acha necessário pensar "numa conciliação" entre os políticos e os técnicos e, quanto ao seu posicionamento — esquerda, centro ou direita — filosofa:

— Depende do que significa esquerda, centro ou direita. Para uns, esquerda pode ser direita e direita pode ser esquerda e assim por diante.

Também é uma das poucas a mostrar-se ambígua diante da colocação diante do Governo ou da Oposição. Diz:

— Considero-me admiradora dos políticos inteligentes e que lutam por um Brasil melhor.

ANÁLISES E QUESTÕES — Há estudantes que, mesmo não participando de grupos, não vêem as coisas de maneira tão simples e esquemática. Um desses é Fernando Wanderley, de 25 anos, do Curso de Ciências

Biológicas que, sobre política, tem o seguinte pensamento:

— É uma atividade inerente às pessoas. Todos, consciente ou inconscientemente, estão fazendo política. Isso nos mínimos atos, desde o relacionamento pessoal, como nos partidos. A política é uma atividade importante e todos devem se conscientizar das suas consequências.

Fernando vê a ideologia como um fenômeno múltiplo, com várias faces:

— Há a ideologia da classe dominante e da classe dominadora. Entendo que a sociedade brasileira está impregnada de ideologia das classes dominantes.

Para o técnico, ele tem uma opinião mais radical:

— É preciso desmistificar o técnico. Acho que todo técnico é político e

um ser político mas, no Brasil, o que existe é politicagem, é a briga pelo poder" — diz Teresinha Pereira da Rocha, de 23 anos, aluna do Curso de Psicologia.

— Acho importante que o homem questione qualquer coisa. Mas que não fique só em palavras e em pensamento, mas na ação" — acrescenta, traduzindo o seu conceito de ideologia.

Dentro desse seu raciocínio, ela acha que é o técnico, e não o político, que deve ter prioridade nos cargos e postos de liderança no Estado porque, argumenta, "não haverá briga pelo poder, mas por trabalho e pela ciência".

O seu posicionamento ideológico é de "anarquista". E, em política, diz que "não tenho politicagem".

Já Enilson Araújo Pereira, de 25 anos, do Curso de Física, vê a política "como um processo de mudança e transformação e que em países pouco desenvolvidos, com o povo oprimido, ela é feita pelos poderosos e mais abastados e que nos países socialistas é um meio de solucionar os problemas".

A ideologia para ele é "uma corrente

de pensamento que as pessoas carregam, em que um indivíduo depende da concepção do mundo que ele vê".

O dualismo político x técnico ele define assim:

— Na minha opinião deve haver um equilíbrio de cada um desses campos: os políticos devem dirigir os setores para os quais os conhecimentos deles são os mais adequados, assim como a sua experiência administrativa.

Enilson é da esquerda e de oposição.

MAIS AMPLA — O secretário geral do DCE da UFRN, Antônio Carlos Pires Nunes, de 20 anos, aluno do Curso de Engenharia Elétrica e que vem tendo atuação de destaque no movimento estudantil, define a política dessa maneira:

— A política deve ser encarada de uma forma mais ampla, fugindo de



Soraya: processo de mudança

está subornando uma classe ou outra.

Ele é de esquerda e claramente de oposição.

Soraya Godeiro Massud, de 19 anos, aluna de Nutrição, diz que o "País está em processo de mudança, principalmente no País, onde quem está no poder faz com que haja um desequilíbrio na sociedade e nos homens".

Ela classifica a ideologia como um conjunto de "pensamentos que cada pessoa deve ter e que isso seja consequência de uma mudança social".

— No Brasil — diz, falando sobre políticos e técnicos — há diferenças na maneira como se vê o técnico e o político, havendo cobranças diferentes. É necessário ver o técnico com sua produção científica por uma ótica política.

Ela é da "esquerda" e de oposição.

SER POLÍTICO — "O homem é

cidadamente dos esquemas políticos partidários, se bem que eu ache a política partidária também uma forma de atividade política, como é natural. Acho que toda e qualquer tomada de posição, seja no âmbito pessoal, de grupo, de classe ou no âmbito da sociedade, é uma postura política que o indivíduo tem em relação a ele e ao restante das pessoas.

O seu entendimento de ideologia:

— Entendo a ideologia como um conjunto de idéias que todo homem necessariamente tem, seja de forma primária, ou mais elaborada.

Sobre técnicos e políticos:

— Sempre será melhor o Estado dirigido por políticos, porque a população teve oportunidade de influir sobre a sua posição, e na determinação das prioridades. Isso não acontece com os técnicos que, pelo próprio caráter de atividade, levará em conta mais as questões de execução e tenderá a esquecer das integrações entre a técnica que satisfaz as necessidades da população a partir da força política que essa população exerce.

Também se declarou de esquerda e opoisionista.

TUDO É POLÍTICA — “Tudo é política. A dimensão política está na vida da pessoa humana. Toda relação é política”.

Essa é a definição de Alípio de Souza Filho, de 21 anos, aluno de Ciências Sociais, que vê ideologia como uma “consciência falsa” e defende a necessidade da união entre o técnico e o político “a serviço do povo”.

Alípio diz querer evitar qualquer enquadramento e afirma lutar “pela transformação da sociedade”.

Haroldo do Vale, 23 anos, Curso de Odontologia e membro da diretoria do DCE vê a política como “uma coisa necessária a todos, como forma de se moldar as necessidades de amplas camadas das massas populares”.

A ideologia, para ele, é “a forma como a pessoa liga a teoria à prática, no dia-a-dia, no sentido de ser coerente nas suas ações e de chegar a um fim por ele determinado”.

Técnicos e políticos?

— Os dois. Se bem que o político sente as necessidades da população e os técnicos dão uma forma prática.

Deixa no ar o seu posicionamento ideológico, ao dizer:

— A minha prática no movimento estudantil é clara e não deixa dúvida sobre a proposta que defendo no dia-a-dia.



Cleófanes: direita

A DIREITA — Além do anarquista, há um direitista franco. Suas posições são claras. Ele é Cleófanes Noronha Felipe de Souza, de 18 anos, aluno do Curso de Comunicação. Suas respostas são simples:

O que pensa da política?

— O Brasil é um adulto mal educado.

E a ideologia?

— Base para uma gradual educação política.

Entre político e o técnico?

— Político.

Corrente ideológica?

— Direita.

E a posição em relação ao Governo?

— Governista.

Em Caicó, política pessoal

O maior dos cinco Campi Avançados da Universidade Federal do Rio Grande do Norte é o de Caicó, com cerca de mil estudantes nos sete cursos: Administração, Ciências Contábeis, História, Geografia, Pedagogia, Letras e Matemática. Há uma grande efervescência política, mas com uma característica completamente diferente da de Natal: os debates são em termos de candidaturas pessoais ou grupos políticos da região, ficando a conotação ideológica praticamente esquecida ou, pelo menos, num nível em que não tem a menor relevância para o contexto. Como diz um estudante, “esquerda e direita não têm muito significado para o estudante do Campi de Caicó, mas o nome deste ou daquele político que, por sua vez, quase sempre tem relevância em função da maior ou menor vinculação familiar”.

Dentro desse contexto, as discussões políticas no Campi de Caicó são bastante inflamadas — e irreconciliáveis. A explicação é que as principais famílias envolvidas em política, na região, sempre têm alguém estudando no Campi. E esse membro da família, como é natural, passa a fazer o seu proselitismo junto aos que lhe são mais chegados.

O mesmo ocorre com os outros estudantes que são ligados a famílias políticas divergentes. Assim, cria-se o clima para as discussões: o confronto entre os adeptos de um e outro lado, não raro extrapolando para debates acirrados e radicais.

Dentro dessa conotação, o estudante do Campi Avançado de Caicó mostra-se muito tímido com respeito a posições ideológicas. Mais do que isso: ele ainda está na fase de desconfiança. A repórter Célia Freire, ao tentar entrevistar alguns deles, dentro da pesquisa por amostragem aleatória para RN/ECONÔMICO, encontrou dificuldades que chegou a surpreendê-la pois, em Natal, o estudante da UFRN não demonstrou qualquer reserva em manifestar abertamente as suas preferências e opiniões político-ideológicas.

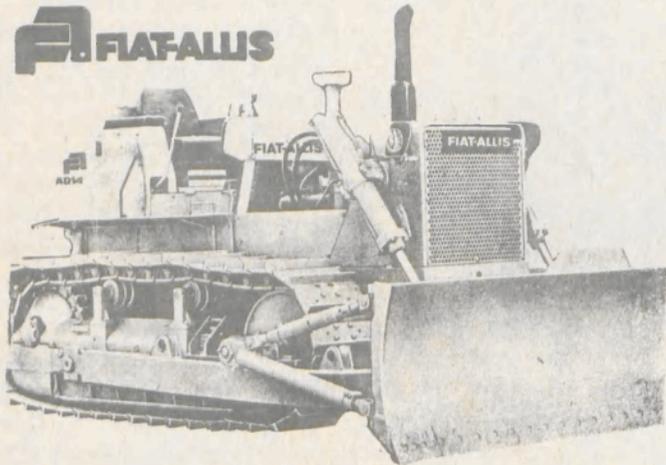
Das impressões que recolheu, a própria Célia, que é uma repórter com uma experiência bem razoável em cobertura de setores estudantis no Estado, diz que “senti não só uma certa hesitação na abordagem de temas ideológicas e politicamente mais abrangentes para serem divulgados em jornal”.

— O ciclo é muito restrito, todos se conhecem e a cautela é a melhor saída — diz ela.

A Turma da Pesada

(e a mais completa linha de implementos)

FIAT-ALLIS

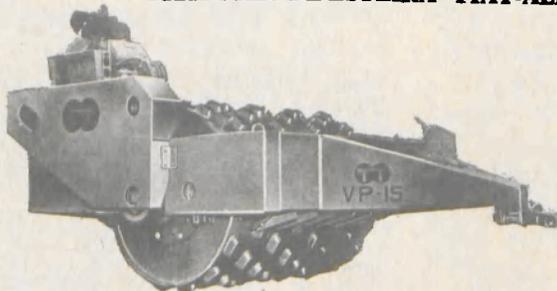


TRATORES DE ESTEIRA "FIAT-ALLIS"

VALMET



TRATORES DE PNEUS E EMPILHADEIRAS "VALMET"



COMPACTADOR VIBRATÓRIO REBOCÁVEL



MOTONIVELADORAS "DRESSER-HWB"

DRESSER
Galion



GUINDASTES "GALION" ATÉ 14 TONELADAS



PÁS CARREGADEIRAS DE RODA E ESTEIRA "FIAT-ALLIS"

TUDO ISTO COM A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA

COMERCIAL WANDICK LOPES S/A

R. TEOTÔNIO FREIRE, 218 - FONES: 222.1525 - 222.3778 - 222.4180 e 222.1554 - NATAL-RN

RUA ALFREDO FERNANDES, 5 - FONE: 321.5186 - Mossoró-RN.

Como surgiu e como age o grupo do Pacto da Solidão

“Natal, 27.07.81

“Caro Amigo

“Governador Lavoisier Maia

“Aproximando-se o país — e portanto o nosso Estado —, do momento de tomar as decisões de natureza política que dizem respeito ao seu futuro, com a escolha de candidatos às eleições de 1982, sentimo-nos com o dever de partilhar com o eminente amigo as preocupações que nos inquietam”. Essas 56 palavras são o conteúdo de uma carta assinada pelo senador Dinarte Mariz, vice-governador Geraldo Melo e deputados federais Vingt Rosado e Wanderley Mariz — o famoso Pacto de Solidão, redigido, no original, em duas laudas e meia.

Mas se tão poucas folhas de papel datilografadas foram suficientes para conter o resumo do pensamento político da dissidência do PDS, o espaço de quase um ano, entre a divulgação da carta e os dias atuais do Partido, não foi suficientemente comprido para que as negociações chegassem

logo a termo, prolongando-se durante todo o período a arenga entre Maia e Pacto, com os ecos reboando ante caixas de ressonância de alta potência, como o Presidente Figueiredo, que chegou a cavalgar uma solução para o impasse, designando o seu chefe da Casa Civil, Ministro Leitão de Abreu, como o encarregado de tanger o processo sucessório do PDS norte-riograndense.

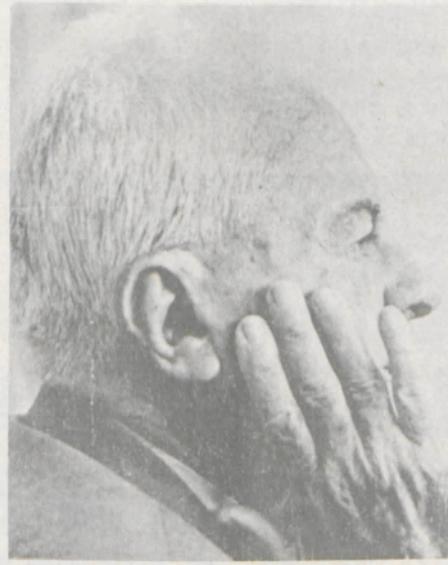
CORDIAIS SAUDAÇÕES — Redigido oficialmente dia 27 de julho do ano passado, a Carta de Solidão chegou às mãos do Governador Lavoisier Maia cedinho como uma notícia de

EMMANUEL BARRETO

jornal: dia seguinte, um ex-repórter, então ocupando a vice-governança, passava mais graduado funcionário do Estado as apreensões e propostas do seu grupo político, ficando à espera de um **feed back** favorável. Eram, segundo o noticiário da época, 6h45m, e, logo de início, Melo experimentava, certamente, aquela sensação que muitas vezes ronda os mais calejados jornalistas: a de que não iria obter seu **furo**. É que o Governador Lavoisier Maia, observando a indicação do empresário Fernando Bezerra como candidato capaz de unir o



Geraldo: força do Pacto



Dinarte: inspirando o Pacto

PDS fez a seguinte observação, ainda segundo o noticiário: “Também não une, porque tem o veto do (falecido) deputado Djalma Marinho e do senador Martins Filho”

Apesar de datado de 27 de julho, repassado ao Governador um dia após, a Carta de Solidão somente chegou aos jornais dia 30, sendo publicada na edição do dia 31. O documento fixava cinco pontos principais: deixava-se a responsabilidade da união do PDS ao ex-Governador Tarcísio Maia e ao Governador Lavoisier Maia; o Pacto não aceitaria a sublegenda no Estado, mesmo não sendo doutrinariamente contra esse aspecto

da legislação eleitoral; além disso, negavam-se todos a aceitar “candidaturas insubstituíveis”; lembrava também a carta que, tanto Tarcísio quanto Lavoisier, já haviam manifestado “simpatia” pelo nome de Fernando Bezerra; e, afinal, os signatários esperavam um pronunciamento breve, por parte do grupo Maia.

A Carta de Solidão, analisada a partir desses pontos, poderia ser considerada como um grande, monumental fiasco político, pois, à exceção da sublegenda para Governador, cujo projeto foi derrubado em Brasília, portanto em área distante da influência local, nenhum dos itens defendidos por Dinarte Mariz e seus comandados foi atingido. O nome de Fernando Bezerra caiu de cotação, até pelo fato simples de que ele próprio não sensibilizou-se pela carreira política, e, afinal, todos os demais pontos foram ignorados enfaticamente pelo sistema. E isso, apesar dos solícitos termos em que foi composto o último parágrafo, que dizia assim: “Conven-

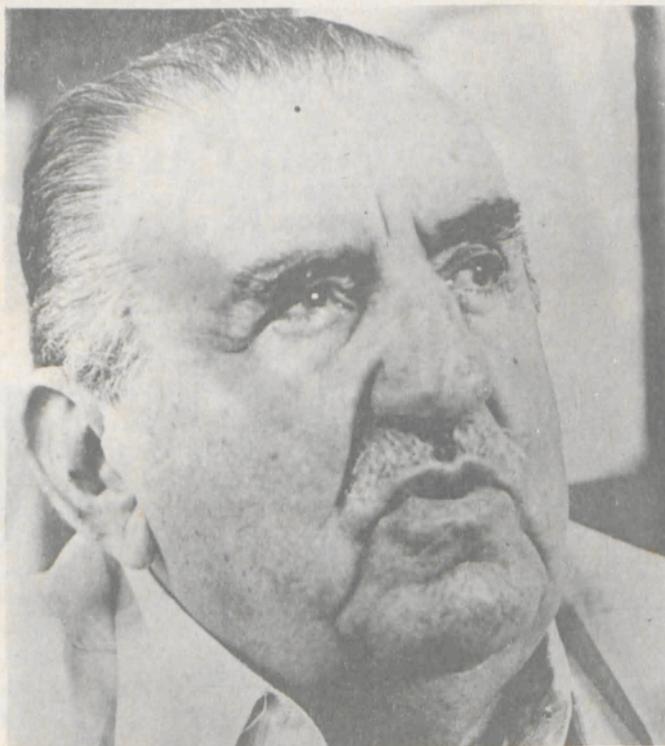
cidos de que V. Ex.^a, não será indiferente aos apelos desta terra, e confiantes nos seus esforços para evitar divisões estéreis que nenhum de nós deseja, e certos também de que V. Ex.^a não tardará com seu pronunciamento, queremos reiterar-lhes as nossas cordiais saudações”, seguindo-se as assinaturas.

SÓ A FORMALIDADE — O docu-

mento da Fazenda Solidão, entretanto, teve a possibilidade de soldar uma aliança verdadeiramente férrea entre os primitivos signatários do Pacto, que, dia 26 de outubro de 81 passaram a contar com mais um e aguerrido membro: o senador Martins Filho, o Zezito de Umarizal, que há meses vinha ressentido com o Governador Lavoisier Maia, desde quando ocorreu o famoso caso da invasão de sua casa pela Polícia, à procura de um empregado de Martins, que estaria envolvido com a lei. Zezito manifestava apoio ao Pacto em correspondência dirigida ao senador Dinarte Mariz, pedindo que retransmitisse a in-

formação aos demais signatários do documento.

Composto o time para o segundo tempo, da Carta de Solidão ficava só uma lembrança e a formalidade das "cordiais saudações" contidas num documento que começara a ser discutido ainda no dia 25 de julho, e visto pelos seus redatores como, certamente, uma fórmula de fortalecê-los dentro do Partido, e um modo de encontrar um denominador comum, que não o Prefeito de Natal, Agripino Maia, chegando-se a sugerir o vice-Governador Geraldo Melo. Entretanto, foram esforços inúteis. Após cada grupo manifestar intenções e ideais voltados unicamente para o fortalecimento e unidade partidária, cada facção passou a endurecer o jogo, à medida em que iam surgindo ataques e contra-ataques. O senador Martins Filho, de palavra incontrolada, trombeteou pelo rádio e jornal o que considerou um verdadeiro escândalo no município de Martins, onde, de certa feita, a Emproturn levou algumas chacetes para uma inauguração. O senador deplorou a presença de "mulheres semi-nuas" em cima de um palanque, numa festa a que estava



Dix-huit Rosado tem dado apoio ao Pacto

presente o Governador Lavoisier Maia.

O mesmo Martins Filho invocou acusações de corrupção, e nos últimos dias, denunciou o que a impen-

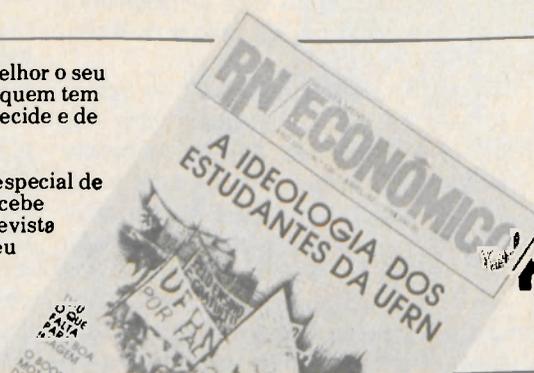
sa diária está chamando de "o escândalo do melão", com a isenção da cobrança de ICM à produção meloeira da Fazenda São João, de propriedade do ex-Governador Tarcísio Maia. Martins não tem poupado farpas ao adversário. Os demais, Dinarte Mariz, Geraldo Melo, Wanderley Mariz e Vingt Rosado, além do reitor da UFRN, que juntou-se à expedição, também não têm negaceado munição, na guerra de

guerrilha rápida do PDS. O poder de fogo maior, por isso mesmo, tem ficado oponentemente com o Pacto, ante a insistência de postar-se em sentinela contra o que chamam de oligar-

Você escolheu o melhor veículo para o seu anúncio Agora mantenha-o permanente

A revista RN/ECONÔMICO vende melhor o seu produto porque ela chega às mãos de quem tem poder aquisitivo mais alto, de quem decide e de quem determina.

O seu anúncio permanente em RN/ECONÔMICO goza de desconto especial de 10% sobre o preço de tabela, e não recebe reajustes na vigência do contrato. A revista coloca à disposição do anunciante o seu departamento de criação, encarregando-se da elaboração da mensagem publicitária. Venda mais!



Seja anunciante permanente de

RN/ECONÔMICO

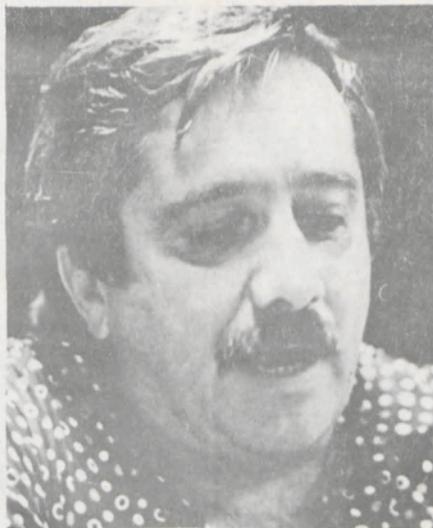


Zezito: muita resistência

quia. Mas a resistência Maia, que é formidável, cresceu tanto, que alçou-se a Brasília e chegou até mesmo a uma incursão em território inimigo, com o lançamento de Agripino como candidato, na cidade de Angicos, terra natal do representante da Oposição, Aluizio Alves. Mais que isso, essa estratégia mostra até aonde vai a disposição de luta da família, pelo fato de que o grupo do Palácio Potengi não tivera autorização para tanto, já que as negociações não haviam sido encerradas para a escolha do representante pedessista.

GOL CONTRA — O Pacto martelou sua artilharia pesada em dois pontos: enquanto o senador Martins Filho lançava os seus obuses verbais, garantindo que há corrupção no Governo, os demais combatentes apontavam as baionetas contra o que classificam de oligarquia, ao passo que os Maia, entrincheirados nos altos do poder, respondiam escudados em argumentos que iam desde o fato de que Agripino, se eleito, não o seria de forma indireta, mas pelo voto, até o detalhe de que contaria com o apoio das bases partidárias: 145 prefeitos e 13 deputados estaduais, além dos deputados federais Antônio Florêncio e Carlos Alberto. Segundo o entendimento familiar, tais motivos seriam suficientes para respaldar a candidatura de Agripino ao Governo, tanto que ocorreu o lançamento em Angicos.

A essa atitude do sistema, o vice-Governador Geraldo Melo classificou como "um gol contra", justificando o ponto-de-vista ao dizer que o Governador Lavoisier Maia agira apressadamente e merecera mesmo a discordância do Planalto. Certamente. O



Wanderlev: assinando a carta

Ministro Leitão de Abreu, ao saber do ocorrido, pediu ao presidente nacional do PDS, senador José Sarney, que, falando em seu nome, tranquilizasse o velho senador Dinarte Mariz, na sua Solidão, em Serra Negra, dizendo que não dera qualquer incentivo ao ato. Daí, para Melo, o gol contra. E se algum dos signatários de Solidão tivesse criado um inesperado trocadilho "de gol em gol, Agripino enche o Pacto", provavelmente não estaria enganado, pois o edifício do Partido, apesar de, no alicerce de suas paredes, contar com um forte dispositivo eleitoral, apresenta rachaduras de cima a baixo, resultado ainda do terremoto político em que se empenharam os dois grupos. □

CONSULTE O SINE

O SINE/RN — Sistema Nacional de Empregos do Rio Grande do Norte, a partir desta edição de RN/ECONÔMICO publicará, mensalmente, uma matéria ou a relação nominal da mão-de-obra disponível e cadastrada no mês. Em caso de necessidade, o empresário interessado deve dirigir-se a quem de direito. E não esqueça: todo candidato encaminhado pelo SINE leva consigo um documento de apresentação. É um candidato pré-selecionado.

MÉDICO

- Médica Ginecologista e Obstetra, casada, 35 anos, dois anos de estágio.
- Médico Ginecologista e Obstetra, casado, 25 anos, experiência de estágio.
- Médico Ginecologista e Obstetra, casado, 32 anos, experiência de 6 anos e 6 meses.
- Médico Ginecologista e Obstetra, solteiro, 29 anos, experiência de 5 anos.

ENGENHEIRO

- Engenheiro Eletricista, solteiro, 31 anos, um ano de experiência.
- Engenheiro Eletricista, solteiro, 31 anos, um ano de experiência.
- Engenheiro Eletricista, solteiro, 29 anos, um ano e cinco meses de experiência.

ASSISTENTE SOCIAL

- Casada, 34 anos, dois anos e seis meses de experiência.
- Solteira, 32 anos, seis anos de experiência.
- Solteira, 30 anos, um ano de experiência.
- Solteira, 29 anos, dois anos e dois meses de experiência.
- Solteira, 32 anos, dois anos de experiência.
- Solteira, 26 anos, um ano e cinco meses de experiência.

ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

- Administradora, casada, 29 anos, quatro anos de experiência.
- Administradora, casada, 26 anos, quatro anos de experiência.

TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO

- Solteira, 22 anos, um ano de experiência.
- Casado, 26 anos, dois anos de experiência.

AUXILIAR DE CONTABILIDADE

- Solteira, 25 anos, um ano de experiência.
- Solteira, 38 anos, sete anos de experiência.
- Solteira, 24 anos, um ano de experiência.
- Casado, 25 anos, um ano de experiência.

AUXILIAR DE ESCRITÓRIO

- Solteira, 18 anos, um ano e três meses de experiência.
- Solteiro, 22 anos, três anos de experiência.
- Solteira, 19 anos, um ano de experiência.
- Solteira, 25 anos, dois anos e seis meses de experiência.

DATILOGRAFO

- Solteira, 26 anos, três anos de experiência.
- Solteira, 22 anos, sete anos de experiência.
- Solteira, 27 anos, quatro anos de experiência.

OUTROS

- Forno, casado, 43 anos, 18 anos de experiência.
 - Fundidor de metais, solteiro 27 anos, três anos de experiência.
 - Encarregado de obras, casado, 34 anos, cinco anos de experiência.
 - Fiandeira, solteira, 26 anos, um ano e 8 meses de experiência.
- Rua Trairi, 345 — Petrópolis — Tels.: 222-3442 e 222-1006 — Natai-RN.

CAMPANHA COMEÇA SOB O SIGNO DA RENOVAÇÃO

CASSIANO ARRUDA CÂMARA

Quem se dispuser a estudar as formas de comunicação da classe política do Rio Grande do Norte na sua propaganda eleitoral, haverá de relacionar, neste ano de 1982, uma novidade real: o Debate.

Desde a campanha de Jota da Penha, no início do século, com uma ou outra incorporação de avanço tecnológico, que o comício vinha sendo o grande veículo para os candidatos apresentarem as suas mensagens.

Mas, nos anos 60, registraram-se as grandes mudanças.

Os políticos foram abolindo o paletó e a gravata, enquanto a platéia trocou as palmas pelos assovios, gritos e repetição de refrões, da mesma maneira que as torcidas organizadas nos estádios de futebol.

Para os sociólogos, interessados no fenômeno, cumpre ressaltar que nesta época Natal não dispunha de um serviço eficiente de televisão, e uma de suas maiores carências, segundo pesquisa realizada pela Serete para elaboração da primeira proposta de Plano Diretor, era justamente a falta de diversões.

Isso talvez explique o sucesso do primeiro Trio Elétrico — o chamado “carro da Bahia” — na campanha do senador Dinarte Mariz, em 1965, que garantiu a realização dos maiores comícios, verdadeiras festas populares, de um candidato que terminou fragorosamente derrotado.

À partir daí, a instituição do comício como meio dos candidatos comunicarem suas mensagens com o eleitorado, começou a falir.

Comício virou “passeata”, “vigília”, “concentração”. A multiplicação dos decibéis dos carros de som e a incorporação das baterias das escolas de samba, tornaram os “comícios” verdadeiros hepenings. Serviam para demonstrar a eventual força de um candidato, podiam impressionar outros, mas, já não serviam para o político comunicar as suas idéias.

A poluição sonora impedia que este objetivo fosse alcançado.

Mas, como se vivia a “Lei Falcão”, impedindo o acesso dos candidatos ao rádio e à TV, mas garantia a transmissão de comícios, pelo rádio, estes serviam pa-

ra que discursos pronunciados nas praças públicas, fossem ouvidos em casa.

Assim mesmo como um canal de comunicação unidirecional, onde as idéias transmitidas não sofriam qualquer tipo de contestação. E o diálogo ficava apenas como uma palavra repetida por quem exercitava o monólogo.

Com o Debate, não.

O candidato se posicionou de corpo inteiro. Suas idéias foram confrontadas com outras idéias. Suas verdades, deixaram de ser absolutas.

Ao público foi dado o direito de comparação.

Realizado há pouco mais de um mês, o “Debate” promovido pelos estudantes do Curso de Direito, parece ser coisa do século passado, e dele pouco se fala, e, quando se fala é tentando mostrar supremacias de um candidato sobre outro, assunto que julgamos menos importante, nesta análise.

Importante foi a renovação introduzida, permitindo que cada candidato pudesse ter a sua mensagem devidamente decodificada.

Agora, resta saber apenas uma coisa: se a novidade vai ser incorporada aos hábitos políticos norte-riograndenses.

A eficácia do método pode ser avaliada no nível de apreensão do que foi dito, e ainda hoje é comentado, até por quem — por algum motivo — deseja esquecer o Debate do Auditório da Reitoria .

Resta uma pergunta: será que, no desenrolar da campanha teremos novas oportunidades de avaliar — e comparar — as mensagens de cada candidato?

Se novos Debates ocorrerem, corrigindo justificáveis falhas do primeiro, então teremos a certeza de que 82 entrará para a história política do Rio Grande do Norte como um marco renovador na forma de se comunicar idéias, divulgar propostas de Governo, e estabelecer um diálogo real.

E, diálogo — especialmente sob a forma de debate — é a melhor maneira de se exercer a Democracia.

Previsões de tempo quente e incontido radicalismo

“Vai valer tudo, nesta campanha eleitoral. Vai ser a campanha mais dura da história do Rio Grande do Norte”.

É a previsão que os mais credenciados assessores políticos do Estado — aqueles ligados aos chamados líderes de grupos e tendências — estão fazendo. RN/ECONÔMICO

recolheu essas opiniões em áreas mais ligadas às facções que, no quadro político do Estado, se pode chamar como Oposição. Foram previsões e avaliações feitas em tom grave, mas não exatamente alarmista, num reconhecimento de que o jogo terá de ser realmente duro pois a “situação não vai abrir mão assim, com facilidade, do Poder no Rio Grande do Norte”.

O JOGO DAS PRESSÕES — Um

I. SILVA



A campanha, para muitos, vai ser “muito quente”

qualificadíssimo assessor diz: “O mais importante nessa fase é não aparecer, porque ninguém está querendo se queimar com antecedência, a não ser os diretamente interessados na eleição — os candidatos, no caso”.

Ele explica, insistindo, como todos os outros que abordam o tema, em manter reserva sobre o seu nome:

— Vai haver todo tipo de pressão.

Moral e econômica. Já está havendo pressão, eu acredito, aqui e ali, quando é possível. Não uma pressão ostensiva. Mas eu posso garantir que há muita cautela, mesmo nos meios empresariais, para não criar idéias de comprometimento que possam vir resultar em prejuízos.

Ele mesmo não explicita que tipo de “prejuízo” e qual a forma de pressão que poderia ser exercida por este ou aquele empresário eventualmente simpático a este ou aquele grupo, a este ou aquele candidato. Garante ter detectado a “apreensão e a cautela”, especificando:

Até mesmo os anúncios publicitários, atualmente, são prepara-

dos com muito cuidado para que uma ou outra palavra não dê margem a interpretações tendenciosas.

A CAMPANHA DURA — Os porta-vozes do grupo aluizista não escondem a impressão de que a “campanha vai ser muito dura”. Não se pode saber se, de fato, as suposições deles têm base na realidade ou se são apreensões nascidas dos naturais arroubos oposicionistas. Mas o fato é que existe uma convicção próxima ao fatalismo. Um deles assim se expressou para RN/ECONÔMICO:

— Tenho quase certeza de que vai valer quase tudo. Temos de estar preparados e quem for participar da campanha não pode se enganar com essa história de alto nível.

Não foi possível verificar exatamente o que têm os oposicionistas. Eles mesmos, por ora, com todos esses temores, não demonstram intenções de ferir temas estritamente pessoais, preferindo abordar programas e posicionamentos ideológicos: custo de vida, política econômica, opressão das minorias, etc. Há, inclusive — pelo menos até agora — a determinação de orientar a campanha para este lado, considerando que “por melhor que seja José Agripino como candidato, jamais poderá ir de encontro a realidades como os desastrosos econômicos e o sofrimento da população”. □



Companhia Distribuidora de Ferragens

Ferramentas - Máquinas
Material Elétrico - Material de Construção
Ferragens - Abrasivos
Instrumentos de Medição Motores Elétricos
Eletrodos - Máquinas de Solda
Tubos e Conexões
Ferramentas Elétricas etc.

Matriz Recife-PE Filial: Natal-RN. R. Dr. Barata, 190 Tels.: 222.3571/8210/8033 — Natal-RN

NORIO GRANDE DO NORTE ESTÁ A VENDA

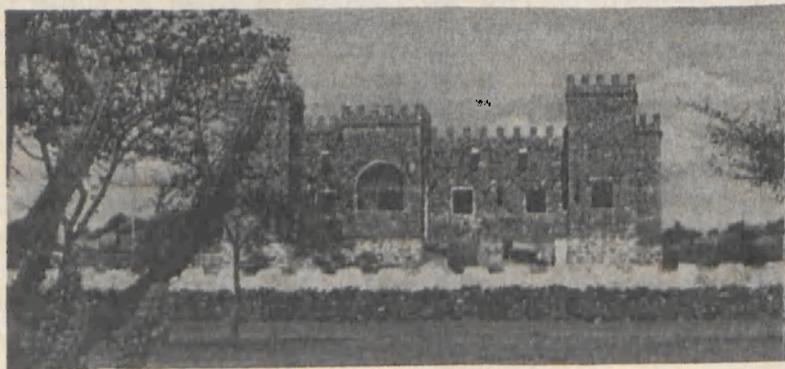
SIGA OS CAMINHOS DO ELEFANTE



Caicó



Hotel Termas



Castelo de Engady



Pousada Gargalheiras



Areia Branca



Hotel Serrano

É UMA EXCELENTE OPORTUNIDADE DE VOCÊ



“Vender o Rio Grande do Norte”, a partir de Cr\$ 6.900,00, foi a melhor forma que a Emproturn encontrou para lhe proporcionar conhecer o Estado em confortáveis passeios turísticos, através do programa “Siga os Caminhos do Elefante”. “Siga os Caminhos do Elefante” é uma empolgante

programação em três roteiros, que teve início no dia 30 de abril último, e com absoluto sucesso. Foi gente para o Sertão, para as Praias, enquanto outros preferiram sentir o agradável clima das montanhas, numa das raras áreas serranas do Estado. Todos viajaram em confortáveis ônibus que saíram de Natal, às 18 horas da sexta-feira e retornaram no domingo à noite. Um “pacote turístico”, com passagem, hospedagem e alimentação, a preços realmente

promocionais. Quem fez o Roteiro Sertanejo teve a oportunidade de conhecer Currais Novos, Carnaúba dos Dantas, Acari e Caicó. Esse pessoal viu minas de scheelita, o Monte do Galo, o Gargalheiras, o Itans, o Castelo de Engady, pagando apenas Cr\$ 6.900,00. Já o Roteiro das Praias proporcionou estada em Mossoró, na praia de Tibau até Upanema. A turma curtiu muito sol e conheceu as lindas areias coloridas.

Aquelas utilizadas no artesanato, como também conheceu pirâmides de sal em Areia Branca. Pagaram somente Cr\$ 8.700,00. E quem preferiu fazer o Roteiro Serrano, não pagou mais do que Cr\$ 9.300,00 e viveu o chamado “clima das montanhas”, com uma paisagem surpreendente. Após desfrutarem uma parada em Mossoró, os turistas seguiram até Olho D’água do Milho e visitaram fontes de águas hidro-minerais e energéticas. Na Serra do Lima, conheceram o Santuário do Lima, que atrai milhares de romeiros todos os anos. No final do passeio, todos foram até Martins, ainda área serrana, onde está à disposição dos visitantes um verdadeiro pomar. Lá os turistas visitaram também a famosa Casa de Pedras, uma gruta natural, localizada nos arredores da cidade. Atente bem para este detalhe: o Hotel Termas de Mossoró, o Tungstênio de Caicó, o Areia Branca Praia Hotel e o Hotel Serrano de Martins foram os locais de pouso para esses turistas. Todos deixaram seus carros na garagem e passaram um final-de-semana realmente maravilhoso. Na próxima sexta-feira, faça o mesmo. Pegue a família, escolha um Roteiro e “Siga os Caminhos do Elefante”.



Hotel Termas



SOLICITE O SEU AGENTE DE VIAGEM

Solis Turismo
av. deodoro, 755 — fone: 222-2128

Agência Aerotur
rua apodi, 583 — fone: 222-3569

Aparecida Turismo
av. rio branco, 571 — fone: 222-0023

Pax Viagens e Turismo
av. afonso, 394 — ccab — fone: 222-1800



Governo Lavoisier Maia

SIC - Secretaria de Indústria e Comércio



CONHECER SEU ESTADO

Nem sempre é possível ver a luz depois da discussão

Os debates que o debate entre o ex-Governador Aluísio Alves e o Prefeito José Agripino suscitou foram tão — ou mais — acirrados como o confronto verbal entre os dois prováveis disputantes ao Governo do Rio Grande do Norte. E tais debates, por sua vez, deixaram no ar na opinião pública, estudantes e jornalistas políticos, uma grande dúvida: a atual estrutura política do Estado comporta um debate num nível realmente político e programático?

O que mais se comentou, tanto nos meios jornalísticos, como nos meios estudantis, foi o “desvirtuamento” do sentido do debate promovido pelo Centro Acadêmico “Amaro Cavalcanti”. O jornalista Antônio Carlos Fon, da revista “IstoÉ”, que estava em Natal realizando uma reportagem política e presenciou o debate, ficou um tanto perplexo com o seu nível. Profissionais de comunicação acharam que “tudo desceu para um nível muito corriqueiro, com perguntas relacionadas mais com a vida pessoal do candidato e coisas do seu passado”.

A UTILIDADE — “Eu acho que foi útil, porque não se discute política há muito tempo. Mesmo que o nível das perguntas tenha sido baixo, mesmo que tudo não tenha transcorrido como se esperava, foi, para mim, útil, por-

que a tendência é melhorar”. Essa opinião é do jornalista político Luciano Herbert, atualmente na Tribuna do Norte, mas que também já militou no Diário de Natal, no mesmo setor e é conhecido pelo seu equilíbrio.

O seu entendimento é de que Aluísio Alves soube tirar proveito do debate. Outros pensam de modo diferente. Sobre tudo, as pessoas que, por um outro motivo, se deixaram influenciar pelas “cliques”.

Mas o jornalista Ricardo Rosado, do Diário de Natal, tem uma opinião mais abrangente sobre o debate. Ele diz:

— Como iniciativa, o debate foi muito válido. Principalmente porque não estávamos acostumados. Como promoção do Centro, ele não poderia ser perfeito. Mas o tipo do debate, em si, abstraindo a figura de Aluísio e Agripino, já vem sendo realizado há 18 anos: é o debate entre o tecnocrata e o político.

Ricardo acha que a materialização da discussão a um nível público entre os dois apenas trouxe à luz um confronto que já vem ocorrendo de forma latente desde que foi desencadeada a Revolução de 31 de Março entre a burocracia e a política. Quanto ao debate entre Aluísio e Agripino, em si, como promoção estudantil, ele afirma que “o que menos estava presente era estudante”. □

“Que se estruturarem e se equipem nossas cerâmicas”. Esta é a palavra de ordem do Sindicato dos Ceramistas do Rio Grande do Norte aos seus associados, informando que o BNH vai construir 20 mil casas esse ano no Estado, dando condições ao seguro escoamento da nossa produção, há muito tempo estocada. O pique de construção acontecerá daqui há trinta dias. É necessário que todos os ceramistas estejam devidamente estruturados e equipados. Serão 18 mil casas pela Cohab e 2 mil pelo Inocoop. Apesar dos frequentes aumentos de combustíveis e energia elétrica, esta é uma boa notícia para a classe em, no mínimo, ter a certeza de vender e, conseqüentemente, escoar a produção.



Poucos estudantes no debate

SIND. DA IND.
DE CERAMICA
PARA CONST.
DO ESTADO DO
RIO GRANDE
DO NORTE

AGRIPINO ENTREGA UMA OBRA POR DIA EM NATAL

Uma obra por dia, durante o período de 14 de abril a 14 de maio, e 60 obras no dia 15 de maio, é a programação final do prefeito José Agripino, despedindo-se da Prefeitura de Natal para disputar o cargo de governador do Estado na convenção do PDS.

Durante a sua administração de 1.117 dias à frente da Prefeitura da capital do Rio Grande do Norte, o prefeito José Agripino construiu mais de 300 obras físicas — salas de aula, pavimentação, abrigos, lavanderias, revestimento de canais, galerias pluviais, quadras de esporte, praças, campos de pelada, galpões para ensino profissionalizante, oficinas artesanais, rede de água, casas populares do Promorar, abertura de novas ruas, sinalização da cidade, asfaltamento, além de obras sociais, através de programas de abastecimento (vendas do Frigonorte, de galletos, frios e peixes), de higiene (filtros), de lazer (esporte amadorista), distribuição de materiais escolares (lápiz, cadernos, fardas) e outras da mesma natureza.

Foi o prefeito José Agripino que intro-

duziu, a nível de Prefeitura, o ensino pré-primário, através da escolarização de crianças a partir de quatro anos de idade, cobrindo um espaço onde é mais alto o custo da educação, sem ônus para os pais e responsáveis pelas crianças.

ENCONTROS — O prefeito José Agripino inaugurou, também, método de administrar ouvindo as lideranças comunitárias, através de Encontros de Bairros onde todos os moradores de um mesmo bairro apresentam as reivindicações de interesse público como transporte, telefone, policiamento, posto de saúde, escola, pavimentação, abertura de rua nova, quadra de esporte, praça pública, abrigo de passageiros, limpeza urbana, feiras e muitos outros aspectos de abrangência da administração municipal.

Em todas essas frentes o prefeito José Agripino mostrou a eficiência do seu trabalho, dando resposta imediata através da execução da obra e/ou serviço solicitado, ou informando a falta de recursos para obras de maior vulto ou da alçada de outro Poder Executivo.

Mesmo assim, resolveu assumir a res-

ponsabilidade por vários serviços que não dependiam somente de sua decisão, como é o caso do Trem Urbano, que conseguiu trazer para Natal, e carrear recursos federais para saneamento das Rocas, Felipe Camarão e Vila de Igapó e drenagem do bairro da Ribeira, entre outros.

DRENAGEM — Nesse setor de drenagem há de se destacar serviços de drenagem que foram feitos ao longo de avenidas como a Mário Negócio, a Bernardo Vieira, a Presidente Bandeira, a Romualdo Galvão, a São José, a Antônio Basílio (em andamento) e definição de toda a área abrangida pelo Projeto Cura, localizado num quadrilátero formado pelas avenidas Prudente de Moraes, Bom Pastor e Bernardo Vieira/Capitão-Mor Gouveia, cujos serviços estão iniciados.

Sob todos os aspectos, a administração José Agripino tem se caracterizado como uma resposta afirmativa da participação do povo nas decisões do Poder Executivo, base primordial do procedimento democrático desse jovem administrador — nosso futuro governador.



José Agripino (com o braço erguido) acena para o povo em Natal

Os surtos, de repente, estão dando susto nos natalenses

O mês de abril foi de susto no setor de saúde do Rio Grande do Norte. Susto em relação a surtos. Dos muitos alarmes divulgados pela imprensa de Natal — todos baseados em denúncias — o que, realmente, tem mais fundamento é em relação à conjuntivite, que vinha rondando o Estado desde o início do ano, procedente do extremo Norte e terminou dando sinal da sua presença, com força total, em fins de fevereiro. A Secretaria da Saúde só pôde reagir com alertas e conselhos à população para evitar a contaminação. No mais, faltou uma ação decisiva e quem foi atingido pela irritante coceira, o lacrimejar abundante, a vermelhidão e inchaço nos olhos teve de recorrer aos oculistas particulares em seus consultórios, pois, de março para abril, os que prestavam serviço ao Inamps decidiram-se pôr um boicote em represália à restrição ao atendimento. O resultado é que em nenhuma outra época as farmácias de Natal venderam tanto colírio específico para conjuntivite.

BOATOS E CONTRADIÇÕES —



Lamaçais, focos e boatos de surtos

Febre amarela, tifo e malária foram outros males, em forma de surto, que atormentaram imaginação do natalense, graças ao noticiário. E o curioso é a maneira como surgiram algumas dessas notícias. A do tifo partiu do próprio Campus Universitário. Mais exatamente, da Residência Universitária, depois que dois estudantes e uma professora apresentaram sintomas semelhantes aos da febre e tiveram de ser internados no Hospital "Evandro Chagas". Depois, os resultados dos exames revelaram que não era tifo e o Laboratório Central disse que a água do Campus não estava contaminada. Quanto à febre amarela, tudo parece ter nascido de um equívoco. Um repórter do Jornal do Brasil teria interpretado uma informação da Sucam de uma ocorrência do mal recentemente, quando, seguindo o órgão, a informação referia-se a um acontecimento de muitos anos atrás. Já a malária foi abordada de fontes diversas, especialmente de denúncias feitas a partir dos conjuntos habitacionais. A Saúde, porém, afirmou e afirma que nada foi detectado.

Só a conjuntivite em larga escala tem seu surto, em Natal, como uma realidade econômica. Não há estatísticas, mas pelo menos uma de cada dez famílias de Natal teve uma pessoa atingida pelo mal.

A palavra mais confortadora da Secretaria da Saúde é de que se trata de uma forma benigna de conjuntivite — o que, quem foi atingido e sofreu muito, não chega a acreditar. □



Dinarte: mais médicos

PREVIDÊNCIA

O Prev-Saúde dá sinais de vida

Do Prev-Saúde, como se sabe, falou-se muito e terminou praticamente esquecido. Se os planos fossem para valer e o sistema da Previdência não tivesse entrado em colapso o esquema já era para estar funcionando no Rio Grande do Norte há, exatamente, um ano. No entanto, ele não foi de todo relegado. Alguma coisa ainda persiste na forma de medidas como a que o Inamps está procurando implantar no Rio Grande do Norte, a partir de maio: a instituição de uma gratificação de 40%, 50 e até 60% sobre o salário mensal do médico que se propor a prestar serviços em cidades do interior. O percentual da gratificação estará em relação à distância da cidade da Capital, valendo apenas para as que se encontrem a partir dos 50 quilômetros de Natal.

Essas informações foram prestadas a RN/ECONÔMICO pelo superintendente regional do Inamps, Dinarte Mariz Júnior, que se mostra bastante animado com as possibilidades de motivar o médico a trabalhar no interior com tais estímulos. Ele acha que a gratificação será uma motivação de peso, ainda mais segundo acrescentou, que ela terá efeito retroativo até 27 de maio de 1981. Todos os cálculos já estão sendo levantados para a estimativa das despesas que resultarem desse plano. Serão beneficiadas, entre outras, cidades como Macau, Areia Branca, Currais Novos e Caicó. □

Parece que o inverno não vai ser tão ruim

A frase “Em se plantando tudo dá” não tem a menor credibilidade para o agricultor do nosso Estado, pelo menos é o que garante o agricultor Manoel Ferreira da Silva, de Santa Cruz. Entretanto, a grande maioria volta a fazer uma nova tentativa de plantio, embora tardio e sem muitas esperanças de frutificar. A desativação da Emergência e o otimismo do chefe do escritório regional da Sudene, Antônio de Pádua, que acredita no início do inverno são fatores que vêm sendo discutidos abertamente nas feiras das cidades do interior. Enquanto os proprietários de terra são favoráveis ao fechamento do Plano de Emergência por acreditarem que “isso apenas vem tornar nosso homem em um preguiçoso em potencial” os trabalhadores rebatem as acusações dizendo que “eles dizem isso porque o dinheiro agora é pago direto pra gente”.

O replante que está sendo feito em algumas regiões pode dar certo, como é o caso das regiões serranas onde o exemplo maior está na Serra do Doutor, que sempre tem conseguido “sustentar” o plantio ou o replantio. Mas nisso tudo, segundo os técnicos, ainda existe um outro fator: se houver bom inverno, garante o milho e o feijão que podem vir fora da época e ter diminuída a sua produção; mas se chover demais o algodão sofrerá as consequências e terá a sua produção também afetada em quase cinquenta por cento, ou ainda totalmente.

EMERGÊNCIA — A desativação da Emergência em grande parte do Estado vem sendo discutida e a grande maioria acha que ainda não está na hora disso acontecer. Há um outro ponto que vem sendo bastante criticado: as chuvas artificiais que garantiriam a sustentação da lavoura. Não leva crédito tal iniciativa e alguns questionam a Sudene quando perguntam porque, no Ceará, não vem sendo certo e se continua a insistir nesse tipo de “fabricação de chuva”. Outros mais esclarecidos, perguntam porque não há uma utilização desse tipo de solução em países tão necessitados de chuvas como é o caso dos que têm desertos.

Se o otimismo de Antônio de Pádua conseguiu influenciar, não se sabe ainda, embora o plantio venha sendo feito por alguns. Mas não se pode dizer que a fatia maior de agricultores do Estado está otimista. É verdade que algumas chuvas animaram mas também é verídico que há ainda um temor com relação ao “pegar de inverno”.



Pádua: sempre otimista

Manoel Ferreira explica que o problema é que “a terra estava seca e não é uma chuvinha qualquer que pode molhá-la. Todos nós sabemos que chuvas torrenciais não são boas para molhar a terra, exceto se elas acontecerem com frequência e em grande escala. É preciso que também chova fino e também com frequência”. No entanto, alguma coisa já melhorou com as chuvas caídas. O gado quase todo já tem onde beber e o capim que nasce já está tomando forma e dentro em breve poderá ser consumido. Mas isso também só acontecerá se as chuvas continuarem nos próximos dias.

“É impossível se ter uma solução para o problema?”. Os agricultores garantem que não e que mais uma vez a Sudene erra em suas tomadas de posições quando decreta o fim da Emergência. “Por que não deixam a Emergência com o homem sendo pago para trabalhar no plantio e se o inverno continuar se preconiza o final dela?”. Essa solução é defendida pelos trabalhadores mas os proprietários preferem “fornecer” — como sempre fizeram para escorrachar seus trabalhadores com o encontro de contas no final do ano — a feira, o carroço para o plantio e o pagamento dos dias de trabalho.

As notícias de chuvas que correm

pelo interior não são tão boas quanto se diz aqui na capital. Parece que a necessidade de uma interrupção imediata do Plano de Emergência é que aumenta esse otimismo exagerado de alguns, que não vêm a hora de dar um sumiço nesse Estado. “Chuvas existem em alguns lugares e podem se tornar em inverno. É preciso que não se confunda chuva com inverno, que são duas coisas distintas”. Para se ter a certeza de um inverno é preciso que se tenha, “pelo menos, um mês de espera e de confirmação” de chuvas caídas e que garantem mesmo o plantio. □



Mesmo numa cidade, como Natal, com malta ladeira, a moto tem funcionado bem

Moto é a solução. Mas tem também seus pontos fracos

Um mercado em franco crescimento. É assim que está se definindo a revenda de motos em Natal. Não há uma grande diferença entre as duas marcas, mas ainda não está firmado o motor a álcool que tem sido muito combatido pelos proprietários. Por outro lado, o motoqueiro ainda não toma os cuidados necessários para trafegar e muitos, a grande maioria mesmo, não usam sequer o capacete obrigatório e, principal responsável em evitar a morte em quase sempre todos os casos de acidentes. O comércio paralelo de peças é criticado pelos donos das concessionárias, mas confirmam que pouco tempo depois a moto acaba vindo para a loja autorizada onde são colocadas peças originais.

Jefson Witame Gomes e Luiz Emílio Maciel Teixeira, da Moto Sport, na Nízia Floresta, afirmam que a Yamaha tem tido mais cuidado com as velas do motor, a exemplo da 125, a mais comercializada:

— Antigamente você comprava uma Yamaha e todo mundo tinha

ROSEMILTON SILVA

preocupação com a vela. Hoje as velas já dão quase seis mil quilômetros. Antes era muito difícil ela dar mil quilômetros. A vela certa para uma 125 é a V8HF.

Entre álcool e gasolina os dois ficaram com a gasolina. Mas disseram também que em sua oficina eles não têm muita experiência com o motor a álcool, porque “ainda tem poucas motos a álcool”, mas os poucos que vieram à oficina não têm demonstrado estarem satisfeitos com a moto movida a álcool.

PROBLEMAS — Uma das partes que mais dá problemas na moto são a coroa, o pinhão e a corrente. Sobre o assunto, os dois disseram que a corrente deve sempre estar apertada:

— Nunca deixá-la folgada porque o desgaste é maior.

Disseram, ainda, que o motoqueiro nunca deve colocar graxa na corrente porque ela pega areia e isso só vem a

prejudicar. Há um fluido especial para se colocar:

— Ou se coloca o óleo apropriado ou não se deve colocar nada. Porque a graxa deixa a corrente mais leve, mas, em contrapartida, ela escapa muito e pode até provocar acidente.

Entre os dois motores fabricados no Brasil, Honda e Yamaha, os dois não se definiram, mas disseram que o da Yamaha é menos complicado e o leigo pode até “sair de um prego”, o que não acontece com o motor Honda porque é mais complicado.

A CRISE CONTRIBUIU — Segundo Hélio Paiva, a crise do automobilismo no ano passado contribuiu para o aumento nas vendas de motos. Explica ainda que não foi só em função do preço do automóvel que subiu bem mais do percentual de aumento como também o preço de manutenção do veículo, o consumo de combustível:

— E também contarmos com o prazo de financiamento. Porque o prazo era só até doze meses e foi aberta uma exceção para 18 meses para a

motocicleta.

Enquanto a equipe da Moto Sport diz que havia um problema de regularidade em peças, já que os pedidos levavam até um mês para chegarem a Natal, Hélio Paiva afirmou que não teve esse tipo de problema:

— Nós temos apenas uma inconstância em função do volume de produção da fábrica.

Explica que como ele é representante de uma marca, tem de adquirir as peças da própria fábrica e nunca do mercado paralelo. Por essa razão, as concessionárias estão sujeitas à produção das fábricas. Em determinados momentos essa produção da fábrica tem atrapalhado no mercado



Um transporte que é bem rápido e econômico

de reposição de peças e as vezes ele fica carente de uma determinada peça, mas não por muito tempo.

Para Hélio Paiva, não existem problemas entre álcool e gasolina porque a motocicleta, especialmente o motor de dois tempos, é um motor bem ver-

sátil em termos de combustível e que aceita muito bem a mistura, como também aceita que se use um combustível puro como o álcool:

— O desempenho fica até melhor. Tem velocidade final, pega bem.

Continua afirmando que, infelizmente, o carro a álcool prejudicou a motocicleta movido por esse combustível:

— Porque generalizou a situação. Inclusive, as provas de fórmula em São Paulo, de velocidade, tanto da Honda como da Yamaha, são a álcool. O desempenho é bem superior. Nós temos moto a álcool aqui na loja para nosso serviço e comprovamos que ela anda bem, tem mais velocidade.

Aponta como único problema o tanque para o combustível, já que o consumo é quinze por cento a mais que a moto a gasolina:

— O tanque é do mesmo tamanho, dando uma menor autonomia.

A tão falada corrosão no carro a álcool, segundo Hélio Paiva, não acontece nas motocicletas, porque os componentes delas recebem um tratamento específico para isso, já que tudo foi devidamente estudado e projetado para que não acontecesse a corrosão. As peças onde o combustível chega foram trabalhadas para não serem corroídas e no próprio catálogo de peças consta uma numeração em separado para estabelecer a diferença com as de outro tipo — gasolina.

Comenta que não há conselhos específicos para os proprietários de motos a álcool, nem mesmo pela parte de motor, já que não há nenhum defeito ou deficiência que indicasse uma medida de prevenção.

Com relação ao uso de peças não originais, diz que “via de regra essas motos acabam vindo para as oficinas autorizadas” e não são as oficinas as culpadas, mas o mercado paralelo de peças, porque elas não contam com uma orientação básica a altura e não estão sujeitas ao controle de qualidade que o próprio fabricante determina para as peças, muito embora elas também não sejam fabricadas pelas montadoras:

— Eles compram muitas peças de fornecedores, mas para que isso aconteça têm que verificar o controle de qualidade para que o veículo saia com um componente a altura. E isso não acontece no mercado paralelo.

CRESCIMENTO DO USADO — O mercado da motocicleta usada tem crescido bastante e isso se deve ao

BOMBAS SUBMERSAS
PARA FAZENDAS, INDÚSTRIAS
E RESIDÊNCIAS
e'com **CYRO CAVALCANTI**

ÁGUA DE ONDE ESTIVER PARA ONDE VOCÊ QUISER

- VENDAS
- INSTALAÇÃO
- PERFURAÇÃO
- ASSISTÊNCIA

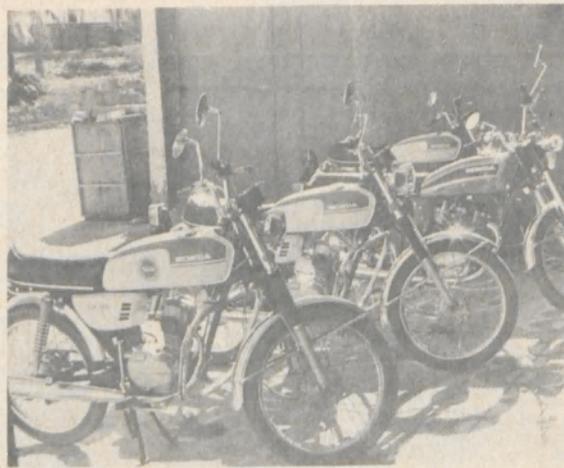
CYRO CAVALCANTI
Av. Duque de Caxias, 170 - Fone 222.7072, 222.2234
Ribeira-Natal

preço mais acessível. Mas essa compra tem seus segredos e é necessário que o comprador saiba examinar uma moto usada ou levar consigo uma pessoa que entenda. Antes, esse mercado estava restrito a pessoas ou oficinas que "garibavam a moto"; hoje, as revendas já assumiram o grande mercado de motos usadas.

Vários são os pontos que podem ser verificados: alinhamento das rodas; a caixa de câmbio; o tanque enferrujado; as válvulas batendo. Já a parte mecânica é aconselhável que um mecânico de sua confiança a examine. Já para as Trail, é necessário que se tenha cuidados especiais ao verificá-las e os cuidados com a parte mecânica devem ser redobrados porque têm um uso mais violento e andam em estradas de terra, água e areia.

Exatamente para atender esse tipo de mercado, tanto a Honda quanto a Yamaha estão preocupados em manter acesso às peças de reposição, dando um maior impulso para que a comercialização de motos usadas cresça sempre.

A SEGURANÇA — Manoel Romualdo da Costa e Silva, um motociclista de há muito tempo, experiente, aponta alguns itens que os motociclistas de Natal costumam relaxar e que são importantes para a segurança deles:



A moto também tem contra-indicação

— O uso do capacete parece ser esquecido pela grande maioria.

Em quase todos os acidentes a cabeça é, geralmente, quem mais sofre e quase sempre provoca a morte do motociclista:

— Eu não sei bem por que não se usa capacete. Ele pode parecer incômodo mas é muito útil e já tem evitado algumas mortes.

Manoel Romualdo explica, ainda, que o blusão utilizado pelos motociclistas em quase todos os lugares do mundo é esquecido não só em Natal como em grande parte do País:

— O blusão foi símbolo de "play-boy" e por essa razão ele deixou de ser usado pela grande maioria. Na verdade ele tem uma utilidade muito grande porque evita raladuras.

Continuando, ele diz que a motocicleta precisa ser mais respeitada pelos motoristas que vêm nos motociclistas como um irresponsável quando não é isso:

— É preciso que se tire da cabeça das pessoas que o motociclista é uma pessoa hoje dentro do trânsito que merece respeito porque ele é um trabalhador como os outros. Acabou-se o tempo em que a moto era um instrumento de "play-boy". Hoje, ela faz parte do cotidiano de muita gente

que não pode comprar um carro.

OS CUIDADOS NA COMPRA —

Manoel Romualdo dá algumas dicas para quem quer comprar uma moto, principalmente se ela for usada. Ele diz que, para um leigo, é sempre difícil e que um mecânico de confiança deve acompanhar a pessoa que deseja fazer a compra. Para se verificar, por exemplo, a caixa de câmbio é preciso que se "dê uma volta com a moto":

— Anda-se com a moto na quantidade exata de giros de uma marcha e solta-se o acelerador rapidamente, se ela não saltar de marcha é um bom sinal de que a caixa de câmbio está bem.

Duas dicas importantes: se as válvulas estiverem batendo é sinal de que estão desreguladas e com alguns possíveis problemas. A exemplo do carro, se o cano de escapamento estiver enegrecido é sinal de que a moto está queimando óleo mais do que deve. Para verificar o alinhamento das rodas, coloca-se o veículo em um cavalete, deixando a roda da frente bem reta; olhando-se bem de frente será possível saber se realmente elas estão alinhadas.

Segundo ele, o mais complicado ainda são os relógios, porque quebram facilmente e custam muito caro. Os relógios são necessários porque indicam a quantidade de giros (conta-giro). O hodômetro e o velocímetro devem ser confiáveis. Mas ele diz também que o estado do motor não pode ser verificado por completo. No entanto, se pode ter uma idéia de como ele está. Nunca deixar a corrente afrouxar, sempre verificando o seu funcionamento e suas condições também é muito importante, porque em caso de afrouxamento ela poderá estragar o pinhão e a coroa. □

Você comprou
forropacote, divisória divilux,
— piso paviflex, esquadria de
— alumínio, box p/banheiro e
— não consultou a Única Metal,
— você PERDEU DINHEIRO.

Única Metal
fones: 222-0200 - 222-7957
Org. FERNANDO BEZERRIL

O PÓLO CERÂMICO DO ESTADO É UMA REALIDADE

O Decreto n.º 8.369, assinado pelo Governador Lavoisier Maia, criou, através da Secretaria de Indústria e Comércio — SIC, o Pólo Cerâmico do Rio Grande do Norte. Isto, todos já sabem. Mas, o importante mesmo é saber que, pelas características, o referido Pólo é considerado pioneiro no Nordeste, irá carrear substancial parcela do FDCI — Fundo de Desenvolvimento Comercial e Industrial —, o que garantirá ao investidor o financiamento subsidiado, a juros de 4% ao ano, num investimento total de US\$... 133.400.000,00 (cento e trinta e três milhões e quatrocentos mil dólares americanos). O Pólo Cerâmico gerará 4.105 empregos diretos e tem o total apoio da Sudene que, inclusive, já aprovou dois projetos para o Estado.

A aprovação pela Sudene do projeto apresentado pela Manufatura Porcelana Beatriz S/A, para um investimento de US\$ 8.500.000,00 (oito milhões e quinhentos mil dólares americanos) e o da Lousane — Louças Sanitárias do Nordeste S/A, investindo US\$ 8.000.000,00 (oito milhões de dólares americanos), foi o início da viabilidade de um Pólo Cerâmico para o Estado. Agora, com o Decreto 8.369, o Pólo Cerâmico do Rio Grande do Norte é uma realidade.

O PIONEIRISMO — Núcleos industriais de cerâmica vermelha nas regiões de Mossoró, Açu, São Gonçalo do Amarante, Goianinha e São José de Mipibu já constituíam uma realidade na atividade ceramista do Estado. Mas, somente a consolidação desses núcleos, a criação de um segmento de cerâmica branca e de um futuro parque vidreiro determinaram o pioneirismo, no Nordeste,

do Pólo Cerâmico do Rio Grande do Norte. Utilizando-se de matéria-prima existente no Estado, passaremos, então, a fabricar desde o azulejo, louça refratária, cristais e pastilhas, até mesmo, no futuro, vidros ocós para recipientes, garrafas, louças de mesas e embalagens.

Dado o pioneirismo da criação do Pólo Cerâmico do Rio Grande do Norte, o mesmo foi lançado oficialmente na última reunião do Conselho Deliberativo da Sudene, ocorrido no Centro de Convenções de Salvador, pelo Governador Lavoisier Maia quando, na oportunidade, fez uma explanação geral da iniciativa, expondo motivos de viabilidade. A Sudene deu total e irrestrito apoio à implantação do nosso Pólo Cerâmico.

O FINANCIAMENTO — Já está assegurado que aos investidores do Pólo Cerâmico lhes serão concedidos financiamentos subsidiados, a juros de 4% ao ano e com correção monetária pré-fixada. A participação acionária do FDCI e do Fundeminas será mais uma opção. Garantiu o Secretário da SIC, Jorge Ivan Cascudo Rodrigues que o Fundo de Desenvolvimento Comercial e Industrial oferecerá substancial parcela do seu capital.

Para operar no ramo, já estão aprovados pela Sudene projetos da Manufatura Porcelana Beatriz e da Lousane, a primeira já se instalando e ambas serão implantadas até o final do ano, às margens da BR-304, trecho Eduardo Gomes e Macaíba.

A necessidade de se fomentar o aproveitamento dos minerais econômicos dos pegmatíticos, como o caulim, feldspato e quartzo, dando uma melhor distribuição de seu uso no ramo cerâmico fino, foi a razão do

Governo criar o Pólo Cerâmico, implantando o segmento de cerâmica branca, que gerará 4.105 empregos diretos.

NÚCLEO VIDREIRO — No Rio Grande do Norte existem praticamente todas as matérias-primas necessárias à fabricação do vidro. As jazidas de calcáreo, quartzo, fluorita e feldspato apresentam reservas abundantes. E uma unidade de barrilha em Macau vem complementar o quadro de matérias-primas básicas. Então, por que não se pensar na implantação de um núcleo vidreiro no Estado que fabrique vidros ocós para recipientes, garrafas, louça de mesa e embalagens? Está aí mais um ramo do Pólo Cerâmico. Ao ser localizado em área especial destinada pela CDI/RN, no Distrito Industrial de Natal.

Por outro lado, estão em funcionamento hoje no Estado em torno de 120 empresas que trabalham com cerâmica vermelha, produzindo mensalmente mais de 40 mil milheiros de telhas e tijolos, oferecendo 12.000 empregos diretos. E essa indústria, atualmente, está em crise pela falta de escoamento da produção. O Pólo Cerâmico, conforme dispõe seu artigo 1.º, destina-se também a consolidar o setor, inclusive com recursos do FDCI.

O Pólo Cerâmico do Rio Grande do Norte já é uma realidade. Os núcleos de cerâmica vermelha já existem e serão consolidados. O ramo de cerâmica branca despertou o interesse de importantes indústrias nacionais — a Beatriz e a Lousane — e o núcleo vidreiro tem tudo para se implantar. É só uma questão de tempo.

Dramas e realidades de quem precisa de capital

Esta Revista deu-me um presente de grego: incumbiu-me de fazer uma matéria, tipo prestação de serviço aos seus leitores, focalizando um assunto sobre o qual todo mundo fala, sofre e reclama, mas, na realidade, ninguém sabe direito. Nem direito nem torto, porque a engrenagem e o artificialismo existentes dentro, fora e em torno do problema é tão grande que desafia qualquer “matemático Osvald de Souza” a saber ou a adivinhar, com precisão absoluta, essa informação que **RN/Econômico** gostaria de ter: o custo do dinheiro.

Táí um negocinho difícil da gente destrinchar. É por isso que o doutor Delfim erra tanto nas suas previsões, sempre otimistas, a respeito dessa tal de espiral inflacionária. Enquanto ele promete abaixar o custo de vida, só consegue abaixar de verdade o valor do dinheiro, o que significa dizer apertar o cinto da gente que já não tem mais buraco disponível.

Saber direitinho mesmo o custo do dinheiro (é evidente que eu estou me referindo ao nosso cruzeiro velho de guerra) é muito difícil, diria até impossível, na hora em que se leva a sério o trato dessa questão, firmando-se, melhor diria: tentando equilibrar-se nas inúmeras condições, considerações, implicações e outros ções que consubstanciam, agilizam e desagilizam esse mundo maravilhoso e ao mesmo tempo tenebroso, gostoso e perigoso, colorido e preto do dinheiro e dos créditos que embalam e desembalam este País.

SIGLAS — São tantas siglas, tantas linhas de créditos (a maioria delas, sem dinheiro), tantos condicionamentos, taxa pra lá, taxa pra cá, juros que correm por dentro e juros que desembestam por fora, correção monetária que avança de fazer inveja a Nelson Piquet, condições de pagamentos diferentes, carências múltiplas, projetos, tempo perdido se misturando com algum tempo ganho, enfim é uma espécie de “mundo cão sonante” que a gente fica pensando: já pensou o cara ter que enfrentar essa barra como norma de vida? É dose pra elefante.

EVERALDO G. PORÇIUNCULA

No duro, no duro, o custo do dinheiro, além da fixação das taxas de juros, que é livre, depende de outras coisas, além do imposto também (ISOF) e de comissões cobradas pelo bancos, coisas que precisam ser analisadas com muito cuidado pelo toma-



Bancos, bancos e seus gerentes: dinheiro, juros e siglas

dor, se não quiser entrar por uma solene tubulação.

O custo do dinheiro começa pelo custo-tempo que ele consome para ser obtido. Normalmente, um empréstimo, um financiamento, um desconto mais expressivo, com raras exceções que apenas justificam as regras, nunca é “toma lá dá cá”. Demora um pouco ou demora muito e, as vezes, sem muita raridade, demora muito e não chega nunca, isto é, demora o tempo todo. E aí pergunta-se: quanto vale o tempo de um empresário? De um profissional liberal?

Mas, como enquanto há vida há esperança e como ninguém pode adivinhar os desfechos das coisas, enquanto o dinheiro não vem, insiste em não aparecer, o interessado, que também pode ser chamado de “o ne-

cessitado” e as vezes até de “o miserável”, tem que ficar correndo acima e abaixo atrás do vil metal, falando sozinho, de vez em quando com ares de doido, esperando por quem não marcou encontro e que não tem nem um tiquinho de pressa em aparecer.

E quando ele aparece lá vem as exigências burocráticas (ah, meu caro Beltrão) e de segurança que condicionam a feitura ou não da operação pretendida.

NO MÍNIMO, 100% — Conversando com um empresário industrial sobre esta reportagem do custo do dinheiro, ele saiu-se com essa: “Você não tem que fazer reportagem nenhu-

ma. Com uma frase você resolve tudo. Então solte essa frase — disse — e ele: “Com muita sorte, parecendo até marmelada, o dinheiro custa 100% ao ano”.

E prosseguiu: “Reportagem? Só se você quiser falar sobre como ficará isso aqui dentro de pouco tempo se essas dificuldades prosseguirem. E é também muito fácil saber: falência do Nordeste que já está na concordata há muito tempo, nivelamento por baixo. Aí tá certo, você pode escrever a vontade, pode fazer até um ótimo romance, o romance da miséria de uma região que teima em existir sem a menor condição. Ou o Governo torna-se sensível a essa realidade ou a vaca não vai mais sair do brejo. Dentro ela já está”.

Exagero. Não sei. Um pedacinho,

talvez, mas que o mar não estar pra peixe, ninguém tenha a menor dúvida. Quer um exemplo: anote aí: o Banco do Brasil, que tem dinheiro saindo pelo ladrão, não tem dinheiro. Explico melhor: dinheiro tem e muito, mas está sem operar. Nem o dinheiro, que deveria ser sagrado, do custeio, consegue botar a venda de fora. Nem para plantar milho e feijão aproveitando essa chuvinha que resolveu cair por aqui, o que é um crime, pois, ou se aproveita logo o chão molhado ou perde-se a oportunidade. Esta é a realidade na hora em que escrevo essas mal traçadas linhas (penúltima semana de abril). São ordens de Brasília, da famosa política econômica do doutor Delfim, que a esta hora encontra-se em Paris tomando mais dinheiro emprestado.

Quer outro exemplo, também no Banco do Brasil? Anote aí: apesar da inflação deste ano caminhar-se para os noventa ou cem por cento, o Banco do Brasil só pretende aplicar, no máximo, 60% de sua posição no balanço de dezembro do ano passado. Eu disse... pretende, porque, na realidade, não é isso o que vem ocorrendo até agora. Tanto é verdade que, no primeiro trimestre deste ano, o Banco

do Brasil — pelo menos no Rio Grande do Norte que não deve ter sido uma exceção — só aplicou 5% dos 60% programados para o ano todo. Se essa política continuar, se essa proporção for mantida — 5% por trimestre — em vez de 60% de aplicação dentro de uma inflação de 100%, teremos apenas 20%... e viva o Nordeste.

LINHAS DE CRÉDITO — Para atender a iniciativa privada, nos seus diversos e múltiplos setores, e para fazer face aos programas dos poderes públicos, existe uma danação de siglas traduzindo programas específicos, alguns dos quais com juros subsidiados pelo Governo. Acontece, porém, que a maioria dessas siglas dessas linhas de créditos, só existe mesmo a linha, porque, dinheiro, que é bom, não tem.

Dentro dessas linhas de crédito, tem uma já falecida, só falta mesmo enterrar. É o PROTERRA, criado em 1971, que emprestava dinheiro a 12% ao ano a pequenos, médios e grandes proprietários, com um prazo de até 8 anos, com dois anos de carência.

No seu lugar, criado pelo Governo Geisel, veio o Polonordeste, que fun-

ciona com recursos do Banco Central, com juros também de 12% ao ano, prazo de 12 anos e carência de até 6 anos, mas não tem a dimensão do PROTERRA. Atinge apenas os mini e pequenos produtores rurais do semi-árido, mais ou menos dentro das mesmas características de um outro programa: o Projeto Sertanejo.

Foram feitos vários canais para a passagem do dinheiro, cada um tem um nome. Muitas vezes esses canais ficam secos ou vários deles secam, mas permanecem enfeitando os mapas e a programação dos bancos.

Dentro dessas siglas tem — quanto tem — o dinheiro, que, para sair desses canais ou para ser pescado neles, obedece a divisões e sub-divisões de programas impostas pelos critérios das operações que determinam juros, prazos e objetivos.

Ser amigo do gerente continua sendo uma grande coisa.

O CUSTO DO DINHEIRO — É claro que, se as taxas de juros foram liberadas, cada banco cobra o juro e a comissão que bem entende, naturalmente que obedecendo uma certa lógica por força da concorrência e das condições do mercado. No entanto, os



Banco: facilidades?

ALGODOEIRA SÃO MIGUEL S.A.

C. G. C. N.º 08.412.124/0001-96

RELATÓRIO DA DIRETORIA

Senhores Acionistas:

Em respeito à Lei e aos dispositivos estatutários, Submetemos à apreciação de Vv.Ss. o relatório das atividades desenvolvidas por esta sociedade durante o exercício de 10 de janeiro à 31 de dezembro de 1.981, bem como o Balanço Geral e as respectivas demonstrações referente ao-

mesmo período.

Permanecendo à disposição de Vv.Ss. para quaisquer esclarecimentos considerados necessários, agradecemos à confiança recebida, certos de termos cumprido com o nosso dever.

Natal, 31 de março de 1.981

A DIRETORIA

BALANÇOS PATRIMONIAIS LEVANTADOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1980 e 1981

	1981	1980
ATIVO		
CIRCULANTE		
Disponível		
Caixa	1.481.991,08	533.342,78
Ban. o.s.	2.153.471,32	16.632.296,53
REALIZÁVEL A CURTO PRAZO	3.525.462,40	17.165.639,31
Duplicatas a Receber	379.369,197,00	289.100.666,50
(-) Mesas	270.394,49	258.362,16
Fornos p/ Contas Incobráveis	69.322.895,00	69.165.788,00
Duplicatas Descontadas	309.775,907,51	219.676.516,34
Estoque		
Produtos - Materiais - Produtos em Processo	12.836,463,47	276.240.577,25
Impostos a Recuperar	14.095.387,63	17.035.317,79
Despesas do Exercício Seguinte	6.210.000,00	6.114.765,99
Importos - Taxas Recuperáveis	4.741.519,90	579.859,63
Conta Vinculada	7.255.150,23	5.879,20
Investimento Compulsório	5.879,20	7.473.328,98
Contas Correntes Levedoras	9.017.244,16	429.668,72
Devedores Diversos	3.573.287,57	
Total do Ativo Circulante	1.746.524.487,07	544.721.553,21
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO		
Depósitos Sane Lei 4259	3.483.791,00	2.226.516,00
Depósitos Compulsórios Lei 14170		22.000,00
Investimentos Eletrobras - Lei 4150	2.456.217,22	740.770,82
Investimento Telem Port. 911/70	5.000,00	5.000,00
Depósitos Emorwer	50.291,07	-
Total do Realizável a Longo Prazo	5.995.299,86	3.003.286,82

	1981	1980
ATIVO PERMANENTE		
Investimentos:		
Ações de Outras Empresas	151.368.955,26	102.203.701,08
Isobilizações Técnicas:		
Terrinos	15.770.868,56	8.325.762,85
Edifícios	43.025.426,99	22.000.064,24
Muros - Barras e Fôrmas	5.171.053,37	2.727.107,43
Maquismos e Acessórios	5.360.150,69	4.141.823,39
Veículos	9.890.466,30	8.112.553,30
Móveis e Utensílios	0.372.356,86	1.679.265,18
Instalações Elétricas	14.268.592,57	-
Instalações Hidráulicas	219.548,65	-
Instalações e Equip. p/ Irrigações	22.046.704,67	-
(-) Depreciações Acumuladas	9.028.565,55	43.006.529,76

	1981	1980
PASSIVO		
CIRCULANTE		
Afiatamentos de Clientes	379.369,197,00	203.187.277,32
Fornecedores	9.313.553,66	28.188.371,33
Títulos a Pagar	354.603.000,00	96.077.779,87
Provisão p/ Impostos de Renda	21.285.496,00	9.273.712,07
Impostos a Pagar	48.782.576,20	19.188.217,63
Contas Correntes Credoras	509.022.089,43	6.693.983,76
Despesas a Pagar	42.087.268,39	20.389.859,34
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	1.364.461.183,68	382.999.200,43
Capital Social	248.620.000,00	156.800.000,00
Reservas de Capital		
Reserva p/ Aumento de Capital	262.374.881,57	91.811.886,52
Correção Monetária de Investimentos	5.367,82	13.481,90
Reservas de Lucros		
Reserva Legal	39.240.764,23	17.250.333,81
LUCROS ACUMULADOS		
Lucros à disposição da A.G.O.	104.582.922,00	42.900.032,30
Lucros à disposição de	2.019.285,119,30	691.174.934,36
CHARLES GRAY BIRCH - Diretor		
JOHN ROYSTON SHEPHERD - Diretor-Adjunto		
GERALDO DE ALBUQUERQUE PIPES		
C.F.C. RN-no 399		

	1981	1980
VARIAÇÃO DO CAPITAL CIRCULANTE - EXERCÍCIOS DE 1981 e 1980		
ORIGENS DE RECURSOS		
Lucro Líquido do Exercício	110.087.286,31	53.551.063,65
Reserva p/ Aumento de Capital	24.769.953,00	12.195.851,00
Correção Monetária do Balanço	157.121.919,99	35.416.477,07
Depreciação Legal	6.523.751,77	2.642.830,07
Baixa - Bens do Imobilizado	609.740,91	-
Aumento - Investimentos	1.335.382,69	-
Total das Origens	300.448.039,67	103.806.244,77
APLICAÇÕES DE RECURSOS		
Aquisições de Bens p/ o Imobilizado	34.815.063,77	4.889.172,02
Variações decorrentes do exercício	42.306.042,00	24.583.903,30

Total do Ativo Permanente 266.765.332,37 243.450.094,33

Total das Aplicações 80.107.089,06 30.551.779,14

TOTAL DO ATIVO 2.019.285.119,30 691.174.934,36

Aumento do Capital Circulante 220.340.950,61 73.254.465,63

DEMONSTRATIVO DOS RESULTADOS - EXERCÍCIOS DE 1981 e 1980

	1981	1980		
Vendas no Período	1.045.567.129,32	563.179.362,11	Mais:	
Custo dos Produtos Vendidos	457.111.796,62	319.680.750,57	Resultados Não Operacionais	37.370.022,34
Lucro Bruto Operacional	588.315.332,70	243.498.611,54	Menos:	
Menos:			Correção Monetária - Saldo Devedor	157.121.919,99 35.416.467,07
Despesas Operacionais Administrativas	89.418.963,59	79.513.336,95	Lucro Antes do Imposto de Renda	156.143.735,31 75.020.626,63
Despesas com Vendas	119.889.880,43	40.569.555,53	Menos:	
Despesas Financeiras	128.034.781,83	32.925.675,52	Provisão p/ o Imposto de Renda	21.286.496,00 9.273.712,00
Mais:			Reserva	
Receitas Financeiras	29.460.315,05	19.947.050,16	Reserva p/ Aumento de Capital	24.769.953,00 12.195.851,00
Outras Receitas e Despesas Operacionais	(4.536.388,94)		Reserva Legal	5.504.364,31 3.751.031,33
Lucro Líquido Operacional	275.895.632,96	110.437.093,70	Distribuição de Resultados no Exercício	- 7.300.000,00
			Lucro Líquido (Disponibilidade da A.G.O.)	104.582.922,00 42.300.032,30

DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO - EXERCÍCIO FINDO EM 31.12.1981

HISTÓRICO	CAP.SOCIAL	RES.DE LUCROS	RES.CAPITAL	LUCROS ACUMULADOS	PATR.LÍQUIDO
Saldo no início do Período	156.800.000,00	17.250.333,81	91.823.367,82	42.300.032,30	308.175.733,93
Aumento de Capital	91.820.000,00	-	(91.820.000,00)	-	-
Correção Monetária dos Saldos Contábeis	-	16.486.066,31	262.374.881,57	-	278.860.947,68
Reserva Legal	-	5.504.364,31	-	(5.504.364,31)	-
Lucro Líquido do exercício	-	-	-	110.087.286,31	110.087.286,31
Dividendos Distribuídos	-	-	-	(42.300.032,30)	42.300.032,30
Saldo no fim do Período	248.620.000,00	39.240.764,23	262.380.249,39	104.582.922,00	654.823.935,62

"NOTAS EXPLICATIVAS"

NOTA 1 -

- A Demonstração Financeira foi elaborada de conformidade com o exposto na Lei nº 6.404 de 15.12.1976 e atual legislação tributária.
- Estamos considerando como Ativo a Receber à Curto Prazo e Passivo Circulante os vencimentos até 360 (trezentos e sessenta) dias.
- A Provisão de contingentes para devedores duvidosos foi constituída, respeitando-se o limite legal, considerada suficiente para cobrir possíveis perdas.
- O efeito inflacionário, foi reconhecido pela correção Monetária do Patrimônio Líquido e Ativo Permanente, de acordo com a Lei 6404 e Decreto Lei 1598 " No início e no fim do Exercício"

- O Ativo Imobilizado está devidamente contabilizado pelo valor original, mais a Correção Monetária e menos depreciações pelo método linear e as taxas utilizadas estão fundamentadas de acordo com a Lei.
- O Ativo "Investimentos" é avaliado pelo custo de aquisição e corrigido monetariamente com base na variação sofrida em O.R.T.N.s

NOTA 2 -

O Capital Social é constituído de 248.620.000- (Duzentos e Quarenta e Oito Milhões, Seicentos e Vinte Mil) - ações no valor de Cr\$. 1,00 (Um Cruzeiro) cada.

DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO - EXERCÍCIO FINDO EM 31.12.1980

HISTÓRICO	CAP.SOCIAL	RES.AUM.CAPITAL	C.M.INVESTIMENTOS	RESERVA LEGAL	LUCROS ACUMULADOS
Saldo em 31.12.1979	93.500.000,00	47.426.363,91	15.887.117,39	8.953.244,78	17.083.903,30
Aum.do Cap.Social	63.300.000,00	(47.426.363,91)	(15.873.636,09)	-	-
Correção Monetária	-	79.616.035,52	-	4.546.057,70	-
Incentivos Fiscais	-	12.195.851,00	-	-	-
Reserva Legal	-	-	-	3.751.031,33	-
Lucro Líquido Exercício	-	-	-	-	49.800.032,30
Dividendos Distribuídos	-	-	-	-	24.583.903,30
Saldo em 31.12.1980	156.800.000,00	91.811.886,52	13.481,30	17.250.333,81	42.300.032,30

NOSSO VAZIO CULTURAL

JORGE WAGNER

Existe um movimento organizado em Natal, na área das artes plásticas, envolvendo artistas, instituições culturais, colecionadores, marchands e críticos de arte? Para os mais desatentos, que vêem a coisa por cima, talvez sim. As colunas sociais, por exemplo, estão cheias de exposições — mas os dois únicos críticos de arte da cidade, Franklin Jorge e Iaperi Araújo, ambos pertencentes aos quadros da Associação Brasileira de Críticos de Arte, sediada no Rio de Janeiro, pouco têm o que criticar.

— “Não temos tradição em matéria de movimento”, diz o artista e arquiteto Vicente Vitoriano. “Não temos ponto de encontros, as atividades são espaçadas e, parece-me, os artistas têm medo de se encontrar para discutir. Fica todo mundo trabalhando individualmente. Se você comparar o “movimento” de Natal e Mossoró, constata imediatamente um esfacelamento”.

Na verdade, em Mossoró, os artistas sempre trabalham politicamente. Vitoriano explica sua colocação do problema: “Não falo em termos de qualidade, mas dos propósitos que animam e reúnem os artistas mossoroenses, principalmente os artistas ligados ao teatro e às artes plásticas”.

Esta também é a opinião do vereador Sérgio Dieb. Ele considera o mossoroense “um povo muito ativo”. Politicamente esclarecido, capaz de assumir posições e defender suas idéias.

Não existe em Natal uma consciência de grupo entre os artistas. Em 1978 o crítico Franklin Jorge criou o famoso Grupo Cobra, integrado por jovens artistas natalenses, que fracassou, apesar de toda uma estrutura e dos êxitos obtidos em apenas poucos meses de atuação. O Grupo Cobra foi notícia nacional e realizou exposições em Fortaleza, Belém e Goiânia.

— “A questão é de provincianismo”, afirma o crítico, que gera essa menopausa mental... precoce. O artista natalense não se integra porque se refugiou numa torre de marfim. Lá somente penetram os autores de dítirambos, os fabricantes de incenso”.

Vitoriano considera a crítica de arte necessária, “Mas não existe por aqui por falta de função”. Não havendo produção, não pode existir a crítica. Já Carlos Humberto, desenhista, tem a “impressão que falta estrutura que apoie a divulgação dos artistas. Eles trabalham. Tem gente boa trabalhando, mas sem condição de mostrar”.

— “A produção não é registrada em livro, como na Paraíba e em Pernambuco, apesar de termos aqui uma instituição como a Fundação José Augusto”, que Vitoriano considera “inoperante” no que diz respeito às artes plásticas.

— “Aqui temos um Departamento de Assuntos Culturais da Prefeitura, uma Fundação do Governo do Estado, um Núcleo de Arte e Cultura e um Curso de Educação Artística na UFRN. E não temos movimento artístico nenhum. Particularmente, em relação ao Curso de Educação Artística, eu diria que de lá não sai alguma coisa porque o alunado utiliza o curso como trampolim para outros cursos ou só para obter o diploma”.

O pintor Júlio César Revoredo acusa a falta de espaços culturais: “Lugares estáveis. Principalmente as instituições deveriam reavaliar sua política. Por que não eliminar os Prêmios Newton Navarro e Governo do Estado, criando o que seria até melhor para o artista, um grande salão, talvez de âmbito regional, que oferecesse mais prêmios e melhores?”.

— “A crítica”, diz Franklin, “nunca é chamada a intervir. Eu mesmo troquei a crítica pela coluna de amenidades. Cada povo tem a coluna que merece. Em geral os catálogos trazem textos assinados pelos amigos do artista. 90% elogios, 10% literatice de quem procura esconder suas deficiências de conhecimento com palavras pomposas”.

Júlio César sugere a união de todos os artistas e a eliminação das divergências pessoais. Isto seria possível, segundo Carlos Humberto, se a realização de coletivas se intensificasse:

— “Alguns artistas se recusam a expor em espaços limitados a uma frequência reduzida, composta, muitas vezes, por funcionários. Eu não saberia como solucionar todas essas deficiências aqui discutidas. Mas uma ação global se faz necessária, além do surgimento de novas galerias e espaços acessíveis”.

Eis a questão. A Caixa Econômica recentemente transformou a sua moderníssima galeria de arte em escritório. A mutação passou despercebida porque, na verdade, a Caixa Econômica, desde que se instalou na Rua João Pessoa, patrocinou uma única exposição — e de artista carioca. Agora o Banco Safra, que inaugurou dias atrás a sua agência na Avenida Rio Branco, está interessada na divulgação dos artistas da cidade. Talvez isto signifique uma saída ou apenas mais uma opção:

— “Será que falta apenas vontade de trabalhar da parte dos artistas?”, pergunta Vitoriano, irônico.

E o crítico Franklin Jorge, que aparentemente se desligara da discussão e acompanhava o noticiário da televisão, espantando-se com o nível de violência, declara que “a sociedade natalense está precisando de um Zorro”:

— “Para livrar os cidadãos dos assaltos. Especialmente dos assaltos da mediocridade”.

Má programação também: uma questão de muito imposto

Natal é uma das poucas capitais nordestinas onde não há bons cinemas e — talvez — por isso a sua programação seja de péssima qualidade, o que não tem estimulado o natalense a passar duas horas sentado diante de uma tela para ver uma película que em nada contribuirá para aumentar os seus conhecimentos culturais.

Mas de quem é a culpa? Dos empresários donos dos cinemas? Dos espectadores, que não frequentam as salas de projeção ou das empresas multinacionais distribuidoras de filmes, que impingem um subproduto cultural — as pornochanchadas e os Kung Fu, etc — aos povos dos países colonizados? De uma maneira ou de outra, o problema tem suscitado uma série de indagações e entre elas está — pelo menos é o que se pode depreender das declarações dos gerentes de cinemas de Natal — a de que as multinacionais são as principais responsáveis pela alienação cultural dos povos subdesenvolvidos.

PROGRAMAÇÃO — Por mais que os gerentes das casas exibidoras de filmes digam o contrário, Natal sempre é a última cidade do Nordeste — senão do Brasil — a exibir um filme premiado com um Oscar, como “As Carruagens do Céu”, “Rads”, “Um Lago Dourado” — já em exibição no Rio, São Paulo, Recife. Mas os gerentes da Cireda — Nordeste e Rex — e do Rio Grande, respectivamente, Francisco Assis Ramalho da Rocha e Carlos Albuquerque, garantem que a programação elaborada para Natal é a mesma destinada a outras capitais.

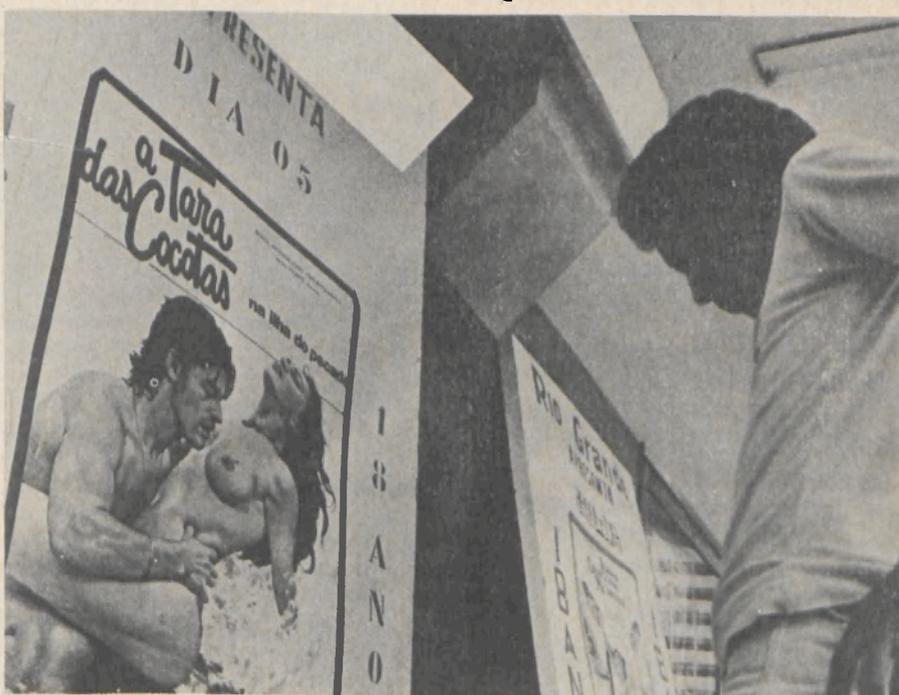
O gerente da Cireda, Francisco Assis Ramalho da Rocha, diz que os filmes que são exibidos aqui também o são, simultaneamente, em São Paulo e Rio, “basta que se veja a programação dos cinemas publicada nos jornais Folha de São Paulo e Jornal do Brasil”.

A argumentação de Francisco é para justificar a péssima programação dos cinemas natalenses. Segundo ele, as distribuidoras Colúmbia, Uni-

frequentam as salas de exibições — eles não têm condições intelectuais para assimilar um filme do tipo “Um Estranho no Ninho” — e as altas taxas cobradas pelas companhias distribuidoras, pelo ECAD e Prefeitura.

Sobre o alto índice de analfabetos, o gerente do Rio Grande também concorda e dá as suas explicações: “Quando nós colocamos em cartaz

EDILSON BRAGA



Pornochanchada: sempre a maior atração

ted Artists, Aquarius, UCB e Artefilmes, todas com escritório em Recife. Essa é uma das argumentações usadas por Francisco para tentar justificar a péssima programação dos cinemas natalenses. Uma outra justificativa do gerente da Cireda é a de que as taxas cobradas para a exibição de uma película são muito altas, o que tira qualquer margem de lucro das empresas.

MODISMOS — Já o gerente do Rio Grande, Carlos Albuquerque, explica a péssima qualidade dos filmes aqui lançados, da seguinte maneira: “Existem modismos para tudo. Com o cinema não podia ser diferente. Por isso tivemos a época dos filmes de terror, de catástrofe, de Kung Fu, de amor. Agora a moda são os filmes de pornochanchadas, e como Natal não é diferente das outras partes do mundo, também entrou na moda da pornochanchada”.

O gerente da Cireda ainda prefere insistir em dois fatores que contribuem para a má qualidade dos filmes: o alto índice de analfabetos que

um filme que não é pornô, como “Eu Te Amo”, o público simplesmente não comparece; mas quando se trata de “A Dama do Lotação”, aí temos a casa lotada por várias semanas”. Carlos Albuquerque lembra um detalhe interessante nos filmes de pornochanchadas: o natalense só prefere os brasileiros, rejeitando totalmente os pornôs de origem francesa e italiana sob a alegação de que são de péssima qualidade.

Os dois gerentes concordam que, dado o baixo índice de ocupação das salas de projeção, as empresas não têm condições de oferecer ao espectador uma estrutura física — os prédios — que lhe permita desfrutar de conforto. Além disso, há uma depreciação constante das salas de projeção, acarretando ainda mais prejuízos às empresas exibidoras. Argumentação verdadeira ou não, o certo é que Natal vai continuar, ainda por muito tempo, com uma programação cinematográfica que não estimula o natalense a sair de casa no final de semana para assistir a filmes de péssima qualidade. □

Fiern: grande evento para marcar o Dia da Indústria

Para marcar a passagem do Dia da Indústria no Rio Grande do Norte, no próximo dia 25 de maio, a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte — FIERN, está programando inaugurar, oficialmente, o Centro de Treinamento em Confeções “Clóvis Motta”, que já vem prestando serviços há um ano. E, para o evento, espera contar com a presença do presidente da Confederação Nacional das Indústrias — CNI, Albano Franco. O ato também terá outra finalidade, que é a de prestar uma homenagem à memória de Clóvis Motta, que foi empresário e político de expressão no Estado.

O presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte,



Fernando: mobilização

Fernando Bezerra, está empenhado em dar um brilho todo especial às comemorações do Dia da Indústria, dentro do estilo desenvolvido na sua administração: aproveitar todas as ocasiões para mobilizar a comunidade empresarial.

O CENTRO DE TREINAMENTO O Centro de Treinamento em Confeções é uma conquista do Rio Grande do Norte. É o único, em seu estilo, mantido pelo Departamento Nacional do Senai no Brasil. Está equipado para atender as exigências do mercado nacional. Em seus cursos estão alunos de vários Estados. Há treinamento não só para costureiras em confeções, como cursos de aperfeiçoamento de profissionais que já são costureiras, além de cursos de mecânico. É um sistema que permite a formação de alunos e o treinamento de quem tem uma experiência, em cursos com duração variando entre três e seis meses. O Centro dispõe de moderníssimas máquinas e todas as confeções que produz, no decorrer dos treinamentos, são doadas para entidades filantrópicas. O Centro presta serviços através de convênios.



Construção: poucos empregos

EMPREGOS

Construção civil ainda em crise

A indústria da construção civil do Rio Grande do Norte, ano passado, em apenas 195 empresas construtoras, registrou a dispensa de 27 mil operários, conforme dados fornecidos pelo SINE — Sistema Nacional de Empregos, Coordenadoria Regional. Desse pessoal, somente 25.826 conseguiram nova admissão em outras firmas, incrementando, desta forma, a alta rotatividade de mão-de-obra. Conclusão: quase três mil operários da construção civil no Estado não conseguiram emprego em 81 e muitos deles, até agora, estão sem trabalhar.

No final do mês passado, a Coordenadora do SINE, Eusa Cardoso, representando a entidade que dirige, participou de um encontro no Sindicato da Construção Civil, em São Paulo, quando foram analisados assuntos relacionados com o desemprego naquela área. As lideranças sindicais e assessores do Ministério do Trabalho, presentes ao conclave, concluíram que a avalanche de desempregos no país, principalmente na área da construção civil, deve-se ao fato das programações de desenvolvimento não serem feitas, considerando o emprego como prioridade. No final do encontro foi entregue ao Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, um documento reivindicando que, doravante, toda e qualquer programação oficial tenha o emprego como ponto fundamental. □

PROTEGER É PREVENIR

O INCÊNDIO ACONTECE ONDE A PREVENÇÃO FALHA

Equipamentos contra incêndio



Extintores
Recarga
Porta corta-fogo
Equip. hidráulico

Equipamentos de proteção



Máscaras, Luvas, Botas

Equipamentos de salvatagem



Salva vidas - manutenção de balsas-pirotécnicos
rações de abandono

Todos esses equipamentos aprovados pela ABNT, Min. Trab. e Capitania dos Portos.

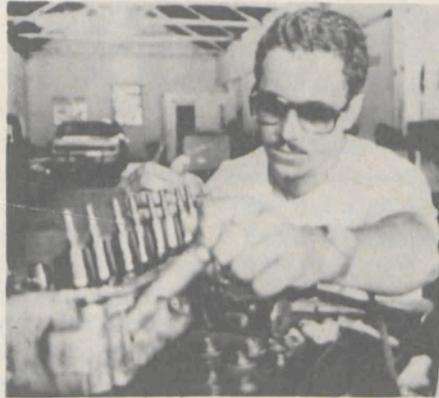
Rua Sampaio Correia, 4000 — Bom Pastor - tels.: 223-2400-3557 — Natal-RN.

Opel MÁXIMO EM PROTEÇÃO

Conselhos de um experiente e bom mecânico de carro

O mecânico José Roberto Amorim afirma que a profissão que ele exerce aqui em Natal é muito difícil porque existem alguns companheiros desleais e que 60 por cento deles trabalham sem a menor condição de fazer um bom trabalho. Por essa razão, Roberto Amorim está tentando criar a Associação dos Mecânicos do Rio Grande do Norte, numa tentativa de, também, regulamentar a profissão e de preservar alguns direitos que eles necessitam para garantia de sobrevivência em suas oficinas. Ele confirma que é muito difícil para os donos de oficinas porque os orçamentos são feitos na base de uma pequena margem de lucro, mas oferecendo ao cliente a certeza de que ele terá um serviço perfeito:

— É muito difícil pra gente porque, enquanto cobramos dez mil cruzeiros por um serviço há quem faça até por quatro mil. Se, de um lado, oferecemos as condições de uma boa montagem no motor, por exemplo, porque temos uma bancada que nos oferece condições para isso, de outro, um mecânico faz até debaixo de uma



Roberto: ter cuidado

árvore montando o motor até mesmo com areia e por um preço mais barato.

Disse também que há uma falta muito grande de peças porque são caras e a grande maioria de proprietários de veículos não possui condições para a compra e, por essa razão, o mecânico tem "sempre que inventar" para poder consertar os veículos:

— Até mesmo, como disse antes, pelo poder aquisitivo do dono do veículo. Basta dizer que eu compro pe-

ças em Recife e as vezes consigo até 60 por cento menos do valor daqui. Por essa razão, nós temos que fazer sempre arranjos porque o próprio dono do veículo não pode comprar.

Faz uma comparação entre camelôs e mecânicos. Para ele todos são iguais porque alguns pagam os impostos para que outros possam trabalhar livremente e, nisso, ele põe a culpa no Governo Municipal que não se preocupa em fiscalizar. Mas ele afirma que o problema mais grave não é esse:

— O grande problema ainda é a falta de peças até mesmo nas autorizadas. Eu não entendo como é que se lança um carro e não se tem peça de reposição.

Para o mecânico Roberto de Amorim, a maior mentira brasileira continua sendo o carro a álcool, pois as peças são bem mais caras e o desgaste é mais rápido:

— O carro a gasolina dá menos problemas.

Mas ele confirma também que a melhor mecânica em carro a álcool é a do Corcel, mas em contrapartida a chapa é péssima e a manutenção é barata:

— Por outro lado, a mecânica GM e Volks duram muito mais.

Continua dizendo que o melhor veículo para os mecânicos ganharem dinheiro são o Chevette, o Fiat e o Pasat e explica porquê:

— Porque, só tem quem tem dinheiro. Já o Opala e a Caravan são veículos que não entram em oficina.

Disse ainda que o Gurgel é outro veículo que se encontra muita dificuldade para seu conserto porque também não tem peças de reposição e "nada se encontra dele no mercado":

— E nesse particular é bom dizer que o Selvagem é o melhor carro nacional.

OS MELHORES — Uma pesquisa feita entre alguns donos de oficinas e motoristas de táxis indicou os melhores na profissão:

Carburador: Jaboti.

Suspensão: Mestre Silvino.

Lanterneiro: Hélio (Da Apocalipse).

Mecânica geral: Waldemar e Roberto Amorim.

Pintura: Bosco e Antônio Batista (Eduardo Gomes).

Torneiro: Mestre Milton.

Eletricista: Sinéio e Guimarães (Oficina Santa Cruz).

Retífica: João Felipe (Somotores).

COLOCAMOS ÁGUA ONDE VOCÊ PRECISA

Na fazenda indústria ou em sua piscina. Nordequip

A SECA, NOSSA VELHA E DESCONHECIDA COMPANHEIRA

CORTEZ PEREIRA

O Nordeste é, na sua faixa de latitude em torno da Terra, a região de mais baixo índice de chuvas. Em idêntica situação geográfica encontra-se parte da Amazônia com chuvas excessivas, regiões da África com cerca de 2.000 mm, sul da Ásia com até 6.000 mm. Somos, portanto, na Terra, uma anomalia.

Não foram identificadas, cientificamente, as causas desse fenômeno. Fala-se em influência de manchas solares, em deslocamento do Centro de Convergência inter-tropical, na trajetória de anticiclones, em reflexos vindos do deserto de Kalahari. Como não se conhece a causa, impossível é combatê-la.

Resta-nos, assim, planejar e executar uma política pragmática de superação dos seus efeitos.

Teremos de aprender, como já fizeram tantos, a conviver com a seca, assim como os países frios convivem com o gelo.

Se fizermos alguns confrontos chegaremos à conclusão de que o nosso fenômeno não é, originariamente, tão grave. Em regiões do Egito caem menos de 30 mm de chuvas por ano, áreas de Israel têm precipitações entre 50 e 100 mm, 2/3 da Austrália recebem menos de 500 mm e, mesmo assim, esses países conseguiram fazer agricultura, até com sucessos fantásticos.

Enquanto isto, o Nordeste é beneficiado com uma precipitação média de 750 mm/ano. É verdade que esta média, ciclicamente, reduz-se e, mais ainda, concentra-se em poucos dias, caracterizando aí a chamada seca nordestina. Porém, que se reflita, mesmo quando isto ocorre, os índices não baixam tanto quanto aqueles que se repetem, como normalidade, em outros países.

A seca, portanto, está menos na natureza e mais dentro de nós, na pública incapacidade de desenvolver uma política que neutralize os seus efeitos.

Desapam, anualmente, sobre o Nordeste 700 bilhões de m³ cujo destino é o seguinte: 1) 2,9% são acumulados nos 70 mil açudes construídos; 2) 0,2% infiltra-se no solo raso e árido que foi devastado e erodido; 3) 5,1% os rios levam de volta para o mar; 4) 91,8% desaparecem pela evaporação e transpiração.

Para que esses 700 bilhões de m³ d'água tornem-se mais úteis ao homem devemos: 1) intensificar a construção de mais açudes, distribuí-los melhor, programando-se o seu total aproveitamento; 2) iniciar um amplo programa de barragens submersas e submersíveis, retendo solo e água; 3) reflorestar, protegendo e melhorando o solo, tornando-o mais capaz de reter as águas das chuvas.

Do que foi dito depreende-se que a seca nordestina não é, propriamente, a ausência d'água, mais, inicialmente, a incompetência de retê-la. Mesmo assim, esta incompetência histórica, isoladamente, não é responsável pelo desastre. Há uma acumulação sistêmica de causas que torna grave o fenômeno.

Como ocorre na depressão, a seca determina desemprego e queda da produção. Na primeira, esses efeitos diluem-se por quase toda a sociedade. Na segunda, eles se concentram contra o segmento mais numeroso e mais frágil.

A seca atinge, com sua maior violência, os agricultores sem terra e pequenos proprietários rurais. Eles representam 80% dos que habitam o semi-árido e, cronicamente, vivem na última fronteira da luta pela sobrevivência. Comprometido este equilíbrio precário de sobrevivência, frustrada a produção do seu próprio alimento, restam a fome e a desocupação.

Quando isto ocorre, quando o homem já desceu ao estágio degradante da miséria, assaltando para não morrer de fome, é que o Estado chega. O emprego de quase mendigo das frentes de trabalho que oferece, é a seca empurrada para dentro do homem e ameaçando a vida da dignidade e da honra.

Não é possível que em cada seca, repetidamente esperada, faça-se a "Improvisação" da mesma "Emergência" que foi aplicada nas secas de 1583 e 1587.

É necessário que se compreenda que a nossa seca é, antes de tudo, um fenômeno social, reflexo de uma realidade econômica insubsistente nas circunstâncias que fazem o Nordeste.

Esta realidade impõe aos Governos uma decisão que modifique a estrutura fundiária, que oriente e indique culturas mais resistentes, que promova uma agricultura de mercado, que implante no campo projetos agro-industriais pertencentes aos próprios agricultores, que se crie uma classe média rural libertada do ciclo da subsistência.

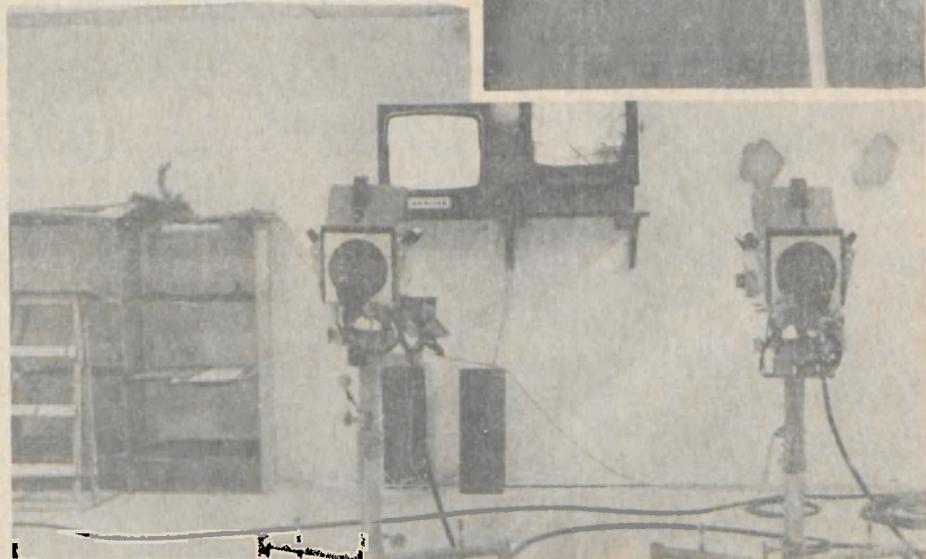
Sem essas modificações na estrutura e no sistema de produção, sem uma reformulação econômica de base, produzindo diferentemente e democratizando rendimentos, a nossa região será sempre vítima da seca, como tragédia desoladora e impiedosa.

Os primeiros passos nesses novos rumos já foram dados através das colonizações da Serra do Mel e Boqueirão, o plano global já está projetado, cobrindo toda a área sedimentar do Estado, resta a decisão do Governo em implementá-lo ou não e desta decisão dependerá sermos sempre o que fomos ou passarmos a construir o futuro.

TV-U: boa vontade não basta para boa imagem

O maior problema da TV-Universitária, Canal 5, do Rio Grande do Norte é ser a TV-Universitária, Canal 5, do Rio Grande do Norte e não a TV-Globo, a Vênus Platinada. Pouca gente no Estado consegue enquadrar a TV-U dentro do seu real papel e, inconscientemente, a critica usando, para tanto, parâmetros de comparação em que a medida é a Globo. Dentro desse critério, é esquecido qualquer eventual mérito da TV-U, pelo que realmente ela é — uma Televisão Educativa — e destacado tudo o que ela não é — uma televisão comercial de muitos recursos, muitos astros de telenovela, um programa como Fantástico e coisas assim.

Essa distorção de imagem é que dificulta a própria imagem da TV-U



Carlos Lira: dificuldades por ousadia

diante dos riograndenses do norte, que, na esmagadora maioria, não sabem, como lembra o diretor da emissora, Carlos Lira, que ela é uma das três do Brasil a ter participação maciça nos programas de tele-educação — as outras duas são a de São Paulo e do Maranhão.

Isso não quer dizer que o Canal 5 não atravesse grandes dificuldades. Mas não é, como acentua o seu diretor, Carlos Lira, por falta de apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e, sim, em consequência da deficiência de verbas como um todo.

E ele mesmo diz:

— É o nosso atrevimento de realizar justamente o que nos traz mais dificuldades.

A MISSÃO VERDADEIRA — A rigor, a Televisão Universitária não é considerada como televisão, no jogo de siglas e para efeito de enquadramento burocrático da UFRN. Trata-se, de fato, do Núcleo de Tecnologia Educacional. E é nessa condição que ela reivindica as verbas e condições para cumprir suas metas educacionais, ou tele-educacionais.

AQUI
ESTÁ O
MATERIAL QUE
VOCÊ PRECISA

Louças e metais
sanitários; Pisos;
revestimentos;
Tintas,
tubos
e

conexões, além
de outros produtos
para sua
construção.

Procure a Saci,
onde Natal
compra.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO
Matriz: Av. Pte. Bendena 828
Tels.: 223-3626 / 362-73628
Filial: Av. Rio Branco 344-310
Tels.: 222-2284 / 361

Como ilustra um burocrata da UFRN, a "TV-U luta por verbas do mesmo modo que o Centro de Biociências, cada um em suas finalidades".

— A similaridade é que ambos precisam de material caríssimo — o do Centro de Biociências é mais caro ainda.

O reitor, evidentemente, fica no centro, procurando atender todos os pedidos.

No caso da TV-U há certas dificuldades específicas por causa das suas atribuições. Segundo informa Carlos Lira, ela conta, nominalmente, com um corpo funcional de 200 pessoas. Destas, só 62 são funcionárias — justamente o quadro técnico inferior, composto de câmeras, operadores de VT, iluminadores, etc. Também conta com 20 ou 30 professores à disposição e a administração é da UFRN.

REPÓRTER: PROBLEMA — Agora, como é um Núcleo Educacional, não consta dos seus quadros o que se espera numa televisão: repórteres. Diz Carlos Lira:

— Estamos com um projeto para tentar solucionar esse impasse. Mas tudo depende de recursos, não da Universidade, mas especialmente, da Seplan. E a autorização não vem, por conta da contenção de recursos. Aí fica difícil resolver as coisas.

E as dificuldades têm muitos desdobramentos. No que se refere a equipamento a situação é dramática

e, em certos aspectos, tragicômica. Todo material — ou praticamente todo — utilizado numa estação de televisão, seja comercial ou tele-educativa, é importado. Mas há um limite, quando não há similar nacional, de 40 mil dólares para cada importação.

— Ora — diz Carlos Lira — 40 mil dólares é o preço de uma câmara.

No aspecto de pessoal, muita gente — professores, pessoal de direção — que trabalha na TV-U faz parte dos quadros da UFRN, estando à disposição.

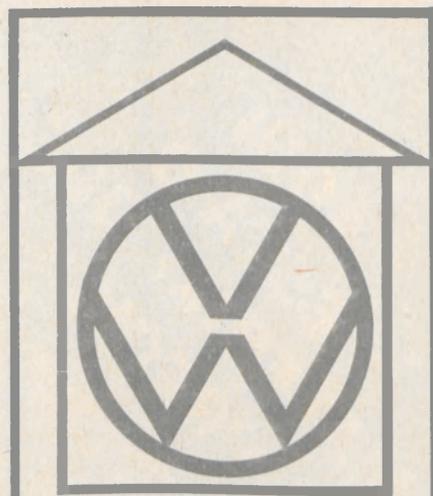
— E muitas dessas pessoas — segundo Carlos Lira — se desdobra, trabalha, cada uma, por cinco ou seis, para poder dar conta dos grandes desafios.

MATERIAL — A dificuldade de importação e de verbas para material cria, naturalmente, problemas técnicos que se refletem na qualidade das transmissões. Como é o caso das gravações em fitas — vídeo-cassete. Em emissoras como a Globo, cada uma fita é utilizada um mínimo de vezes e uma boa parte das reportagens não são desgravadas. A TV-U tem uma verba total de Cr\$ 2 milhões para a compra de fitas, o que é insuficiente, pois elas são gravadas e desgravadas, usadas e usadas, até quando perdem a forma. E era pior.

— Quando cheguei — diz Carlos Lira — havia apenas 30 fitas. Agora há 500. □



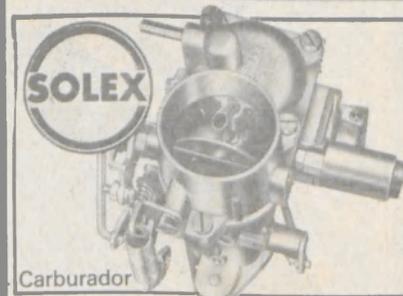
Equipamento: dificuldade em importar



CASA DO VOLKS



Aqui seu carro é tratado com muito mais carinho. Temos o maior prazer em atender pessoas como você além de contar com peças, acessórios e tintas.



Gurgel & Oliveira
Comércio e
Representações Ltda.

Av. Prudente de Morais, 1804
Tel.: 223-2488

Natal já divide slogan de Cidade Espacial do Brasil

Até há bem pouco tempo, o título de **Cidade Espacial** ainda servia para identificar a capital do Rio Grande do Norte, assim denominada a partir do primeiro lançamento feito de seu solo para o espaço pela Barreira do Inferno, em 1965. O crescimento do Estado, no entanto, não parece ter acompanhado o desenvolvimento da pesquisa espacial e, hoje, já está sendo projetada a construção de uma outra Base de Lançamento de Foguetes no Maranhão. O que, se não diminuir as atividades do próprio Campo de Lançamento de Foguetes da Barreira do Inferno — CLFBI — irá, no mínimo, impedir uma maior expansão da pesquisa espacial em terras potiguares. Argumento suficiente, segundo algumas pessoas, para retirar, de Natal, o título conquistado e mantido durante quase vinte anos.

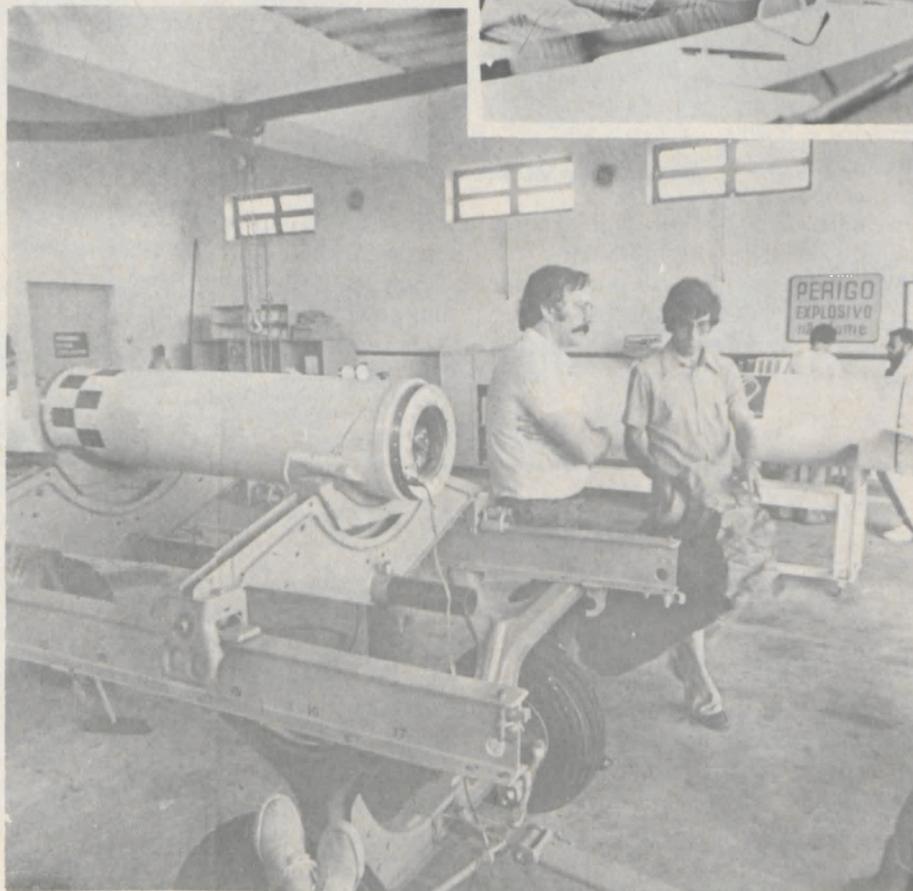
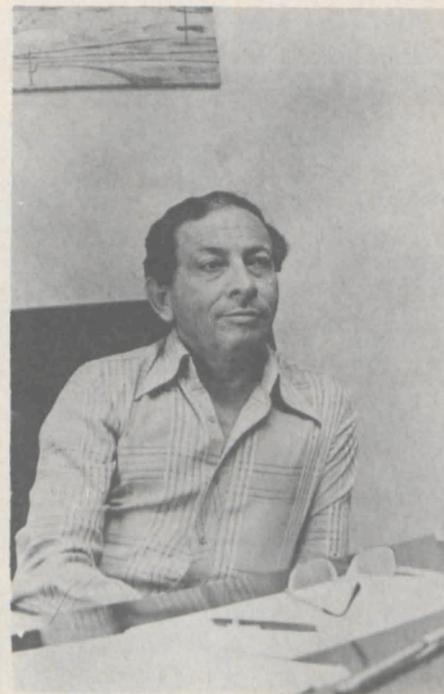
A justificativa para a transferência de operações mais arrojadas para o Maranhão, de acordo com fontes ligadas ao assunto, repousa no fato de que Natal cresceu, e a área de segurança da Barreira do Inferno já não é tão segura assim. O RN, porém, ainda não demonstrou que pode efetuar um aproveitamento mais racional das potencialidades da sua pesquisa espacial. E isso se reflete na falta de técnicos especializados para trabalharem na área.

“Ainda não se criou a possibilidade para os organismos locais utilizarem o potencial dos satélites. Faltam recursos, e nós só podemos treinar um pequeno número de técnicos. A nossa função é somente de implantar a tecnologia; para o seu aproveitamento, se faz necessária uma equipe local”, declara Adauto Golveia Motta, coordenador do Instituto de Pesquisas Espaciais — INPE — do RN, que também coordena o segmento de Fortaleza. Adauto Motta, apesar de insistir em que o INPE é um órgão que trabalha de forma articulada em todo o Brasil, preferiu não dizer qual o peso do RN nisso tudo.

O ESPAÇO E O RN — O Brasil tem, hoje, a Comissão Brasileira de Atividades Espaciais — COBAE —

JOSIMEY COSTA

traçando diretrizes, assinando convênios com a NASA e aprovando projetos com relação às pesquisas espaciais. Essa Comissão fica instalada no EMFA — Estado-Maior das Forças Armadas — e é orientada por seu comandante.



Adauto Motta acha que falta recursos para pesquisas

Vinculados à COBAE estão o Centro Técnico Aeroespacial — CTA — e o INPE, que utilizam a Barreira do Inferno para a operação de foguetes e balões meteorológicos. O CTA e a Barreira do Inferno são militares; o INPE é civil e subordinado ao Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq, que desenvolve pesquisas em todos os setores da atividade humana.

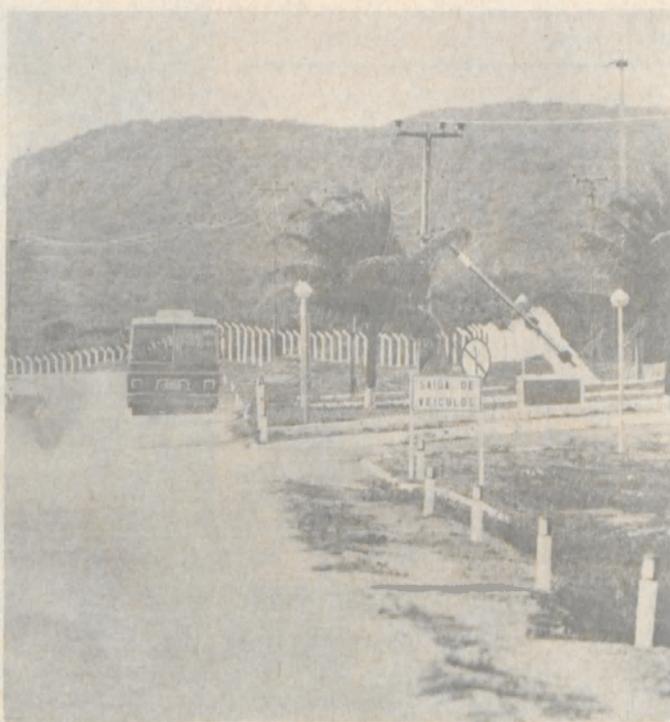
“Nós somos usuários do CLFBI — explica Adauto Motta — e prestamos apoio aos seus lançamentos, proces-

sando e interpretando os dados que os engenhos espaciais recolhem; dando um tratamento científico a esses dados; publicando, para a comunidade científica internacional, o resultado desse trabalho. Isso tudo, além do desenvolvimento de veículos espaciais”. Para a realização dessas atividades, o INPE/RN dispõe de seis laboratórios, onde treina técnicos formados pela UFRN e produz equipamentos mais ou menos sofisticados, para uso próprio. “Mexemos até com micro-computadores”, completou.

SOMAR RECURSOS — O INPE/RN realiza o rastreio de três satélites meteorológicos de transmissão automática, porque não possui a aparelhagem especial para rastrear os de transmissão restrita. O INPE possui um satélite — o **Landsat** — capaz de fornecer, a cada 18 dias, um retrato de toda a terra, possibilitando, inclusive, previsões sobre as safras agrícolas.

Somente o IDEC, do Governo Estadual, utiliza parte dos dados obtidos acerca dos recursos naturais norte-riograndenses.

“O grupo que faz isso poderia ser muito maior, mas o Estado não tem condições de manter” — salientou Adauto Motta — “se fosse possível,



Barreira do Inferno está ficando pequena

poderíamos somar muito mais recursos, pois os satélites fornecem definições que, por meio dos métodos convencionais, seria muito demorado de se obter”. Colocou a seca como um exemplo dessa situação: o proble-

ma é conhecido, dados detalhados são fornecidos pelos satélites, mas falta pessoal especializado para estudar o assunto, além de melhor direcionamento dos recursos hídricos.

O pessoal que trabalha no INPE/RN é, em sua maior parte, norte-riograndense; o órgão realiza trabalhos em associação com a Universidade e Governo do Estado. E, todos os anos, profissionais formados pela UFRN vão até São José dos Campos — sede do INPE, em São Paulo — para se graduarem como mestres e doutores, em várias áreas específicas do INPE ou de aplicação geral.

O equipamento do INPE/RN já propiciou a montagem de um programa de TV — o **Projeto SACI** — e de circuitos impressos, que são produzidos somente nos maiores centros tecnológicos do mundo. Apesar disso tudo, e de outros serviços prestados pela pesquisa espacial no RN, a transferência, para o Maranhão, do lançamento de um foguete e um satélite brasileiros — os primeiros a serem lançados no País — já é um fato que ninguém nega. E que os, aproximadamente, 30 cientistas potiguaros do INPE/RN não podem evitar. □

MOSSORÓ

Empresários do Oeste também estão debatendo

O empresário mossoroense quer participar mais ativamente das decisões do Estado e reivindicou ser escutado sobre todo e qualquer perfil industrial a ser implantado no Rio Grande do Norte. O tema foi lembrado no recente Seminário de Desenvolvimento Industrial, ocorrido na Capital Oestana, quando esteve presente, além da Secretaria de Indústria e Comércio — SIC —, todos os outros órgãos a ela ligados. Dentre as várias reivindicações, Mossoró solicitou também uma representação da SIC, com base física naquela cidade.

Afirmou o Secretário de Indústria e Comércio, Jorge Ivan Cascudo Rodrigues, que “o empresariado mossoroense só teve a ganhar com o Seminário de Desenvolvimento Regional”. No conclave, além da alta cúpula empresarial mossoroense, estiveram presentes representantes da Companhia de Desenvolvimento Industrial — CDI, Companhia de De-

envolvimento Mineral — CDM, Emprotur — Empresa de Promoção do Turismo do Rio Grande do Norte, Companhia Editora do Rio Grande do Norte — CERN, Promoexport e um enviado da Junta Comercial de Natal. Todos esses organismos, na reunião, expuseram, com palestras, suas áreas de competência e se prontificaram a ficar à disposição do empresário de Mossoró.

REIVINDICAÇÃO ATENDIDA — À solicitação do empresariado mossoroense reivindicando uma base física da SIC naquela cidade, garantiu o Secretário Jorge Ivan que já foi providenciada. E que, doravante, as determinações no tocante à implantação de perfis industriais só serão tomadas, quando ouvido empresário de Mossoró.

O 1.º Seminário de Desenvolvimento Regional de Mossoró foi mais uma forma de integração entre o em-



presariado oestano com a Secretaria de Indústria e Comércio e suas vinculadas. “O mossoroense teve uma idéia mais aprofundada da dimensão da SIC”, disse Jorge Ivan.

A terceira reivindicação feita pelo empresário de Mossoró à Secretaria de Indústria e Comércio é que se reative a tradicional Fitema — Fiação e Tecelagem de Mossoró S/A, há cinco anos paralisada e que geraria mais de 500 empregos diretos. Mas, que se dê preferência a um grupo mossoroense.



UM GOL DE PLACA

É isso aí, graças a nossa estrutura empresarial. Ao longo desses 14 anos, a NORTE PLACA já fez centenas de placas neste Estado. Para repartições públicas, empresas privadas, indústria e comércio, profissionais liberais, todos já foram atendidos por nós, com placas de todos os tipos e tamanhos. Agora, estamos fazendo a maior de todas — um out-dor — medindo 20x6 metros, em chapa galvanizada, com uma propaganda do Café Vencedor,

que será afixada na BR-101, na entrada de Natal. Para dar uma idéia da capacitação da NORTE PLACA, basta dizer que a nossa firma ganhou a concorrência da Prefeitura de Natal e sinalizou toda a cidade. Rua por rua. Avenida por avenida. Todas as praças e até travessas e becos. Um serviço de muita responsabilidade que está aí, servindo à comunidade. Neste assunto, modéstia à parte, NORTE PLACA sabe das coisas como ninguém. Consulte

NORTE PLACA. Os técnicos da empresa irão lhe sugerir a forma mais prática, mais econômica de fazer sua placa. E garantem: com o mais bonito visual da sua marca.

NORTE PLACA

AV. DUQUE DE CAXIAS, 206 — FONES: 222-0349
-2053-0542 — RIBEIRA — NATAL-RN



aRtesaNato potiguar.

O sistema artesanal do Rio Grande do Norte, mantido pelo *Governo Lavoisier Maia*, através da *Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social/Programa Integrado de Desenvolvimento do Artesanato (Proart)* é, hoje uma expressiva fonte de trabalho, oferecendo emprego direto a mais de 4.000 artesãos, o que beneficia cerca de 20.000 pessoas em todo o Estado. Promover a integração Homem/Arte na preservação das raízes da cultura popular e garantir a geração de empregos são objetivos do *Proart*. O Programa é integrado por pessoas simples que, com a

magia das mãos, criam peças de grande valor, trabalhando o sisal, a madeira, o barro, os tecidos e as linhas, a fibra de côco, de bananeira e de junco, a areia colorida e a palha. Se você quer entrar para o mundo do "aRtesaNato potiguar", fazendo de sua loja, sua casa e/ou você um veículo de divulgação da cultura do povo norterio-grandense, peça o nosso catálogo e escolha as peças que mais lhe interessa. Contatos com a Cooperativa Central de Artesanato Ltda., à Rua Mipibu, 419, Cidade Alta, em Natal.

GOVERNO LAVOISIER MAIA
SECRETARIA DO TRABALHO E BEM-ESTAR|SOCIAL|PROART
"aRtesaNato potiguar"

Apoio: MTb/PNDA — Minter/Programa Especial
Cidades de Porte Médio



Otimismo... só dos gerentes do BB

CONJUNTURA

Limite de operações nos bancos aperta empresas

Os empresários do Rio Grande do Norte estiveram reunidos por duas vezes, este mês, para a discussão de problemas que vêm afetando, de maneira inquietante, alguns setores da economia do Estado e que, de certo modo, se resumem num só: escassez de crédito. A Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte — FIERN, vem funcionando como ponto centralizador desses debates. No primeiro deles, estiveram reunidos os empresários têxteis. O presidente da FIERN, Fernando Bezerra, conduziu os trabalhos e proporcionou a oportunidade para a troca de opiniões. Foi uma reunião, como sempre vem acontecendo, que se inicia no fim de tarde na FIERN e vai até tarde da noite. Os empresários têxteis se debatem com as mesmas antigas questões: custo de matéria-prima, dificuldade de capital de giro. Muitas sugestões foram feitas. Nenhuma posição definitiva foi tomada, por ora. Todavia, a mobilização em si já foi considerada importante, por demonstrar a disposição do empresariado potiguar de participar ativamente dos movimentos reivindicatórios sem esperar por eventuais “porta-vozes”.

O CRÉDITO APERTADO — A outra reunião também foi bastante dra-

mática. Sob a presidência de Fernando Bezerra, os empresários de diversos setores discutiram os limites de crédito imposto pelo Banco do Brasil e apresentaram argumentos desconcertantes: o limite de cinco por cento já foi ultrapassado pela inflação.

— O Banco do Brasil tem dinheiro, mas o limite de crédito não permite que sejam realizadas novas operações — reclama um empresário.

Os empresários simplesmente precisam de mais recursos. Mas a ordem de Brasília é no sentido de continuar com o pé no freio. Só que o pé no freio, como argumentam os empresários, não funciona para as empresas públicas e os custos dos serviços públicos em geral. A inflação dos custos vai aumentando e encolhendo — ou permanecendo no mesmo limite — as disponibilidades de crédito.

O mais irônico nisso tudo é que, logo depois, a gerência geral do Banco do Brasil promovia também uma reunião com todos os gerentes locais para debater aspectos considerados otimistas. De outro lado, os agropecuaristas reclamam das dificuldades para as operações de custeio, enquanto o BB respondeu, negando tudo e dizendo que, pelo contrário, há muitas facilidades. É difícil entender. □

COOPERATIVISMO

BNCC diz que financia mais

Com vários programas em execução no Rio Grande do Norte, o Banco Nacional de Crédito Cooperativo — BNCC — já investiu mais de 800 milhões de cruzeiros no cultivo de camarões e 35 milhões na agroindústria, que está atendendo a pequenos e médios produtores.

Segundo o gerente local do BNCC, Francisco Alves da Fonseca, a instituição dispõe de recursos suficientes para atender às diversas linhas de crédito com programas vinculados e não vinculados às cooperativas do Estado, beneficiando principalmente ao setor agropecuário.

O Banco está executando os programas Propesca, Proálcool, Sertanejo, Polonordeste, Bid-agroindústria, Política Geral de Preços Mínimos — PGPM — e Programa de Alimentação Básica. Afora esses programas, o BNCC vem operando com câmbio e com o programa 674, que é de incentivo à exportação.

AMORTIZAÇÃO — Segundo o gerente Francisco Alves da Fonseca, os prazos de amortização dos financiamentos, bem como os juros, variam de acordo com os programas e atividades, uma vez que o crédito é destinado ao público em geral, beneficiando pequenos, médios e grandes proprietários. Fonseca lembra que os pequenos proprietários são preferência do Banco, a quem são oferecidos juros mais baixos.

Fonseca revela que há poucos dias o Banco Nacional de Crédito Cooperativo liberou recursos para as cooperativas do Açu, Apodi e Caraúbas. Com relação aos juros, as taxas variam de programa. O Proálcool cobra 45 por cento de juros com amortização de 12 anos; os juros do Programa de Alimentação Básica são de quatro por cento, com amortização em oito meses; o Projeto Sertanejo tem uma amortização de 20 anos e juros de cinco por cento; o Provárzea oferece seis anos para amortização da dívida e cobra juros de 35 por cento e o Bid-agroindústria oferece 12 anos para o investidor amortizar a dívida e cobra 35 por cento de juros ao ano. □

UMA FILOSOFIA DE PESQUISA PARA O SEMI-ÁRIDO

A Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte S/A — EMPARN, consciente de sua responsabilidade de executora e coordenadora da Pesquisa Agropecuária no Estado, tenta induzir uma filosofia de pesquisa totalmen-



te voltada para os problemas do semi-árido, região que corresponde a 90,60% da área do solo potiguar, embora não despreze a estreita faixa úmida litorânea. Para a região considerada litoral úmido, dois projetos já geraram tecnologias capazes de incrementar a sua economia agroindustrial: o Projeto Camarão e o Projeto Sericicultura. Para a área do semi-árido, o esforço maior da Empresa está concentrado em pesquisas com irrigação; lavouras xerófilas; plantas e animais resistentes à seca, a exemplo de sorgo, feijão vigna, mandioca, algodão arbóreo, caprinos, ovinos, etc.

Tentando criar novas alternativas para a agropecuária da região seca, a EMPARN está se propondo a introduzir alguns animais africanos altamente adaptados à semi-aridez, e, estudar alguns parâmetros zootécnicos da EMA nativa, visando o seu aproveitamento econômico.

O trópico semi-árido cobre aproximadamente, 20 milhões de Km², espalhados em 49 nações em 5 continentes e representam 55% das terras do planeta. Ciente, portanto, de que a aridez não é um problema só do Nordeste brasileiro, e de que, em determinados países, já foi totalmente contornada através da irrigação e de outras técnicas, a EMPARN confia no soerguimento da região através da adoção de uma tecnologia apropriada à zona seca como a que estamos tentando ge-

rar.

A parte semi-árida do Nordeste brasileiro, caracterizada pela irregularidade das chuvas no tempo e no espaço, apresenta uma pluviosidade em torno de 400 a 750 mm, nos anos ditos normais, no curto período de 4 a

5 meses e nos anos de estiagens, praticamente não chove ou chove em um reduzidíssimo período de tempo, que torna a água limitante para a maioria das culturas agrícolas, sendo porém suficiente para manter viva a vegetação xerófila do tipo caatinga, caducifolia e rica em número de espécies. A maioria das lavouras xerófilas são adaptadas não só ao regime pluviométrico, mas também, aos solos pobres, rasos, pedregosos e com baixa capacidade de retenção d'água, típicos da região nordestina. Estas plantas aproveitam com vantagem a abundância da luminosidade, que está ao redor de 3.000 horas de luz por ano e as elevadas temperaturas, com médias entre 25 a 30° C, além de serem capazes de sobreviver em um ambiente com baixa umidade relativa do ar, que contribui para que a evaporação alcance 2 metros por ano.

Esse clima, propalado como adverso à agricultura, pode até, em alguns casos, ser usado com vantagem pelo rricola, desde que, se tenha competência e criatividade para gerar e adotar uma tecnologia agrícola adaptada ao semi-árido. Quando isto ocorrer os 115 milhões de hectares do Brasil-Seco, o que corresponde a 59% da área do Nordeste e a 10% do Território Nacional, se tornarão economicamente viáveis, sem os graves problemas sociais hoje existentes.

Benedito Vasconcelos Mendes



Antílopes: boas perspectivas

PROJETOS ESPECIAIS DA EMPARN

Tendo em vista oferecer novas ações para exploração agro-econômica, a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte S/A — EMPARN, além das pesquisas com as culturas tradicionais, vem-se propondo a fazer pesquisas com diversos outros produtos não usualmente estudados pelas instituições de pesquisa no Nordeste.

Essa nova abordagem é vista como uma tentativa de proporcionar subsídios visando a produção de alimentos, fibra e óleo lubrificante, como fontes alternativas de aprovei-



tamento do potencial agro-ecológico do Estado do Rio Grande do Norte.

Assim, a EMPARN está contemplando linhas de pesquisa referentes a: cultivo de camarão; criação do bicho-da-seda.

CRIAÇÃO DE ANTÍLOPES —

Tendo em vista o melhor aproveitamento econômico das áreas secas do Nordeste, notadamente do Rio Grande do Norte, a EMPARN iniciará em breve a criação de algumas espécies de antílopes, sob a forma de um projeto de pesquisa.

Como se sabe, existem espécies de antílopes que apresentam alta rusticidade, sendo capazes de sobreviver e produzir bem, mesmo em regiões de pouca água de superfície. Esses animais são aptos a aproveitarem a água existente nos próprios alimentos; suportam temperaturas de até 45° C sem afetar seu sistema nervoso; perdem 30 a 40% menos de energia através da urina, quando comparados aos bovinos.

Dentre as espécies já trabalhadas pelo homem em regime de fazenda, a EMPARN selecionou o **ELANDE** (*Taurotragus oryx*); o

ÓRIX (*Orix gazella*) e o **CARNEIRO DA BARBÁRIA** (*Ammontragus lervia*).

Das três espécies a serem estudadas, o **ELANDE** é o maior dos antílopes, chegando a pesar, quando adulto, 800 quilos e com um ano de vida já pesa até 400 quilos. Produz leite em quantidade semelhante ao gado zebu, porém com valor nutritivo duas vezes maior e consome somente 60% da água consumida pelo bovino. O **ELANDE** pode ser considerado como a última espécie animal domesticada pelo homem.

O projeto a ser conduzido pela EMPARN, tem os seguintes objetivos finais:

- Contribuir para a estabilização da produção de carne nas regiões semi-áridas do Estado;
- Dar novas alternativas de exploração econômica aos pecuaristas;
- Possibilitar o aproveitamento de áreas marginais, cujas condições são extremamente adversas, principalmente aos bovinos;
- Viabilizar economicamente a pecuária em áreas onde o suprimento de água é muito difícil;
- Possibilitar o aproveitamento de áreas de relevo muito acidentado.

AGRICULTURA

Colonos da Serra do Mel dizem que está tudo errado

Um dos projetos mais promissores do Rio Grande do Norte — o das Vilas Rurais — tem tido um destino incerto e, as vezes, ingrato. O idealizador e executor inicial do projeto, ex-Governador Cortez Pereira, ficou frustrado, na Assembléia Geral Extraordinária dos colonos e cooperados da Serra do Mel, realizada no dia 14 de março, a que esteve presente e onde ouviu, de vários colonos, histórias desagradáveis sobre os rumos das coisas. O professor Cortez Pereira, um técnico entusiasmado pelas possibilidades de novas alternativas para a agricultura do Estado, esperava em contrar um ambiente mais alegre e de euforia. Mas as histórias dos colonos eram outras.

ACERTOS NÃO CUMPRIDOS —

Os colonos disseram que muitos dos acertos, combinados anteriormente com o Governo do Estado, não foram cumpridos da maneira como se esperava. Houve modificações e “acertos” posteriores, contrários aos interesses dos colonos e dos projetos. Para exemplificar o grau de deterioração da situação original, eles disseram que houve a inclusão de famílias de São Rafael — evacuada por causa da Barragem de Açú — entre as 1.100 que faziam parte do projeto. Essas famílias desalojadas pelas obras da Barragem iriam ocupar as casas destinadas aos colonos, o que está provocando grande mal-estar.

Especificam as queixas que, de acordo com o critério inicial, a seleção dos colonos seria realizada com a su-

pervisão de uma comissão integrada por sociólogos, assistentes sociais e técnicos da Emater-RN e de outros órgãos.

O trabalho dessa comissão seria justamente verificar as famílias que melhor se adaptariam ao trabalho na Serra do Mel, com a verificação cuidadosa de suas tendências e aptidões.

Os colonos afirmaram ao professor Cortez Pereira, no entanto, que esse trabalho não foi realizado.

Outra denúncia diz respeito à Cooperativa da Serra do Mel, que não vem funcionando — segundo afirmaram os colonos — por falta de competência do corpo dirigente.

É mais um tropeço do projeto, que poderia ser da maior utilidade para o Estado e chegou a entusiasmar a alta direção do Banco do Brasil, no ano passado, pelas perspectivas. Tropeçando em dificuldades e denúncias o Projeto de Colonização da Serra do Mel passou por dois Governos, desde que foi implantado, com mais baixos do que altos.



RELATÓRIO DA DIRETORIA

Senhores Acionistas:

Submetemos ao exame e deliberação de V. Sas. o relatório das atividades sociais desta Companhia no exercício encerrado em 31 de dezembro de 1981, acompanhado do balanço patrimonial, da demonstração do resultado e demais demonstrativos financeiros, já com os pareceres favoráveis do Conselho de Administração e dos Auditores independentes, cumprindo, assim, disposições legais e estatutárias.

Por oportuno, desejamos destacar os seguintes pontos:

O exercício de 1981, caracterizou-se como um ano difícil, face às medidas tomadas pelo Governo no combate à inflação e na busca do equilíbrio no balanço de pagamentos. Baseados nos índices divulgados, verifica-se uma queda do PIB de 3,5%, sendo que o setor industrial contribuiu com um decréscimo de 9,6%. Encerramos o exercício com um crescimento nominal de 84% na receita líquida (Cr\$ 9.631,3 milhões) comparada com o ano anterior (Cr\$ 5.230,2 milhões). O lucro líquido de Cr\$ 2.113,7 milhões (Cr\$ 3,40 por ação calculado sobre 622.502.799 ações em circulação), representa um aumento de 23,7% sobre 1980, devendo ser considerado que a correção monetária de Cr\$ 1.805,2 milhões, já deduzida do resultado, cresceu 335,7%. A evolução do patrimônio líquido foi de 133,0%, elevando o valor patrimonial da ação para Cr\$ 17,71 (Cr\$ 7,64 em 1980). O imobilizado representa 63,0% do patrimônio líquido (53,9% no ano anterior).

Por deliberação da AGE de 28-04-1981, o capital social foi elevado de Cr\$ 2 bilhões para Cr\$ 4 bilhões com a incorporação da correção monetária do exercício e de outras reservas, ocasião em que foram emitidas 744.512 ações ordinárias nominativas, sem valor nominal, subscritas e integralizadas pelo Finor. Em 21-09-81, realizou-se nova AGE, para aumento do capital social para Cr\$ 4.016,1 milhões com aproveitamento de incentivos fiscais da Sudene, tendo sido subscritas e integralizadas, na ocasião, pelo Finor, 2.108.287 ações ordinárias nominativas, sem valor nominal.

A produção de camisas da filial São Paulo, foi transferida, a partir de janeiro de 1981, para a mais nova unidade industrial, Fortaleza II.

Essa mudança, em parte, justifica a queda verificada na produção da empresa.

Para este ano, a Guararapes prevê um crescimento de 10% em sua produção física.

Dentro do plano de expansão do Grupo, foram adquiridos imóveis comerciais, num investimento da ordem de Cr\$ 850 milhões, para instalação de lojas próprias de suas controladas.

Visando a redução de custos administrativos, em janeiro de 1982, foi efetuada a incorporação das Lojas Wolens S/A, (06 unidades localizadas nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina) pela Lojas Riachuelo S/A.

O número atual de lojas de nossas subsidiárias totalizam 140 unidades, espalhadas em 21 estados da Federação.

Deverá ter início neste exercício a implantação do projeto GUARARAPES TEXTIL S/A., cujo objetivo principal será a expansão da produção, tingimento e acabamento de tecidos de malha.

Para dar maior mobilidade à administração de todo o Grupo, foi adquirida, neste exercício, uma aeronave modelo LEAR-JET 35A, possibilitando assim, com mais frequência, a presença dos administradores nos diversos pontos do país, onde quer que estejam localizados os nossos interesses.

As vendas das empresas controladas atingiram Cr\$ 8.413,8 milhões (Cr\$ 3.400,0 milhões em 1980), proporcionando um lucro líquido de Cr\$ 449,9 milhões (Cr\$ 257,9 milhões em 1980).

A distribuição do lucro líquido, apresentada no quadro de demonstração das mutações do patrimônio líquido, é o objeto da proposta da Diretoria a ser submetida aos Senhores Acionistas, que demonstramos abaixo:

Reservas compulsórias p/reinvestimentos de reduções e isenções do imposto de renda	Cr\$ 642.495
Reserva compulsória p/reinvestimento da redução do ICM - Lei 4669/77-RN	Cr\$ 19.217
Reserva Legal	Cr\$ 75.545
Dividendos propostos	Cr\$ 373.502
Lucro à disposição da Assembléia	Cr\$ 1.002.947
	Cr\$ 2.113.706

O dividendo proposto é de Cr\$ 0,60 por ação (0,50 por ação em 1981).

Propomos ainda que o lucro à disposição da Assembléia de Cr\$ 1.002,9 milhões seja mantido na conta de lucros acumulados para fazer face aos compromissos assumidos no plano de expansão da Companhia.

Finalmente, propomos o aumento do capital social para Cr\$ 10 bilhões com o aproveitamento da correção monetária do balanço e demais reservas capitalizáveis.

Desejamos agradecer a colaboração de nossos funcionários, hoje cerca de 7.400 (Em 1980: 7.000) nas unidades fabris e de 4.200 (3.000: Em 1980) nas empresas controladas, que foi mais uma vez, o principal fator de sucesso para a realização dos objetivos deste exercício.

Agradecemos, também, a confiança e o apoio dos Senhores Acionistas, a preferência de nossos clientes, cada vez mais numerosos, a cooperação dos fornecedores e entidades financeiras e as atenções recebidas das autoridades.

Natal, 12 de Março de 1982.
A DIRETORIA

BALANÇO PATRIMONIAL EM 31 DE DEZEMBRO Em milhares de cruzeiros

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO

Em milhares de cruzeiros

	Exercícios findos em 31 de dezembro	
	1981	1980
RECEITA OPERACIONAL BRUTA		
Vendas		
● Mercado interno	11.017.428	5.979.145
● Mercado externo	1.176	12.692
	11.018.604	5.991.837
Deduções de vendas		
● Impostos sobre vendas (ICM e PIS)	(1.267.703)	(707.775)
● Devoluções	(119.558)	(53.832)
RECEITA OPERACIONAL LÍQUIDA	9.631.343	5.230.230
CUSTO DOS PRODUTOS VENDIDOS	3.927.303	2.198.592
Lucro bruto	5.704.040	3.031.638
DESPESAS OPERACIONAIS		
Financeiras		
● Descontos concedidos	211.740	186.852
● Juros e outros encargos	533.860	130.313
● Receitas financeiras	(256.677)	(91.965)
	488.923	225.200
Com vendas	970.554	420.529
Gerais e administrativas — incluem honorários dos administradores — Cr\$ 54.000 mil (1980 - Cr\$ 28.192 mil)	600.263	270.392
Depreciações e amortizações — menos Cr\$ 86.351 mil (1980 - Cr\$ 41.197 mil) incluídos no custo de produção e Cr\$ 10.752 mil incluídos em despesas não operacionais	64.315	13.724
	2.124.055	929.845
RESULTADO DE PARTICIPAÇÕES EM EMPRESAS CONTROLADAS	448.480	259.162
Lucro operacional	4.028.465	2.360.955
RECEITAS E DESPESAS NÃO OPERACIONAIS, LÍQUIDO	4.420	12.392
CORREÇÃO MONETÁRIA DO BALANÇO	(1.805.272)	(414.311)
Lucro antes do imposto de renda	2.227.613	1.959.036
IMPOSTO DE RENDA	113.907	250.292
Lucro líquido do exercício	2.113.706	1.708.744
As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.		
OUTRAS INFORMAÇÕES		
Vendas consolidadas — Cr\$ mil	15.975.485	8.266.041
Lucro líquido sobre vendas consolidadas	13,2%	20,7%
Lucro líquido por ação do capital no fim do exercício - Cr\$	3,40	2,76
Valor patrimonial da ação no fim do exercício Cr\$	17,71	7,64

DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES

DE RECURSOS Em milhares de cruzeiros

	Exercícios findos em 31 de dezembro	
	1981	1980
ORIGENS DE RECURSOS		
Das operações sociais		
Lucro líquido do exercício	2.113.706	1.708.744
Despesas (receitas) que não afetam o capital circulante:		
Correção monetária de empréstimos compulsórios	(11.284)	(3.816)
Resultado de participações em empresas controladas		
● No resultado operacional	(448.480)	(259.162)
● No resultado não operacional	(1.349)	
Depreciações e amortizações	161.418	54.921
Valor residual de ativo permanente baixado	2.045	3.362
Variações monetárias do exigível a longo prazo	130.487	
Correção monetária do balanço	1.805.272	414.311
	3.751.815	1.918.360
De terceiros		
Dividendos recebidos de empresa controlada	29.445	
Ingresso de recursos — exigível a longo prazo	369.758	

	1981	1980
CIRCULANTE		
Caixa e bancos	305.724	189.397
Aplicações financeiras no mercado aberto	752.253	153.688
Contas a receber de clientes	4.407.785	2.080.888
Títulos descontados	(864.020)	(369.462)
Provisão para contas de cobrança duvidosa	(132.234)	(62.427)
Demais contas a receber	90.765	80.268
Depósitos de incentivos fiscais - ICM	12.069	
Menos: pendentes de liberação Estoques	(12.069)	
	2.050.119	1.111.154
Despesas do exercício seguinte	66.079	16.820
	6.676.471	3.200.326
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO		
Contas de empresas controladas	14.752	11.366
Empréstimos compulsórios e depósitos vinculados	35.045	13.181
	49.797	24.547
PERMANENTE		
Investimentos		
● Empresas controladas	1.875.055	748.996
● Outras empresas	3.282	1.678
● Imóveis para renda	2.397.444	710.716
	4.275.781	1.461.390
Imobilizado	2.666.591	1.087.246
Diferido		724
	6.942.372	2.549.360
TOTAL DO ATIVO	13.668.640	5.774.233

	1981	1980
CIRCULANTE		
Fornecedores	1.073.533	227.124
Salários e contribuições sociais	148.092	75.917
Provisão para imposto de renda	113.907	250.292
Imposto sobre circulação de mercadorias	174.814	106.853
Financiamentos	61.872	6.200
Promissórias a pagar	126.350	39.990
Dividendos propostos	373.502	309.825
Demais contas e despesas a pagar	72.530	25.758
	2.144.600	1.041.959
EXIGÍVEL A LONGO PRAZO		
Financiamentos	457.744	
Imposto sobre operações de câmbio	39.501	
Conta de empresa controlada	3.000	
	500.245	
PATRIMÔNIO LÍQUIDO		
Capital social	4.016.107	2.000.000
Reservas de capital	4.725.956	1.558.538
Reserva de lucros	495.322	214.643
Lucros acumulados	1.786.410	959.093
	11.023.795	4.732.274
TOTAL DO PASSIVO	13.668.640	5.774.233

	1981	1980
Ajustes de exercícios anteriores		
Recebimento antecipado de realizável a longo prazo	421.642	(6.376)
TOTAL DOS RECURSOS	4.173.457	1.911.984
APLICAÇÕES DE RECURSOS		
No realizável a longo prazo		
● Contas de empresas controladas	3.386	11.366
● Empréstimos compulsórios e depósitos vinculados	10.580	4.778
	13.966	16.144
No ativo permanente		
● Investimentos		
● Empresas controladas	14.750	3.000
● Imóveis para renda	852.839	241.195
● Imobilizado	544.896	96.112
	1.412.485	340.307
Em distribuição de lucros - dividendos propostos	373.502	309.825
Em aumento no capital circulante	2.373.504	1.245.708
TOTAL DAS APLICAÇÕES	4.173.457	1.911.984
VARIAÇÕES NO CAPITAL CIRCULANTE		
ATIVO CIRCULANTE		
No fim do exercício	6.676.471	3.200.326
No início do exercício	3.200.326	1.512.825
	3.476.145	1.687.501
PASSIVO CIRCULANTE		
No fim do exercício	2.144.600	1.041.959
No início do exercício	1.041.959	600.166
	1.102.641	441.793
AUMENTO NO CAPITAL CIRCULANTE	2.373.504	1.245.708

As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.

As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.

DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO Em milhares de cruzeiros

	Reservas de capital					Reserva de lucros		
	Capital social	Correção monetária do capital	Redução, isenção e reinvestimento do imposto de renda	Redução do ICM	Outras	Total	Legal	Lucros acumulados
Em 31 de dezembro de 1979	1.000.000	470.701	193.255	3.012	349	667.317	85.694	464.253
Ajustes de exercícios anteriores — complemento da provisão para imposto de renda de 1979								(6.456)
Capitalização de reservas e lucros acumulados	1.000.000	(470.701)	(144.538)	(3.012)	(349)	(618.600)		(381.400)
Correção monetária		1.015.511	24.736			1.040.247	43.512	38.788
Lucro líquido do exercício								1.708.744
Apropriação e distribuição proposta:								
● Reservas			469.453	121		469.574	85.437	(555.011)
● 15.º dividendo								(309.825)
Em 31 de dezembro de 1980	2.000.000	1.015.511	542.906	121		1.558.538	214.643	959.093
Incentivos fiscais do imposto de renda			22.439			22.439		
Capitalização de reservas e lucros acumulados	2.016.107	(1.015.511)	(441.987)	(121)		(1.457.619)		(558.488)
Correção monetária		3.823.491	117.395			3.940.886	205.134	382.858
Lucro líquido do exercício								2.113.706
Apropriação e distribuição proposta:								
● Reservas			642.495	19.217		661.712	75.545	(737.257)
● 16.º dividendo								(373.502)
Em 31 de dezembro de 1981	4.016.107	3.823.491	883.248	19.217		4.725.956	495.322	1.786.410

As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.

NOTAS EXPLICATIVAS ÀS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1981 E DE 1980

1 — CONTEXTO OPERACIONAL

A empresa é uma sociedade anônima aberta e tem como atividade preponderante a produção e comercialização de calças e camisas. As unidades fabris estão localizadas em Natal, Mossoró (RN), Fortaleza (CE) e São Paulo (SP) sendo que essa última, apenas beneficia matéria-prima a ser utilizada na produção das demais unidades fabris. A comercialização é efetuada através de representantes autônomos e de empresas controladas. A fim de assegurar o sistema de comercialização, a empresa possui imóveis comerciais que são alugados principalmente às empresas controladas.

Em maio de 1980 e em janeiro de 1981, entraram em operação duas novas unidades fabris localizadas em Natal (RN) e Fortaleza (CE) respectivamente, que deverão atingir sua plena capacidade de produção em 1983.

A empresa goza dos seguintes incentivos fiscais:

- Imposto de renda — redução de 50% do imposto devido sobre os lucros gerados pelas unidades fabris localizadas no Nordeste até o ano base de 1984, sendo que os lucros gerados pela ampliação das unidades fabris de Fortaleza (CE) e Mossoró (RN) estão isentos desse tributo até o ano-base de 1986. As novas unidades fabris localizadas em Natal (RN) e Fortaleza (CE) gozam de isenção do imposto de renda até o ano-base de 1988 e 1989, respectivamente.
- Imposto sobre circulação de mercadorias (ICM) - redução de 30% do ICM a recolher, decorrente da comercialização de produtos fabricados pela unidade II em Natal (RN), até 31 de dezembro de 1982. A parcela de redução do ICM, condicionada a aumento de capital, é depositada em conta vinculada no Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte S.A. - BDRN. A fruição desse benefício está condicionada ao atendimento de requisitos da legislação estadual específica.

(cont. na pág. seguinte)

(cont. da pág. anterior)



2 — PRINCIPAIS DIRETRIZES CONTÁBEIS

- (a) Apuração do resultado e ativos e passivos circulantes e a longo prazo
O resultado, apurado pelo regime de competência de exercícios, reflete os efeitos líquidos da correção monetária sobre o ativo permanente e o patrimônio líquido, a índices oficiais, os rendimentos, encargos e variações monetárias ou cambiais, a índices ou taxas oficiais, incidentes sobre ativos e passivos circulantes e a longo prazo, bem como, quando aplicável, os efeitos de ajustes de ativos para o valor de mercado ou de realização. Do resultado apurado é excluída a parcela atribuível de imposto de renda.
- (b) Estoques
São demonstrados ao custo médio das compras ou produção, inferior aos custos de reposição ou aos valores de realização.
- (c) Permanente
Demonstrado ao custo corrigido monetariamente, combinado com os aspectos a seguir:
● avaliação dos investimentos em empresas controladas pelo método da equivalência patrimonial;

- depreciações de imóveis para renda e do imobilizado, pelo método linear, a taxas que levam em consideração a vida útil-econômica dos bens, segundo parâmetros estabelecidos pela legislação tributária;
- amortizações do diferido no prazo de dez anos, a partir da ocasião em que os benefícios começam a ser gerados.

- (d) Imposto de renda
A provisão para o imposto de renda, reconhecida como encargo do exercício, é reduzida pelo valor correspondente à redução, isenção e reinvestimento, o qual é apropriado dos lucros acumulados para contas específicas de reservas de capital.

3 — ESTOQUES

Produtos acabados
Produtos em elaboração
Matérias-primas
Materiais diversos
Estoques em poder de terceiros
Materiais em trânsito e outros estoques

Milhares de cruzeiros	
1981	1980
325.223	113.707
383.108	152.186
865.631	448.587
304.082	103.387
53.274	23.062
118.801	270.225
<u>2.050.119</u>	<u>1.111.154</u>

4 — CONTAS E INVESTIMENTOS EM EMPRESAS CONTROLADAS

Em milhares de cruzeiros ou de outra forma indicada

	Lojas Riachuelo S.A.	Lojas Wolens S.A.	Lojas Seta S.A.	CIC - Centro Industrial de Confeccões Ltda.	Super G S.A. Promotora de vendas	Transportadora Casa Verde Ltda.	Guararapes Têxtil S.A.	1981	1980
								Total	Total
Número de ações ordinárias ou quotas possuídas	100.000.000	44.000.000	20.000.000	14.700.000	3.000.000	17.000	749.970		
Valor nominal das ações ou quotas — Cr\$				1		1.000	1		
Participação no capital — %	100	100	100	98	100	85	75		
Informações sobre as investidas									
Capital	360.000	160.000	100.000	15.000	5.000	20.000	1.000	661.000	364.000
Reservas de capital	366.542	196.548	101.988	14.335	4.779	9.751		693.943	125.839
Reservas de lucros	29.265	7.329	12.499		3.711	290		53.094	17.436
Lucros acumulados	270.795	21.611	89.470	23.556	62.721	5.505		473.658	244.973
Patrimônio líquido em 31 de dezembro	<u>1.026.602</u>	<u>385.488</u>	<u>303.957</u>	<u>52.891</u>	<u>76.211</u>	<u>35.546</u>	<u>1.000</u>	<u>1.881.695</u>	<u>752.248</u>
Lucro líquido do exercício	282.216	3.134	75.272	16.173	66.022	7.043		449.860	257.897
Movimentação dos investimentos									
No início do exercício	369.124	210.292	113.651	18.399	34.654	2.876		748.996	322.757
Adições						14.000	750	14.750	3.000
Dividendos recebidos					(29.445)			(29.445)	
Correção monetária	352.770	200.974	108.616	17.584	4.979	6.002		690.925	164.077
Resultado da avaliação das participações									
● Equivalência patrimonial	304.708	(25.778)	81.690	15.850	66.023	5.987		448.480	259.162
● Ganho de capital						1.349		1.349	
No fim do exercício	<u>1.026.602</u>	<u>385.488</u>	<u>303.957</u>	<u>51.833</u>	<u>76.211</u>	<u>30.214</u>	<u>750</u>	<u>1.875.055</u>	<u>748.996</u>
Saldos e transações com as investidas									
● Duplicatas a receber	1.019.259	95.004	197.494	49.418		226	239	1.361.175	432.823
● Contas a receber	14.272		15			3.000		14.752	11.366
● Contas a pagar						22.002		3.000	
● Comissões e serviços pagos								22.002	30.626
● Vendas	2.035.788	223.957	763.726	264.153				3.287.624	1.008.564
● Rendas de imóveis alugados	2.781		1.000	1.344	120	192		5.437	4.643

A Guararapes Têxtil S.A. foi constituída em novembro de 1981.

Em janeiro de 1982 a Lojas Wolens S.A. foi incorporada pela Lojas Riachuelo S.A., com o objetivo principal de reduzir os custos administrativos e dinamizar suas operações. As demonstrações financeiras de Lojas Riachuelo S.A. e Lojas Wolens S.A. foram submetidas a revisões específicas, destinadas à avaliação da adequação dos valores dos investimentos, por nossos auditores independentes.

5 — IMOBILIZADO

	Milhares de cruzeiros			
	1981		1980	
	Custo corrigido	Depreciação acumulada corrigida	Líquido	Líquido
Em operação	600.017	232.424	367.593	320.494

Os montantes a longo prazo têm a seguinte composição, por ano de vencimento:

Milhares de cruzeiros	
1981	
1983	121.421
1984	61.491
1985	61.340
1986	61.187
1987	61.036
1988	60.884
1989	30.385

- Móveis e utensílios
- Veículos
- Marcas e patentes

163.520	87.284	76.236	40.213
21.795	8.988	14.807	7.991
971		971	423
3.415.428	803.980	2.611.448	958.865

Plano de expansão

- Obras em andamento

55.143		55.143	128.381
3.470.571	803.980	2.666.591	1.087.246

O plano de expansão, cuja conclusão é prevista para 1983, prevê um aporte adicional de investimentos de aproximadamente Cr\$ 870.000 mil, destinados principalmente para capital de giro. O aporte dos recursos está assim previsto:

Recursos próprios

Recursos de incentivos fiscais-reinvestimento

Milhares de cruzeiros
140.000
730.000
870.000

6 — FINANCIAMENTOS

Moeda estrangeira

- Bank of America NT & S.A. - US\$ 3,566,325 - juros de 2% ao ano acima da LIBOR para depósitos de seis meses em eurodólares; vencimentos entre junho de 1982 e junho de 1989
- Outros

455.775
4.064

Moeda Nacional

- Banco de Desenvolvimento do Ceará S.A. — recursos oriundos do Fundo de Desenvolvimento do Ceará — FDI — juros de 6% ao ano; vencimento em 1983.

59.777
519.616

Menos:

Passivo circulante

(61.872)
457.744

PARECER DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Recebemos, para exame, dentro das atribuições conferidas pelo Inciso I do Artigo 163 da Lei n.º 6.404/76, o Relatório Anual da Diretoria de Confecções Guararapes S/A., referente ao exercício encerrado em 31 de dezembro de 1981.

A fim de que, sobre ele, pudéssemos opinar, verificamos todas as operações da sociedade durante o exercício, constatamos a regularidade, incensurável, de suas demonstrações contábeis e não vimos a necessidade de oferecer informações suplementares à deliberação da Assembléia Geral, visto como, no documento em exame, se encontram todas as informações suficientemente esclarecedoras aos interesses dos Acionistas, no nosso entendimento.

Daí o recomendarmos à aprovação da Assembléia Geral.

Natal, 10 de março de 1982.

NEVALDO ROCHA
Presidente

NELSON ROCHA DE OLIVEIRA
Vice-Presidente

FLAVIO GURGEL ROCHA
Conselheiro

PARECER DOS AUDITORES INDEPENDENTES

Aos Administradores e Acionistas
Confecções Guararapes S.A.

9 de março de 1982

Examinamos os balanços patrimoniais de Confecções Guararapes S.A., em 31 de dezembro de 1981 e de 1980 e as correspondentes demonstrações do resultado, das mutações do patrimônio líquido e das origens e aplicações de recursos dos exercícios findos nessas datas. Efetuamos nossos exames consoante normas de auditoria geralmente aceitas, incluindo, por conseguinte, as provas nos registros e documentos contábeis e a aplicação de outros procedimentos de auditoria que julgamos necessários nas circunstâncias. Somos de parecer que as referidas demonstrações financeiras apresentam adequadamente a posição financeira de Confecções Guararapes S.A. em 31 de dezembro de 1981 e de 1980, o resultado das operações, as mutações do patrimônio líquido e as origens e aplicações de recursos desses exercícios, de conformidade com princípios contábeis geralmente aceitos, aplicados de maneira uniforme.

PRICE WATERHOUSE
Auditores Independentes
CRC-SP-160 "S" - RN

MARCOS JOSÉ DE ALMEIDA LINS
Contador
CRC-PE-5251 "S" - RN

7 — DIVIDENDOS PROPOSTOS

Os dividendos propostos pela administração para aprovação pela assembléia geral de acionistas são superiores ao mínimo assegurado pelo estatuto social, como demonstrado a seguir:

Milhares de cruzeiros		
1981	1980	
Lucro líquido do exercício	2.113.706	1.708.744
Reserva de redução, isenção e reinvestimento do imposto de renda	(642.495)	(469.453)
Reserva legal	(75.545)	(85.437)
Lucro-base para cálculo do dividendo	1.395.666	1.153.854
Dividendo obrigatório — 25% do lucro-base acima	348.917	288.464
Dividendos propostos — Cr\$ 0,60 (1980 — Cr\$ 0,50) por ação	373.502	309.825

8 — CAPITAL SOCIAL

O capital social é composto de 622.502.799 (1980 — 619.650.000) ações, sendo 239.587.275 (1980 — 232.734.476) ações ordinárias nominativas e 382.915.524 (1980 — 386.915.524) ações ordinárias ao portador, sem valor nominal.

De acordo com o estatuto social, o dividendo mínimo obrigatório é de 25% do lucro líquido do exercício, ajustado nos termos do artigo 202 da lei das sociedades por ações.

9 — CORREÇÃO MONETÁRIA DO BALANÇO

Milhares de cruzeiros		
1981	1980	
Do patrimônio líquido	4.528.878	1.122.547
Do ativo permanente		
● Investimentos		
Empresas controladas	690.925	164.077
Outras empresas	1.604	565
Imóveis para renda	844.641	193.716
● Imobilizado	1.186.111	349.616
● Diferido	325	262
	2.723.606	708.236
Redução do resultado do exercício	1.805.272	414.311

Neste exercício a variação das Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional foi equivalente à inflação do ano. A correção monetária em 1980, se calculada com base nos Índices Gerais de Preços (disponibilidade interna) da Fundação Getúlio Vargas, teria acarretado uma redução adicional de aproximadamente Cr\$ 485.000 mil no resultado daquele exercício, sem considerar os demais reflexos decorrentes.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

NEVALDO ROCHA
Presidente

NELSON ROCHA DE OLIVEIRA
Vice-Presidente

FLAVIO GURGEL ROCHA
Conselheiro

DIRETORIA EXECUTIVA

NEVALDO ROCHA
Presidente

HÉLIO DE ALBUQUERQUE ARAGÃO
Vice-Presidente

NILSON ROCHA DE OLIVEIRA
Vice-Presidente

BENEDITO CLAYTON V. ALCANTARA
Vice-Presidente

RAIMUNDO NONATO DA COSTA
Diretor Administrativo

PAULO FERREIRA MACHADO
Diretor Financeiro

FRANCISCO NÉLIO F. DO MONTE
Diretor Comercial

ADAIR NATAL CHIESA
Diretor Industrial

NILZA PONTES MONTENEGRO
Técnica Contabilidade - CRC-873/RN

Lojas Riachuelo s.a.

C.G.C. 33.200.056/0001-49

RELATÓRIO DA DIRETORIA

SENHORES ACIONISTAS:

Cumprindo as disposições legais e estatutárias, submetemos aos senhores acionistas, para apreciação e discussão, as demonstrações financeiras relativas ao exercício social encerrado em 31 de dezembro de 1981, as quais demonstram com exatidão o movimento dos negócios e o resultado obtido.

Seguindo as mesmas diretrizes anteriores, a empresa procedeu a reformas e ampliações em diversas de suas filiais, com modernizações de suas instalações e aberturas de novos pontos de distribuição, o que permitiu uma expansão real de 37% em suas vendas sobre o exercício anterior.

Como fato relevante ocorrido no início do exercício em curso, destacamos a incorporação da empresa Lojas Wolens S.A., com sede em Porto Alegre-RS, o que permitiu à nossa empresa atingir a totalidade de 94 lojas localizadas em todo o território nacional, com 81 delas em plena operação.

Propõe a Diretoria, em vista dos fatos acima, e ainda dar continuidade a sua linha de expansão, que o lucro remanescente seja reinvestido integralmente para atendimento dessa política.

São Paulo, 19 de fevereiro de 1982
A DIRETORIA

BALANÇO PATRIMONIAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1981

ATIVO	31 de Dezembro		PASSIVO	31 de Dezembro	
	1981	1980		1981	1980
CIRCULANTE			CIRCULANTE		
Caixa e Bancos	110.091	37.677	Fornecedores	2.290.081	718.009
Tit. vinc. ao mercado aberto	—	149.499	Instituições financeiras	78.692	2.667
Contas a receber			Impostos a recolher	171.161	60.755
Credenciadas e duplicatas a receber	1.629.534	433.031	Imposto de renda	183.436	80.975
Menos:			Encargos sociais	258.722	89.076
Financeiras CDC	635.795	149.683	Aluguéis e contas a pagar	18.697	7.379
Provisão para devedores duvidosos	48.886	13.010	Credores diversos	22.665	4.455
Outras contas a receber	89.637	9.973	Juros de financiamento a repassar	132.173	22.707
Aplicações incentivos fiscais	18.926	—	Total do passivo circulante	3.155.627	986.023
Estoques			EXIGIVEL A LONGO PRAZO		
Mercadorias	2.287.722	649.607	Créditos de coligadas	50.259	—
Almoxarifado	20.275	4.646	PATRIMÔNIO LÍQUIDO		
Mercadorias a receber	97.956	52.771	Capital	360.000	140.000
Despesas do exercício seguinte	19.710	3.386	Reservas de capital	366.542	74.151
Total do ativo circulante	3.589.170	1.177.897	Reserva legal	29.265	7.749
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO			Lucros acumulados	270.795	147.224
Débitos de coligadas	59.346	—	Total do passivo	4.232.488	1.355.147
PERMANENTE					
Investimentos	6.249	3.195			
Imobilizado	528.093	153.971			
Diferido					
Melhorias em prédios de terceiros	146.279	61.964			
Menos: Amortizações acumuladas	96.649	41.880			
	583.972	177.250			
Total do ativo	4.232.488	1.355.147			

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO

	31 de Dezembro	
	1981	1980
Receita operacional bruta	5.739.898	2.158.378
Menos: Descontos e devoluções de vendas	33.557	26.564
Impostos sobre vendas (ICM e PIS)	935.022	341.084
Receita operacional líquida	4.771.319	1.790.730
Custo das mercadorias vendidas	2.499.968	913.939
Lucro operacional bruto	2.271.351	876.791
Despesas operacionais		
Com vendas	1.388.170	503.091
Administrativas	238.312	98.477
Depreciação e amortização	44.076	15.819
Provisão para devedores duvidosos	40.338	9.255
Receitas (— despesas) financeiras	48.124	22.341
Lucro operacional líquido	608.579	272.490
Despesas não operacionais líquidas	2.758	4.608
Correção monetária do balanço	140.169	31.934
Lucro antes do imposto de renda	465.652	235.948
Imposto de renda	183.436	80.975
Lucro líquido do exercício	282.216	154.973
Lucro por ação do capital no fim do exercício	2,82	1,55

As notas explicativas são partes integrantes das Demonstrações Financeiras

DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS

	31 de dezembro	
	1981	1980
ORIGENS DE RECURSOS		
Resultado do exercício	282.216	154.973
Encargos que não afetam o capital circulante líquido:		
Depreciação e amortização	44.076	15.819
Correção monetária do balanço	140.169	31.934
Valor residual de bens baixados	11.310	9.566
Total dos recursos provenientes das operações	477.771	212.292
Acréscimo (redução) do exigível a longo prazo	50.259	(1.752)
Contribuições para reservas de capital	18.926	—
Total das origens	546.956	210.540
APLICAÇÕES DE RECURSOS		
Imobilizado	245.941	91.827
Realizável a longo prazo	59.346	—
Total das aplicações	305.287	91.827
Acréscimo do capital circulante líquido	241.669	118.713
Demonstrado por:		
Acréscimo no ativo circulante	2.411.273	704.024
Acréscimo no passivo circulante	2.169.604	585.311
	241.669	118.713

DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO

	CAPITAL	RESERVAS DE CAPITAL			RESERVAS DE LUCROS	
		CORREÇÃO MONETÁRIA		RESERVA DE INC. FISCAIS	RESERVA LEGAL	LUCROS ACUMULADOS
		DO CAPITAL	DO IMOBIL.			
Em 31/12/79	81.662	32.868	27.503	0	0	0
Capitalização de reservas	58.338	(32.868)	(25.470)	—	—	—
Correção das contas	—	71.086	1.032	—	—	—
Resultado do exercício	—	—	—	—	7.749	147.224
Em 31/12/80	140.000	71.086	3.065	0	7.749	147.224
Capitalização de reservas	220.000	(71.086)	(3.065)	—	—	(145.849)
Inc. fisc. - Finor e Embraer ex. 81	—	—	—	18.926	—	—
Correção das contas	—	344.050	—	3.566	7.405	1.315
Resultado do exercício	—	—	—	—	14.111	268.105
Em 31/12/81	360.000	344.050	0	22.492	29.265	270.795

NOTAS EXPLICATIVAS ÀS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1981

1.1. Foram elaboradas com observância das disposições da Lei 6.404/76.

- 1.2. **Estoques**
Estão avaliados pelo preço de custo sem o ICM ou de mercado, prevalecendo o menor.
- 1.3. **Correção Monetária**
As contas do Patrimônio Líquido e do Ativo Permanente estão corrigidas monetariamente nos termos do artigo 185 da Lei 6.404/76 regulamentada pelo artigo 39 e 42 do Decreto Lei n.º 1.598/77.
- 1.4. **Valores Circulantes**
Os Ativos Realizáveis e Passivos Exigíveis com prazos vencíveis em até 360 dias estão demonstrados como circulantes.
- 1.5. **Depreciação**
A depreciação sobre o custo corrigido é calculada às taxas legais, pelo método linear e absorvida diretamente nos resultados.
- 1.6. **Devedores Duvidosos**
A provisão para Devedores Duvidosos foi constituída com base legal de 3% sobre a carteira de Credenciadas e Duplicatas a receber, provisão suficiente para atender a prejuízos pela não liquidação. A perda no exercício com créditos não realizados, no valor de Cr\$ 4.619 mil, foi absorvida na provisão.
- 1.7. **Provisão para Férias**
Em observância ao Decreto Lei 1.730/79, foi constituída provisão para atendimento às férias dos funcionários, no valor de Cr\$ 67.381 mil, sem os encargos.
- 1.8. **Coligadas**
Os débitos e créditos de coligadas são apresentados pelos seus valores nominais corrigidos monetariamente pelos índices de variação das ORTN e mais juros, estipulados em contratos.

NEVALDO ROCHA
Presidente

PAULO FERREIRA MACHADO
Diretor

NEWTON ROCHA DE OLIVEIRA JUNIOR
Diretor

FERNANDO CORSI
Téc. Cont. CRC-SP 44.824

com correção monetária pré-fixada, e financiamentos de prêmios de seguro.

1.10. **Valores Segurados**

No final do exercício a empresa mantém seguros contra fogo em instalações e mercadorias no montante de Cr\$ 2.529.150 mil.

2. **Imobilizado**

Imobilizado Técnico

É demonstrado ao custo de compra e mais correção monetária como segue:

	1981	1980
Instalações	343.564	70.899
Móveis e utensílios	220.529	88.348
Veículos	2.407	571
Linhas telefônicas	3.859	1.075
Pontos Comerciais	61.455	31.423
Outros	40	18
	<u>631.854</u>	<u>192.334</u>
Menos: Deprec. acumulada	103.761	38.363
	<u>528.093</u>	<u>153.971</u>

3. **Investimentos**
Participação em coligada registrada ao custo corrigido monetariamente.
4. **Imposto de Renda**
Provisionado de acordo com regime de competência pelo valor bruto. A parcela de incentivo fiscal correspondente é reconhecida no recolhimento do imposto.
5. O capital social da empresa, totalmente subscrito e integralizado está dividido em 100.000.000 de ações ordinárias sem valor nominal.



C.G.C. 10.798.486/0001-09

RELATÓRIO DA DIRETORIA

Senhores Acionistas:

Em cumprimento às disposições legais e estatutárias, submetemos à apreciação dos senhores acionistas as demonstrações financeiras do exercício social encerrado em 31 de dezembro de 1981.

Durante o exercício, 6 novas lojas foram postas em funcionamento, elevando a 37 o número de nossas unidades varejistas de confecções masculinas.

Em 1982, daremos prosseguimento ao programa de expansão, havendo definidas para o 1.º semestre as aberturas de 2 lojas em Shopping Centers, de 2 lojas em prédios recém-adquiridos, e a ampliação e reforma de 2 outras, igualmente em imóveis do grupo. Em razão desses investimentos, propomos o aumento do capital social para Cr\$ 300.000.000,00, com os recursos das reservas de capital e dos lucros acumulados.

Para outros esclarecimentos, permanecemos à disposição dos senhores acionistas, na sede da empresa, à Av. Casa Verde n.º 357, nesta capital.

São Paulo, 18 de fevereiro de 1982.

A DIRETORIA

BALANÇO PATRIMONIAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1981 (Em milhares de cruzeiros)

ATIVO	31 de dezembro de		PASSIVO	31 de dezembro de	
	1981	1980		1981	1980
CIRCULANTE			CIRCULANTE		
Caixa e bancos	75.082	24.733	Fornecedores	212.840	99.267
Contas a receber			Encargos sociais	42.119	18.325
Credenciadas	74.833	28.878	Aluguéis e contas a pagar	9.096	3.094
Duplicatas	2.527	1.231	Impostos a recolher	43.539	18.141
Menos:			Imposto de renda	43.646	19.640
Provisão para devedores duvidosos	2.321	903	Direitos de locação	7.598	9.581
Outras contas a receber	13.020	3.513	Credores diversos	297	529
Aplicação em incentivos fiscais	6.108	853		<u>359.135</u>	<u>168.577</u>
Estoques					
Mercadorias	311.873	116.381	EXIGÍVEL A LONGO PRAZO		
Almoxarifado	14.105	1.121	Direitos de locação	2.044	1.098
Mercadorias em trânsito	13.853	4.931	Créditos de Diretores e Acionistas	78.225	—
Despesas do exercício seguinte	1.310	502		<u>80.269</u>	<u>1.098</u>
	<u>510.390</u>	<u>181.240</u>			
REALIZAVEL A LONGO PRAZO			PATRIMÔNIO LÍQUIDO		
Créditos art. 13, dec. 55.334/64	10	11	Capital social	100.000	50.000
Direitos s/linhas telefônicas	537	—	Reservas de Capital	101.988	26.364
	<u>547</u>	<u>11</u>	Reserva legal	12.499	4.466
PERMANENTE			Lucros Acumulados	89.469	32.820
Investimentos	1.190	2.903		<u>303.956</u>	<u>113.650</u>
Imobilizado	173.061	70.823			
Diferido			Total do passivo	<u>743.360</u>	<u>283.325</u>
Benfeitorias em bens de terceiros	58.172	28.348			
	<u>232.423</u>	<u>102.074</u>			
Total do ativo	<u>743.360</u>	<u>283.325</u>			

(cont. na pág. seguinte)

(cont. da pág. anterior)

LOJAS  S.A.**DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO** (Em milhares de cruzeiros)

	Exercício findo em 31 de dezembro de	
	1981	1980
RECEITA OPERACIONAL BRUTA	1.085.847	448.550
Menos: Descontos e devoluções de vendas	168	67
Impostos sobre vendas (ICM, PIS)	174.418	70.298
Receita operacional líquida	911.261	378.185
CUSTO DAS MERCADORIAS VENDIDAS	481.836	196.468
Lucro operacional bruto	429.425	181.717
DESPESAS OPERACIONAIS		
Administrativas	17.286	9.397
Honorários da diretoria	9.113	3.915
Depreciações e amortizações	12.758	4.382
Com vendas	260.654	107.926
	299.811	125.620
RECEITAS (DESPESAS) FINANCEIRAS, LÍQUIDO	3.608	406
Resultado de participações societárias	—	15
Lucro operacional	133.222	56.518
DESPESAS (RECEITAS) NÃO OPERACIONAIS, LÍQUIDO	2.132	(532)
CORREÇÃO MONETÁRIA DO BALANÇO	12.172	2.863
Lucro antes do imposto de renda	118.918	54.187
IMPOSTO DE RENDA	43.646	19.640
Lucro líquido do exercício	75.272	34.547
Lucro por ação do capital no fim do exercício	3,76	1,73

As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras

DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS
(Em milhares de cruzeiros)

	Exercício findo em 31 de dezembro de	
	1981	1980
ORIGENS DE RECURSOS		
Lucro líquido do exercício	75.272	34.547
Depreciações e amortizações	12.758	4.382
Correção monetária do balanço	12.172	2.863
Contribuição para reservas de capital	4.997	853
Liquidação de investimentos	2.294	—
Valor residual de bens baixados	2.140	16.713
Aumento do exigível a longo prazo	79.171	1.098
Total das origens	188.804	60.456
APLICAÇÕES DE RECURSOS		
Realizável a longo prazo	535	11
Investimentos	—	485
Imobilizado	38.935	26.657
Diferido	10.742	21.909
Total das aplicações	50.212	49.062
VARIAÇÃO DO CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO	138.592	11.394
Demonstrado por:		
Acréscimo no ativo circulante	329.150	99.257
Acréscimo no passivo circulante	190.558	87.863
	138.592	11.394

DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO (Em milhares de cruzeiros)

	CAPITAL SOCIAL	RESERVAS DE CAPITAL		RESERVAS DE LUCROS		TOTAL
		C. MONETÁRIA DO CAPITAL	REINVESTIMENTOS INCENTIVADOS	LEGAL	LUCROS ACUMULADOS	
Em 31 de dezembro de 1979	30.000	14.157	268	1.966	5.425	51.816
Capitalização de reservas (AGE 17.04.80)	20.000	(14.157)	(268)	(150)	(5.425)	—
Reinvestimentos Finor/Embraer	—	—	853	—	—	853
Correção monetária do patrimônio líquido	—	25.390	121	923	—	26.434
Lucro líquido do exercício	—	—	—	1.727	32.820	34.547
Em 31 de dezembro de 1980	50.000	25.390	974	4.466	32.820	113.650
Capitalização de reservas (AGE 30.04.81)	50.000	(25.390)	(974)	—	(23.636)	—
Reinvestimentos Finor/Embraer	—	—	4.997	—	—	4.997
Correção monetária do patrimônio líquido	—	95.570	1.421	4.269	8.777	110.037
Lucro líquido do exercício	—	—	—	3.764	71.508	75.272
Em 31 de dezembro de 1981	100.000	95.570	6.418	12.499	89.469	303.956

**NOTAS EXPLICATIVAS ÀS DEMONSTRAÇÕES
FINANCEIRAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1981 E 1980****NOTA 1 — DIRETRIZES CONTÁBEIS**

- a) As demonstrações financeiras foram elaboradas de conformidade com a Lei 6.404/76.
b) A provisão para devedores duvidosos foi constituída de 3% sobre o saldo de crediarietas e de duplicatas.
c) Os estoques estão demonstrados pelo custo real, inferior ao preço de mercado.
d) As contas do patrimônio líquido e do ativo permanente estão corrigidas monetariamente nos termos da Lei 6.404/76 e do Decreto Lei 1.598/77, a saber:

	1981	1980
Correção monetária do patrimônio líquido	110.036	26.434
Correção monetária do ativo permanente	97.864	23.571

NOTA 2 — IMOBILIZADO E DIFERIDO (em milhares de cruzeiros)

	31 de dezembro de	
	1981	1980
a) IMOBILIZADO		
Imóveis	41.379	22.731
Instalações	132.143	48.555
Móveis e utensílios	32.458	13.126
Linhas telefônicas	4.547	—
Outros	1.084	212
	211.611	84.624
Menos: depreciações acumuladas	38.550	13.801
	173.061	70.823
b) DIFERIDO		
Beneficiarias em bens de terceiros	62.802	28.867

a) A depreciação foi calculada pelo método linear, de acordo com a legislação.
 b) As amortizações foram determinadas em função do período de vigência dos contratos de locação.

O Capital social, totalmente integralizado, está dividido em 20.000.000 de ações ordinárias, sem valor nominal.

NEVALDO ROCHA
Presidente

JOSÉ FERNANDES VIDAL
Vice-Presidente

ROMMEL WANDERLEY DE OLIVEIRA
Diretor Comercial

JOSÉ DIVANILSON CAVALCANTI
Diretor Regional

JOSÉ TENÓRIO SILVA NETO
Tec. Cont. CRC-PE 5165 "S" — SP 990

LOJAS WOLENS S.A.

C.G.C. 92.689.108/0001-51

RELATÓRIO DA DIRETORIA

Cumprindo as disposições legais e estatutárias, submetemos aos Senhores Acionistas, para apreciação e discussão, as demonstrações financeiras relativas ao exercício social encerrado em 31 de dezembro de 1981. A Companhia teve o encerramento do seu exercício social alterado de 31 de agosto para 31 de dezembro de 1981, conforme aprovação da AGE de 02/06/81. Estas demonstrações financeiras, portanto, abrangem um período de 16 meses (setembro/80 a dezembro/81) e estão apresentadas juntamente com as demonstrações encerradas em agosto/80 (12 meses), verificando-se lucros líquidos de Cr\$ 3.133.852,29. Para outros esclarecimentos, permanecemos à disposição dos Senhores Acionistas, na sede da empresa, à Avenida Alberto Bins, 410, nesta Capital.

Porto Alegre, 26 de fevereiro de 1982.
A DIRETORIA

BALANÇO PATRIMONIAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1981 (Expresso em milhares de cruzeiros)

A T I V O	31/12/81	31/08/80
CIRCULANTE		
Caixas e bancos	6.911	3.054
Contas a receber		
De duplicatas		932
De crediárias	185.926	92.861
Menos: prov. dev. duvidosos	5.559	2.738
Outras contas a receber	346	3.295
Estoques	240.756	158.896
Despesas do exercício seguinte	1.195	4.110
	429.575	260.410
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO		
Depósitos compulsórios e empréstimos	1.985	193
PERMANENTE		
Imobilizado	292.960	123.153
Diferido	586	
	293.546	123.153
TOTAL DO ATIVO	725.106	383.756

P A S S I V O	31/12/81	31/08/80
CIRCULANTE		
Fornecedores	200.233	166.560
Instituições Financeiras	23.140	21.044
Impostos a recolher	17.821	1.055
Imposto de renda	5.561	7.004
Encargos sociais	22.645	10.817
Contas a pagar	10.871	5.636
	280.271	212.116
EXIGÍVEL LONGO PRAZO		
Créditos empr. coligadas	59.346	—
PATRIMÔNIO LIQUIDO		
Capital social	160.000	90.000
Reservas de capital	196.549	66.291
Reserva legal	7.329	3.239
Lucros acumulados	21.611	12.110
	385.489	171.640
TOTAL DO PASSIVO	725.106	383.756

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO (Expressa em milhares de cruzeiros)

	31/12/81	31/08/80
RECEITA OPERACIONAL BRUTA	1.062.536	390.853
Menos: Descontos e devoluções de vendas	24.383	6.606
Impostos sobre vendas (ICM-PIS)	167.701	60.759
Receita Operacional Líquida	870.452	323.488
CUSTO DAS MERCADORIAS VENDIDAS	474.158	176.005
Lucro bruto	396.294	147.483
DESPESAS OPERACIONAIS		
Com vendas	230.159	74.276
Honorários da diretoria	3.560	761
Administrativas e gerais	90.047	38.709
Depreciações e amortizações	13.585	5.164
RECEITAS FINANCEIRAS, LÍQUIDO	5.736	2.824
Lucro operacional	64.679	31.397
Receitas não operacionais líquidas	249	3.404
CORREÇÃO MONETÁRIA DO BALANÇO	56.233	15.050
Lucro antes do imposto de renda	8.695	19.751
IMPOSTO DE RENDA	5.561	7.004
Lucro líquido do exercício	3.134	12.747
Lucro por ação do capital no fim do exercício	0,07	0,29

As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.

DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS (Expressa em milhares de cruzeiros)

	31/12/81	31/08/80
ORIGENS DE RECURSOS		
Lucro líquido do exercício	3.134	12.747
Depreciações	13.585	5.164
Correção monetária do balanço	56.233	15.050
Contribuição para reservas	1.838	136
Valor residual de bens baixados	2.030	1.018
Ingresso de empréstimos a longo prazo	59.346	—
Realização de investimentos	—	26.404
Total das Origens	136.166	60.519
APLICAÇÕES DE RECURSOS		
• Aplicação (resgate) em realizável longo prazo	1.792	(3.165)
Imobilizado e diferido	33.364	12.659
Liquidação empréstimo a longo prazo	—	2.129
Total das Aplicações	35.156	11.623
VARIAÇÃO DO CAPITAL CIRCULANTE	101.010	48.896
Demonstrado por:		
Variação no ativo circulante	169.165	164.980
Variação no passivo circulante	68.155	116.084
	101.010	48.896

(cont. na pág. seguinte)

(cont. da pág. anterior)

LOJAS WOLENS S.A.**DEMONSTRAÇÕES DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO (Milhares de cruzeiros)**

	RESERVAS DE CAPITAL						RESERVAS DE LUCROS	
	CAPITAL SOCIAL	CORREÇÃO MONETÁRIA			P/ AUMENTO CAPITAL	INC. IMP. RENDA	LEGAL	LUCROS ACUMULADOS
		DO CAPITAL	DO IMOBIL	DO CAP. GIRO				
Em 31 de agosto de 1979	44.000	17.309	21.535	15.717	1.627	—	2.254 (584)	(584) 584
Reversão em reservas								
Reinvestimentos Finor/Embraer								
Capitaliz. reservas AGE 28.12.79	46.000	(17.309)	(21.535)	(7.156)	—	136		
Corr. monetária do exercício		50.207	—	4.776	908	76	932	12.747
Lucro líquido do exercício								
Apropriações lucro exercício								
Reservas							637	(637)
Em 31 de agosto de 1980	90.000	50.207	—	13.337	2.535	212	3.239	12.110 21
Reversão prov. imp. renda								
Reinvestimentos Finor/Embraer								
Capitaliz. reserva AGE 28.11.80	70.000	(50.207)	—	(13.337)	(2.535)	1.817 (212)		(3.709)
Corr. monetária do exercício		194.240				492	3.933	10.212 3.134
Lucro líquido do exercício								
Apropriação lucro exercício								
Reservas							157	(157)
Em 31 de dezembro de 1981	160.000	194.240	—	—	—	2.309	7.329	21.611

**NOTAS EXPLICATIVAS AS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS
EM 31 DE DEZEMBRO DE 1981
E 31 DE AGOSTO DE 1980**

NOTA 1 — PRINCIPAIS DIRETRIZES CONTÁBEIS

- Os resultados da companhia são apurados após a dedução dos efeitos da variação líquida da correção monetária das contas do patrimônio líquido e do ativo permanente efetuadas com bases nos índices oficiais.
- A provisão para devedores duvidosos foi constituída por montante considerado suficiente para cobrir eventuais perdas que possam ocorrer na realização das contas a receber.
- Os estoques estão demonstrados ao custo médio de aquisição inferior ao preço do mercado.
- O imobilizado está demonstrado ao custo menos depreciação, corrigidos monetariamente. A depreciação foi calculada pelo método linear às taxas legais.

NOTA 2 — IMOBILIZADO (em milhares de cruzeiros)

Terrenos	31/12/81	31/08/80
Edifícios	39.437	12.115
Instalações e telefones	243.464	112.939
Móveis, máquinas e veículos	29.857	8.691
	47.136	16.683
	359.894	150.428
Menos: depreciação acumulada	66.934	27.275
	292.960	123.153

NOTA 3 — CAPITAL

O capital totalmente integralizado é composto de 44.000.000 de ações ordinárias, nominativas, transformadas em ações sem valor nominal em AGE de 28/12/79.

A administração não propõe dividendos, mas a retenção do lucro do exercício.

NOTA 4 — CORREÇÃO MONETÁRIA DO BALANÇO

O resultado da correção monet. do balanço pode ser assim resumida:

Correção monet. das contas do patr. líquido	31/12/81	31/08/80
Correção monet. das contas do permanente	208.877	56.899
	152.644	41.849
	56.233	15.050

NEVALDO ROCHA
Presidente

NELSON ROCHA DE OLIVEIRA JR.
Vice Presidente

JOSÉ FERNANDES VIDAL
Diretor

MARCOS DANILO ROSA VIANA
Contador - CRC/RS - 30.003

SUPER g S.A. promotora de vendas
C.G.C. 43.637.974/0001-93

RELATÓRIO DA DIRETORIA

Senhores acionistas:

Em cumprimento às disposições legais e estatutárias, apresentamos à apreciação de V.Sas. as demonstrações financeiras do exercício social encerrado em 31 de dezembro de 1981 as quais demonstram com exatidão o movimento dos negócios e o resultado obtido, propondo outrossim, a retenção do lucro do exercício, visando ampliações das operações sociais da empresa

BALANÇO PATRIMONIAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1981 (Em milhares de cruzeiros)

ATIVO	31 de dezembro	
	1981	1980
CIRCULANTE		
Caixa e bancos	3.404	1.861
Tít. vinc. ao mercado aberto	—	23.500
Duplicatas e n. fiscais a receber	41.280	11.829
Contas a receber	64	68
Estoques	16.149	6.335
Tributos antecipados	4	26
Despesas de exerc. futuros	—	69
Total ativo circulante	60.901	43.688
REALIZAVEL A LONGO PRAZO		
Débitos de coligadas	50.259	—
PERMANENTE		
Imobilizado	359	175
	359	175
TOTAL DO ATIVO	<u>111.519</u>	<u>43.863</u>

PASSIVO	31 de dezembro	
	1981	1980
CIRCULANTE		
Fornecedores	21.305	5.813
Salários e encargos	3.500	2.726
Impostos a recolher	1.819	369
Imposto de Renda	8.198	—
Contas a pagar	486	300
Total passivo circulante	35.308	9.208
PATRIMÔNIO LÍQUIDO		
Capital	5.000	3.000
Reservas de capital	4.779	1.609
Reserva legal	3.711	600
Lucros acumulados	62.721	29.446
	76.211	34.655
TOTAL DO PASSIVO	<u>111.519</u>	<u>43.863</u>

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO

	Exercício findo em	
	31 de dezembro de 1981	1980
Receita bruta operacional	169.271	78.836
Menos: Descontos e devoluções de vendas	729	353
Impostos s/ vendas e serviços (ICM, ISS, PIS)	18.272	6.850
Receita operacional líquida	150.270	71.633
Custo das mercadorias e serviços	57.176	24.767
Lucro operacional bruto	93.094	46.866
Despesas operacionais		
Despesas gerais e administrativas	22.321	18.671
Receitas financeiras	8.265	4.006
Lucro operacional líquido	79.038	32.201
Despesas não operacionais	—	101
Correção monetária do balanço	4.818	1.267
Lucro antes do imposto de renda	74.220	30.833
Imposto de renda	8.198	—
Lucro líquido do exercício	66.022	30.833
Lucro por ação do capital no fim do exercício	22,01	10,27

(As notas explicativas são partes integrantes das Demonstrações Financeiras)

DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS

	Exercício findo em	
	31 de dezembro de 1981	1980
ORIGENS DE RECURSOS		
Lucro líquido do exercício	66.022	30.833
Encargos que não afetam o cap. circ. líquido		
Depreciação	28	8
Correção monetária do balanço	4.818	1.267
Total dos recursos provenientes das operações	70.868	32.108
Redução (acréscimo) realizável a longo prazo	(50.259)	1.752
Redução ativo permanente	—	351
Total das origens	20.609	34.211
APLICAÇÕES RECURSOS		
Imobilizado	50	163
Dividendos	29.446	—
Acréscimo (redução) do capital circ. líquido	(8.887)	34.048
Demonstrado por:		
Acréscimo no ativo circulante	17.213	42.780
Acréscimo no passivo circulante	26.100	8.732
	(8.887)	34.048

DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO

	RESERVAS DE CAPITAL		RESERVAS DE LUCROS	
	Capital	Corr. Monet. Cap.	Reserva Legal	Lucros Acumulados
Em 31.12.79	29.882	7.175	—	(34.522)
Capitalização de reservas	7.118	(7.118)	—	—
Redução capital AGE 05.09.80	(34.000)	—	—	34.000
Correção das contas	—	1.552	—	(265)
Resultado do exercício	—	—	600	30.233
Em 31.12.80	3.000	1.409	600	29.446
Distrib. dividendos AGO 30/4/81	—	—	—	(29.446)
Capitalização de reservas	2.000	(1.609)	(390)	—
Correção das contas	—	4.779	200	—
Resultado do exercício	—	—	3.301	62.721
Em 31.12.81	5.000	4.779	3.711	62.721

NOTAS EXPLICATIVAS

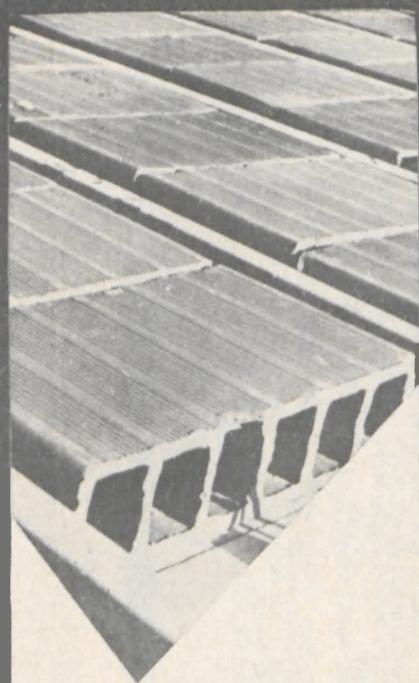
- As demonstrações financeiras foram efetuadas dentro dos critérios da Lei 6.404/76.
- As contas do Patrimônio Líquido e Ativo Permanente foram corrigidas de acordo com os artigos 39 e 47 do Decreto Lei 1.598/77.
- Os ativos realizáveis e os passivos exigíveis no prazo de um ano são demonstrados como circulante.
- Os estoques estão avaliados ao custo médio de aquisição, inferiores ao valor de mercado.
- O Ativo Permanente está representado pela conta Móveis e Utensílios no valor corrigido de Cr\$ 413 mil, menos depreciação acumulada de Cr\$ 54 mil.
- A depreciação sobre o custo corrigido é calculada às taxas legais pelo método linear e absorvida diretamente nos resultados.
- Capital social integralizado representado por 3.000.000 de ações ordinárias nominativas sem valor nominal.
- Em virtude de serem realizáveis em sua totalidade, a empresa deixou de provisionar prováveis perdas em sua carteira de Duplicatas a Receber.
- A empresa possui prejuízos fiscais de exercícios anteriores que servirão para compensação do imposto de renda do atual exercício.

NEVALDO ROCHA
Presidente

FLAVIO GURGEL ROCHA
Vice-Presidente

PAULO FERREIRA MACHADO
Diretor

FERNANDO CUNSI
Téc. Cont. CRC-SP-44.824



O PERFIL DE UM GRANDE CONJUNTO

São nervuras e blocos, formando a conhecida laje Volterrana. Mais economia de tempo e dinheiro, mais simplicidade na instalação, menos peso e muita qualidade é o que você terá quando colocar na sua obra lajes Volterrana.

Lajes Volterrana é uma qualidade nacionalmente reconhecida. E quem a fabrica em Natal é a Saci — Material de Construção. A Saci mantém um estoque permanente de lajes Volterrana e pré-moldados de cimento para pronta entrega.

Procure a Saci. O Departamento Técnico da loja lhe ensinará tudo sobre lajes Volterrana.



MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Rua Pte. Bandeira, 828
Tels.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN



EIT está partindo em busca dos petrodólares

A Empresa Industrial Técnica — EIT, abre novas fronteiras para consolidar seu prestígio entrando no mercado internacional e, para isso, parte em busca dos Petrodólares dos árabes, mais precisamente da Arábia Saudita. Os Diretores da EIT, José Nilson de Sá, Bolívar Gadelha e Renato Soares, já seguiram para Jeddah, capital daquele país, mantendo os primeiros entendimentos para poderem participar do plano quinquenal elaborado pelo Governo saudita que prevê aplicação de 250 bilhões de dólares no período 82/87, através da construção de portos, estradas de rodagem, estradas de ferro e construção civil e duas cidades.

Para se ter uma idéia de quanto os sauditas aplicarão no seu plano quinquenal, isso representa perto de cinco vezes a dívida externa brasileira. A EIT pretende, também, segundo seu Diretor-Presidente, engenheiro José Nilson de Sá, aproveitar a oportunidade e colocar os produtos da Maisa (sucos de frutas e doces) no mercado árabe. Para isso mostrário já foi enviado através da Embaixada Brasileira naquele país. Salientou

José Nilson: “Não estamos indo como aventureiros”. Para que a EIT pudesse alcançar a possibilidade de ingressar no mercado árabe, através de “joint-ventures” com outras empresas sauditas, foi preciso a “amizade” e o jeitinho brasileiro de encontrar sempre uma saída para qualquer problema.

Antes do Ministro do Planejamento da Arábia Saudita, Hishan Nazer, ter estado no Brasil, em março, a EIT começou negociações com a Arabian Construting Contractors. O Ministro saudita, na rodada de conversações com o Presidente João Figueiredo e o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, demonstrou interesse de que firmas brasileiras participassem do plano quinquenal além de facilitar o ingresso das empresas brasileiras nas obras a serem implementadas.

CAPACIDADE — Acha José Nilson que essa disposição do Governo saudita optar pelas empresas brasileiras, dando-lhes maiores facilidades, deve ser pelo know-how, capacidade de produção muito grande e uma grande afinidade entre os árabes

e brasileiros. A prova disso é que outras empresas já participam de obras no Iraque e na África e têm demonstrado perfeita sintonia e provado que "temos gabarito".

Os contatos mantidos com a Arabian Construting foram possíveis, porque um engenheiro potiguar, descendente de árabes, Nadin Lawar, quando cursava Engenharia na UFRN, estagiou na EIT. Mesmo recebendo convite para permanecer na empresa após sua formatura, preferiu ir para a Arábia Saudita, trabalhar na Arabian, onde um cunhado seu é Diretor. Com pouco tempo trabalhando na empresa árabe, Nadin consultou a EIT se esta tinha interesse em participar do mercado saudita. Daí começaram as negociações e, agora, a oportunidade de intercâmbio junto à Arabian, através de "joint-ventures" para participar dos vários programas em planejamento pelo Governo da Arábia Saudita.

Outra empresa daquele país — a M. Bimladin Organization — também consultada por Nadin, experimentou desejo de consultar a EIT, abrindo mais uma perspectiva para que os potiguares entrassem no mercado árabe.

Se a EIT entrar mesmo no mercado árabe não é nenhuma surpresa. Explica José Nilson: "Temos 30 anos de existência. Um capital de Cr\$ 3 bilhões e 500 milhões, mais de mil quilômetros de estradas feitas na selva amazônica, milhares de estradas pavimentadas no Nordeste. Um equipamento pesado considerável e um quadro técnico com 100 engenheiros". Por conseguinte, acha o diretor-presidente da EIT que a empresa tem consciência de executar obras de todos os níveis no setor em que ela é especializada.

AMPLIAR — Observou José Nilson que a perspectiva de se firmar na

Arábia Saudita tem também por finalidade a ampliação da faixa de atuação da EIT. Além de se mostrar sensível ao apelo do Governo brasileiro para exportar, por menor que seja a parcela de serviços, não deixa de ser uma colaboração ao Governo Federal. Por outro lado, as dificuldades de mercado de trabalho para engenheiros no Nordeste é muito grande e essa é uma boa oportunidade para proporcionar mais emprego. "Não estamos querendo com isso dizer que estamos esnobando, mas a realidade dos fatos é esta" — afirma ele.

Diante de um programa de 250 bilhões de dólares, onde estão sendo atraídas as maiores empresas do mundo, a EIT também estará lá, procurando novos horizontes e, com isso, capitalizar ainda mais o conceito das empresas brasileiras que atuam no ramo. Os contratos sauditas, segundo José Nilson, variam de obras e não de 300 a 400 milhões de dólares. A EIT pretende participar, caso tudo dê certo, na implantação de estradas de rodagem e construção civil, sua maior especialidade. As maiores obras brasileiras do gênero ficam em Cr\$ 60 bilhões e aqui no Brasil dificilmente um contrato como esse surge. Quando aparece é dividido para participação de várias empresas.

O maior contrato já firmado pela EIT — confirmou José Nilson —, até agora no País foi de Cr\$ 3 bilhões: "Se a investida no mercado árabe vai render alguma coisa nós não sabemos. Mas estamos com muita disposição e esperamos poder conquistar esse mercado".

Um detalhe a mais que foi cuidadosamente preparado pelos Diretores da EIT, a conselho dos árabes: não levar as esposas. Os sauditas não gostam de discutir negócios com mulheres por perto. Numa reunião desse tipo, somente homens participam e, por isso, os Diretores da EIT, foram avisados de que deviam viajar desacompanhados. □

A VERSATILIDADE EM MÓVEIS



A Modular apresenta a mais nova concepção em móveis de estilo. A versatilidade e o bom gosto somados a classe e a nobreza.

MODULAR comércio de móveis Ltda.
Av. Prudente de Moraes n: 623 Petropolis Fone 222 9129



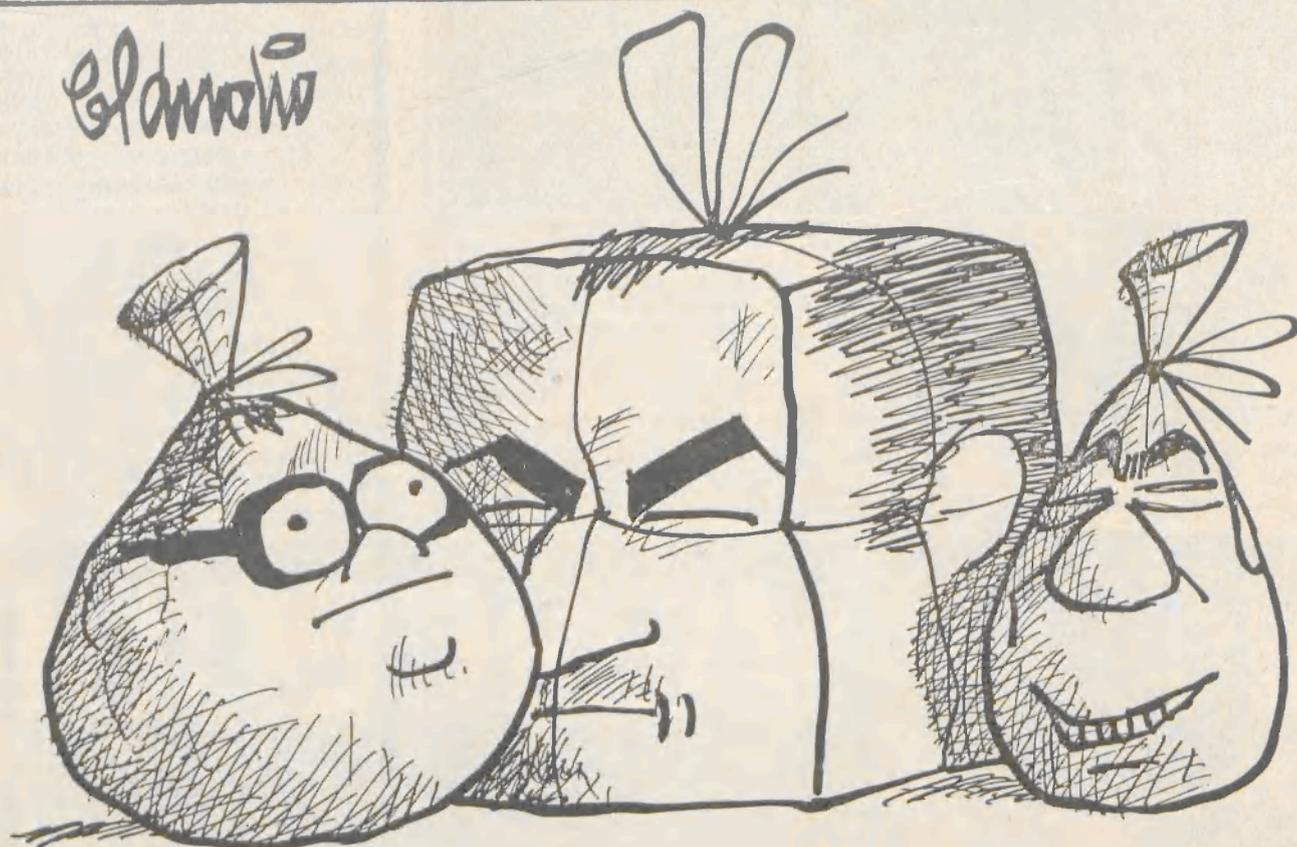
VENCEDOR

ESTAMOS ENTRE AS 100 MAIORES EMPRESAS DO ESTADO, OBRIGADO.

é café puro

Colorau Coração de Ouro Creme de Milho PL

Rua dos Paianazes, 1490 — Tels.: 223-4400/4401 — Alecrim — Natal-RN.





**SOBE O PREÇO
DO CIGARRO
CAI O
PREÇO
DO PULMAO**



MOLHO DE MEDALHÕES

ROSEMILTON SILVA

Danilo Menezes um dia me disse, abertamente, quando eu perguntava em brincadeira por que ele não iria para o ABC: "Com essa diretoria aí eu não entro". Teve a coragem de dizer aquilo que achava errado e que não condizia com sua personalidade, num programa dirigido por José Ari na Televisão Universitária. E virou comentário porque era uma questão que muita gente sabia, até mesmo nós, mas ninguém tinha a coragem de falar. Nós, porque não interessava e, jogadores, porque, certamente, tinham medo de perder o emprego.

Ora, tudo isso leva o torcedor, que não é burro e não se engabela com qualquer balela, a desacreditar dos dirigentes e, conseqüentemente, por tabela, do seu time. E aí vem o afastamento da torcida e os gritos de clamor dos dirigentes pedindo a volta do público. São pequenas questões dentro de todo o universo de bastidores do futebol, que nós, friso mais uma vez, contribuímos, até mesmo por conveniência ou respeito ao profissional do futebol, para que aconteça.

Nós temos um estádio que hoje já podia até mesmo estar superado em sua capacidade de público. Afinal, somos já seiscentos mil habitantes para apenas 33 mil lugares. A proporção é pequena e o que se vê são jogos vazios onde o bandeirinha pode até bater papo com um torcedor da arquibancada sem que o "barulho" perturbe a conversa.

O Alecrim, que sempre manteve uma torcida pequena com relação a América e ABC, está aí dando uma lição de como administrar bem o patrimônio que possui. Fez a tão sonhada "Vila Olímpica" do ABC, sem maiores alardes e com a venda de títulos garantida.

E agora esbanja dinheiro com contratações que poderão levar o clube, finalmente, a um título perdido há muito tempo atrás. E tudo está sendo muito bem administrado.

Quando dissemos que o América estava devendo aos seus jogadores nos jornais da cidade ninguém acreditava, porque o clube tem estrutura mais do que suficiente para manter seus contratados em dia. E aí está a explicação da queda brusca na eficiência técnica da equipe. Mas, por outro lado, há de se convir também que nós não temos craques para competir no Campeonato Nacional e, isso afasta o torcedor dos estádios e, conseqüentemente, a crise continua e vai se agravando a cada ano que passa. Quem vem levando o torcedor do América aos estádios são as três conquistas e isso empolga o americano que jamais viu em suas cores o título de tri-campeão.

É uma questão que vai fundo e de um "emaranhado labirintal (!)". Mas não tão difícil de ser resolvida,

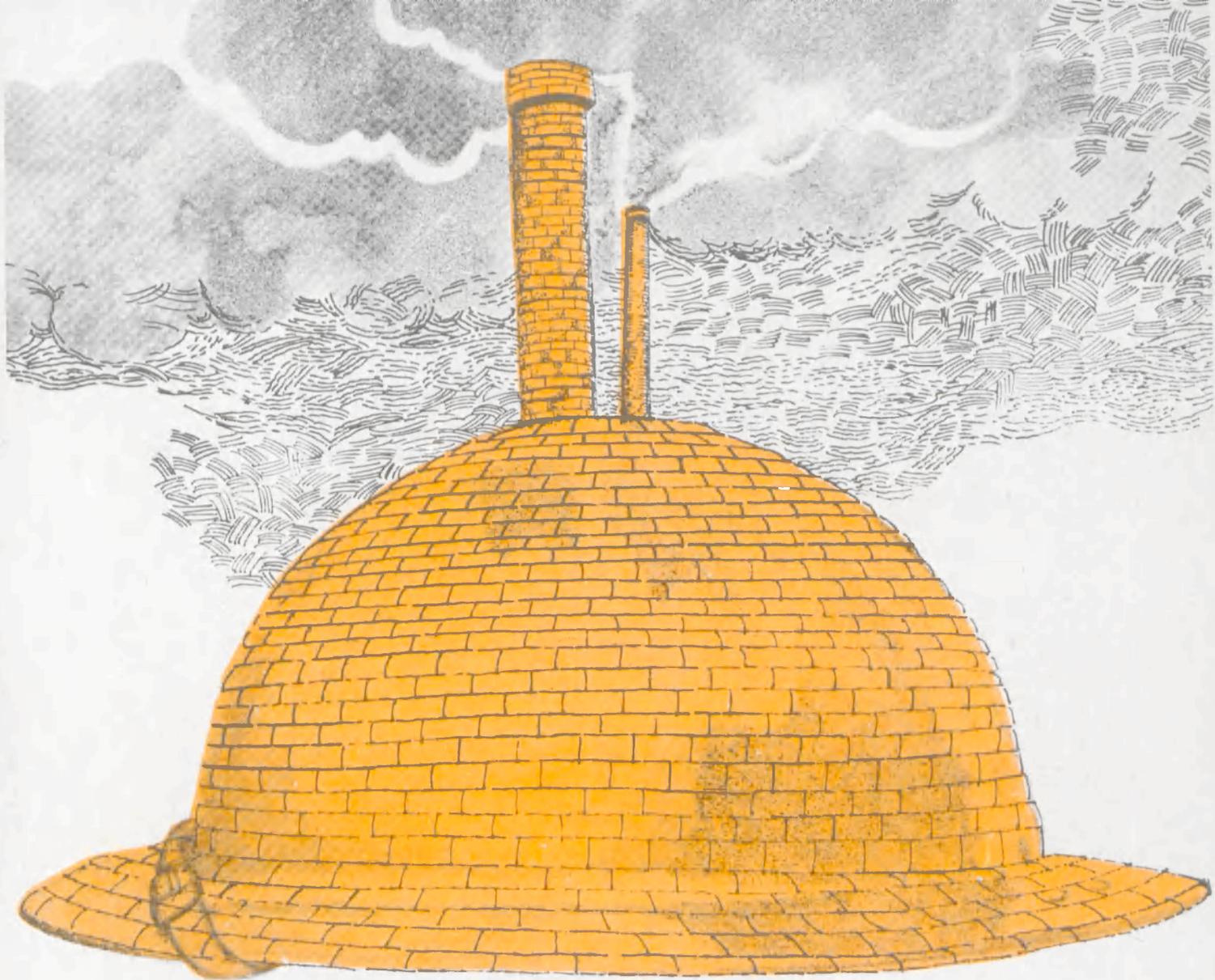
bastando apenas que os dirigentes se assentem para pensar com mais clareza. E dirão: "Sem dinheiro o que a gente pode fazer?" Não tudo, mas alguma coisa pode ser feita. Basta que todos sintam que há a necessidade de um equilíbrio e que as boas administrações são feitas com a reunião de todas as alas e até mesmo os jogadores podem participar indiretamente fora do campo e diretamente dentro dele. Porque o jogador com raiva de dirigente não ganha jogo nem ganhando um milhão.

Sabem os senhores que o nosso futebol anda mal de há muito tempo. E alguns me perguntam o por quê disso como se essas pessoas não soubessem, como se fossem inocentes e acreditando que eu, como homem do esporte, seja o distribuidor da sapiência e da ciência esportivas. O afastamento das torcidas dos campos de futebol é uma consequência lógica das péssimas contratações. Ninguém pode esconder que não temos cartolas sem o "molho da cartolagem". Temos desperdiçado dinheiro com indicações de jogadores que a torcida jamais ouviu falar e, pasmem, nós mesmos que militamos na crônica esportiva as vezes também.

É claro que o ABC é o termômetro da torcida potiguar, porque conseguia (eu disse conseguia) encher o Castelão até mesmo em jogos sem a menor importância; porque a torcida confiava na equipe e sabia que, se necessário fosse, os cartolas não mediam esforço para buscar algum jogador que o time estivesse necessitando.

Com os erros sucessivos das más administrações e a perda do título por três anos consecutivos afastaram o torcedor dos campos e a partir daí, o clube do povo enfrentou crise financeira e nem mesmo o bingo milionário resolveu a questão. O ABC vem fazendo uma política certa, utilizando os seus juvenis mas erra quando quer trazer um jogador que ninguém jamais ouviu falar, a exemplo de Pirullito. Mas o jogador que quer contratação espera que ela seja feita, pelo menos, com alguém que ele conheça.

Outro fator que afastou o torcedor do campo foram as brigas entre os dirigentes que deixaram de ser "promocionais" para assumirem proporções reais. Se fala muito e não se diz nada que convença a torcida. O papo furado hoje é a tônica da grande maioria dos dirigentes. Isso não leva a nada. O que faz o torcedor ir a campo é vitória, não importa quem esteja jogando. Não importa que sejam os velhos heróis de clubes do Sul ou os meninos das Rocas que tanto fizeram e hoje são desprezados porque os cartolas não estão preocupados em ver os jogadores da periferia, preferindo trazer um "craque com seus trinta e lá vai fumaça de anos nos costados" porque é um jogador de nome.



DIA DA INDÚSTRIA

Exatamente, dia 25 de maio é a data consagrada à indústria em nosso país. O Governo, a FIERN, as Entidades de Classe e a revista RN/ECONÔMICO vão participar dos eventos comemorativos desse dia festivo aqui, no Rio Grande do Norte.

RN/ECONÔMICO, edição de maio, será lançada no Dia da Indústria, enfocando, entre outros, os seguintes assuntos:

A indústria do RN no contexto do nosso desenvolvimento.

As informações, os números e os resultados das grandes empresas norte-riograndenses.

As linhas de financiamentos e os incentivos governamentais como suportes do sucesso empresarial.

O empresário, a política e a sociedade, na ótica de empresários do RN.

RN/ECONÔMICO vai escrever nesta edição o que você ainda não sabe da indústria do RN.

RESERVE SEU ESPAÇO O MAIS BREVE POSSÍVEL PELOS
TELEFONES 222-4722 e 222-8517

82 um ano político



Junto à nossa mensagem de sucesso, de vitória aos que vão se candidatar nas próximas eleições de novembro, RN/ECONÔMICO vem oferecer à sua candidatura o melhor padrão de qualidade em cartazes, folders, panfletos, anúncios para jornais, jingles e outros serviços de criação e arte que colocamos à sua disposição. Já é tempo de programar sua campanha eleitoral. Quem sai na frente quase sempre chega na frente. RN/ECONÔMICO está agora no seu novo endereço, à rua São Tomé, 421 Centro da Cidade perto do SESC e do SENAC, numa rua de fácil acesso e estacionamento garantido, telefone 222-4722, onde atendemos com presteza e pontualidade.

RN/ECONÔMICO
Gráfica (Off-set e Tipografia)